

ORIGINALS

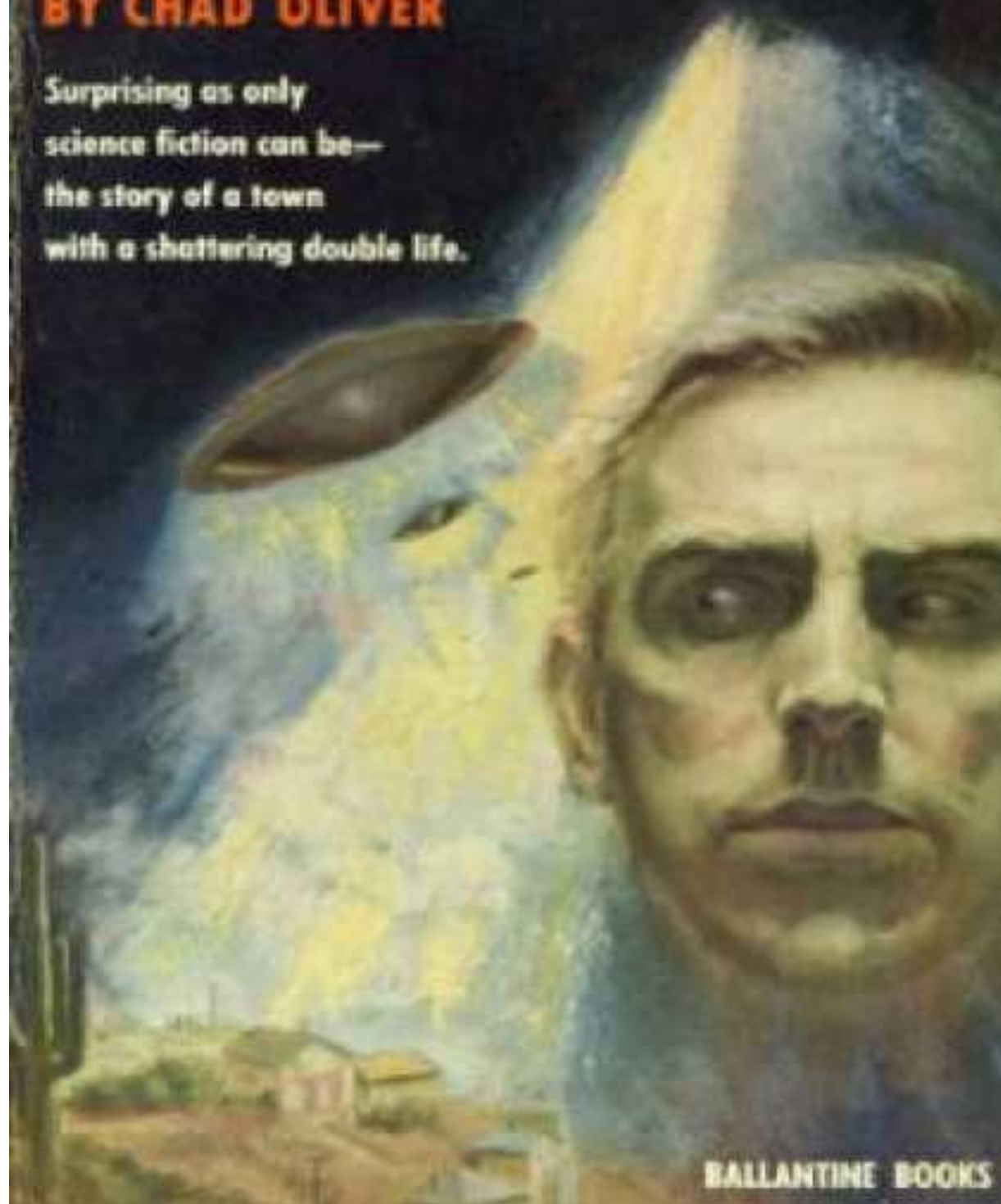


91

Shadows in the Sun

BY CHAD OLIVER

Surprising as only
science fiction can be—
the story of a town
with a shattering double life.



BALLANTINE BOOKS



O encontro entre os habitantes da Terra e os visitantes de outro planeta deveria ser um acontecimento histórico e marcado pela cordialidade. Mas, em uma cidadezinha do interior, onde aparentemente nada de extraordinário acontece, as especulações de um antropólogo, em sua hora de lazer, levantam uma suspeita que causa calafrios

Título original: ***Shadows in the Sun***

Copyright © 1954 by ***Chad Oliver***

Publisher: Ballantine

ISBN or book number: 91

Edition: 1954,

1st thus.Binding

CAPÍTULO 1

A princípio, Paul Ellery havia seguido adiante por simples obstinação disfarçada de curiosidade científica. Agora já não era assim. Agora tinha que saber.

Havia se instalado em frente a uma mesa do “Jefferson Springs Café”, em um canto solitário, como sempre fazia no Jefferson Springs. Não havia muito o que olhar no exíguo restaurante: um relógio encardido que estava atrasado exatamente seis minutos havia meses; um toca-discos automático com adornos berrantes descoloridos, um tanto estragado e já nas últimas; a inevitável gravura de Judge Roy Bean; um armário, cujos vidros esverdeados deixavam vislumbrar os usuais caramelos mornos.

Paul Ellery olhou ao redor com reprimido desespero. Afastou rapidamente seu prato com restos de um pedaço de frango frito “à francesa” e começou a desenhar círculos úmidos sobre a polida superfície da mesa, fazendo deslizar o fundo da sua caneca de cerveja.

Havia um aparelho de ar condicionado encaixado em uma janela, com um ventilador que soprava ar úmido. Ellery podia ouvir o ruído da água do encanamento que gotejava sobre o piso, no outro lado da parede. No salão a umidade era tal, que até a madeira estava impregnada. Com exceção do zumbido e do gotejar do ar condicionado, reinava silêncio absoluto. Tinha-se a sensação de estar em um porão, a várias milhas sob a terra e à espera de um terremoto.

Ellery tentou ignorar a presença daquele animalzinho indesejável que lhe produzia calafrios na espinha dorsal com suas múltiplas patas geladas. Tentou convencer-se de que o animal era imaginário. Repetiu para si mesmo que não havia nada que temer e tentou aparentar mais calma do que sentia.

Algo incrível estava acontecendo.

Corria o mês de agosto, uma quinta-feira. Estava em Jefferson Springs, uma cidadezinha de seis mil habitantes no estado do Texas, que pertencia aos Estados Unidos da América. Eram oito da tarde e fazia calor. Umas cento e vinte milhas ao norte achava-se a cidade de San Antônio, onde o Álamo havia dado lugar à Força Aérea. Sessenta milhas ao sul encontrava-se Paso del Águila, e em frente, do outro lado do rio, estava Piedras Negras, no México. Tudo parecia perfeitamente normal. Na realidade, Jefferson Springs dificilmente poderia ser uma cidade mais normal, mesmo se tivesse tentado. Aparentemente não havia motivo algum para alarme.

Terminou sua cerveja, que estava tão quente e pegajosa como o resto do salão. Considerou por um instante a possibilidade de pedir outra, mas desistiu da ideia. Em vez disto, com lenta deliberação, tirou um cachimbo que carregava sempre em seu bolso posterior, com o mesmo cuidado com que se carrega uma pistola calibre 45, e o encheu com tabaco que tirou de uma escura bolsa plástica.

Acendeu o cachimbo com um fósforo e depois partiu o palito pela metade e o sacudiu, com boa pontaria, dentro da garrafa de cerveja. Lançou então um anel de volutas de fumo apontando vagamente para a gravura de Judge Roy Bean e ficou observando como resistia ao embate do vento do ar condicionado.

"Que vão todos ao diabo!", disse em silêncio para ninguém em especial.

Era o único frequentador do "Jefferson Springs Café". Fazia sessenta e um dias que o frequentava e não tinha visto mais ninguém. Que lugar confortável e ameno!

Durante a primeira semana havia ligado o toca-discos religiosamente. Achava que era uma grande invenção técnica, que o ajudava a preencher o vazio reinante com uma aparência de vida. Mas como, de certo modo, tinha suas preferências pelo gênero popular, a música não tinha servido para acalmar seu sistema nervoso.

O toca-discos do café era um desses artefatos típicos de todas cidadezinhas do Texas. Nele podia-se ouvir um número limitado das mais conhecidas e anasaladas canções de vaqueiros, incluindo, claro, "A Rosa de San Antônio" e "Quando Minha Lua Azul...", e alguns velhos discos de Bing Crosby. Havia alguns blues com acompanhamento de saxofones e melodias pseudo-sexuais que acabavam por criar o inevitável anti-clímax em uma extravagante coleção de agonizantes peças de anos atrás, do repertório das bandas municipais, sem esquecer "O Cachorrinho na Janela" e "Até que torne a dançar a valsa contigo". E finalmente, por equívoco, uma velha gravação do sexteto de Benny Goodman: "Rose Room", que escutou dez vezes durante os primeiros oito dias, até que fartou-se.

Este disco, que por alguma razão não conseguia compreender, escapava do programa invisível. Não se tratava do fato óbvio e simples de que um disco assim estivesse fora de lugar em Jefferson Springs. O que chamava a atenção era mais a ideia de que ali se tivesse escutado música alguma vez; qualquer música. O esquema era sutil, mas sua simplicidade lhe permitia perceber e relacionar harmonias e detalhes aparentemente ínfimos.

Em outros lugares, Paul Ellery havia tentado, frequentemente, almoçar sem música industrializado ao fundo e, oh ventura! sem o incessante murmúrio de vozes humanas recitando com solenidade os velhos lugares comuns de sempre. Mas agora, confrontado com o silêncio total, achava esta experiência inesperadamente desagradável. O silêncio o coibia, o isolava; colocava-o no centro do cenário iluminado sem apresentador, sem orquestra, sozinho, e com a cortina a ponto de levantar-se.

Permaneceu em seu assento durante um lapso de tempo que lhe pareceu uma eternidade, fumando o cachimbo. Entretanto, os ponteiros do oleoso relógio elétrico pendurado acima da porta haviam avançado quinze minutos apenas. A porta sob o relógio conduzia a uma pequena saleta que se comunicava com a cozinha e com o sombrio e deserto bar. Escutou atentamente, mas não conseguiu ouvir nada.

A outra porta abria-se para a rua.

Tinha medo de sair.

Afastou a cadeira e pôs-se de pé, envergonhado de si mesmo. Dizia para si mesmo que não havia nada a temer.

Lembrava que uma vez, há muitos anos atrás, quando ainda era um menino, tinha ido ver "O Filho de Frankenstein" com outro garoto da sua idade. Depois da exibição, regressando para casa, tinham que atravessar o povoado à meia-noite. Durante todo o caminho, por turnos, um deles olhava para a frente e o outro caminhava ao seu lado de costas, para abarcar o maior raio possível de visão e precaverem-se de surpresas desagradáveis. Claro que eles não acreditavam nessas coisas; não estavam

precisamente acovardados. Sabem do que estou falando.

E agora experimentava a mesma sensação. Que poderia temer? Não tinha inimigos em Jefferson Springs, uma cidadezinha idêntica a tantas outras, que emergiam no alto da estrada ou se escondiam atrás de uma encosta.

Deixou um dólar e meio sobre a pegajosa mesa e saiu do café.

Uma vez fora, em contraste com a úmida penumbra do restaurante, recebeu o choque do calor, forte e seco como um tônico. Ainda demoraria para refrescar e a calçada queimava sob seus pés, mas o sol abrasador já estava em seu ocaso. Um farrapo de brisa se arrastava do deserto e tentava descer até a rua.

Deteve-se diante da branca fachada do café, refletindo. Era um homem corpulento, de seis pés de estatura e duzentas libras de peso; seus olhos castanhos denotavam perspicácia e decisão. Vestia a indumentária do lugar – camisa e calças caqui – um chapéu de feltro deformado e caído e botas de vaqueiro. Não levava armas à vista e não parecia um homem que se assustasse facilmente.

Jefferson Springs o esperava apazivelmente. O café estava situado no extremo norte da cidade, na rua principal, que era cortada ao meio pela ferrovia; nesse cruzamento erguia-se a minúscula estação e as plataformas de cargas. Longas fileiras de laranjeiras se estendiam aos lados das vias. A duas quadras de distância, à sua direita, Ellery podia ver as luzes do "Rialto", onde neste momento estava passando um filme de Mitzi Gaynor. Via também alguns faróis acesos e uns poucos automóveis que passavam vagarosamente, mas Jefferson Springs permanecia tenebroso e povoado de sombras.

Jefferson Springs. Para um observador casual, um lugar como qualquer outro. Uma cidadezinha que se atravessa no caminho para a cidade. Um lugar onde se pode encher o tanque de gasolina, caso encontrasse um posto de serviço aberto à noite.

Paul Ellery tirou as cinzas do cachimbo batendo-o contra o meio-fio. Havia lido muitos livros escritos por homens atraídos pelo mistério, pelo desconhecido. Havia explorado o Ártico, a África, o Egito, a Polinésia, a selva sul americana. Havia se equipado de telescópios e espectroscópios para observar o espaço, a Lua, Marte, as estrelas mais distantes. Havia inventado a eletro-encefalografia e tinham estudado o cérebro humano. Ninguém nunca se interessou por Jefferson Springs. Não era um lugar onde se pudesse investigar o desconhecido. Ali, nem sequer se poderiam obter dados para o conhecido.

Paul havia passado o verão em Jefferson Springs. Não somente havia vivido ali; ele a havia estudado. Tinha tomado notas, desenhado mapas e seguido indícios, porque esta era sua profissão. Havia feito perguntas e deduzido dados, de acordo com as respostas. Leu os jornais, examinou as notícias, iniciou reportagens. Comportou-se em Jefferson Springs como teria feito em um acampamento de esquimós ou em uma aldeia africana. E Jefferson Springs não cedia. Jefferson Springs não era o que aparentava. Jefferson Springs era... diferente. Algo desconhecido talvez? E por que não? Algo desconhecido e mais alguma coisa, possivelmente.

Olhou a estrada de cima a baixo. Não passava um só ser humano. Caminhou até a esquina, lentamente, e entrou no seu Ford. Introduziu a chave no comutador e ficou imóvel, sem saber aonde ir. Havia sido derrotado e se fosse outro homem haveria admitido isto e teria tomado outro rumo. Mas Paul Ellery era obstinado.

- O nó está desfeito – disse em voz alta, contemplando as ruas vazias -. Me pergunto o que aconteceu, por exemplo, no necrotério.

Agora as estrelas brilhavam sobre ele. Aspirava a fragrância das laranjeiras planta-

das ao longo das vias. Era um perfume solitário e nostálgico que o fazia pensar em Anna, lá em Austin, sua cidade, a menos de duzentas milhas de distância. Somente quatro horas de automóvel os separavam; se partisse agora, estaria ali pouco depois da meia-noite. O que o detia? Que estava fazendo em Jefferson Springs?

Sabia porém que não iria. Não poderia partir, pelo menos no momento. Não antes de compreender o que se passava.

Anos atrás havia lido umas linhas, o que havia decidido sua vocação. Uma vez mais voltavam à sua memória, como lhe ocorrera tantas vezes durante os últimos dois meses:

«O certo é que, gostemos ou não, conhecemos mais sobre os índios Crow que sobre o cidadão médio dos Estados Unidos. Sabe-se mais sobre as aldeias de Samoa que dos pequenos centros povoados da América. Estudamos mil vezes mais o que se refere aos esquimós que sobre o que concerne aos habitantes das localidades menos importantes deste mundo que chamamos civilizado. Quem vive nessas comarcas inexploradas que atravessamos em nosso percurso para as grandes cidades? Que faz essa gente, o que pensam, de onde vêm e para onde vão?

«Somente um punhado dessa cidadezinhas americanas foram estudadas cientificamente por um reduzido número de antropólogos e sociólogos, com vistas à cultura e ao progresso rural. O conjunto é tão magro que é insignificante. Os dados re-compilados desiludem, por serem tão insubstanciais. Conhecemos tanto do planeta Marte como de noventa e nove por cento do nosso país.

«Vamos às pequenas cidades, vilas e pequenos centro de estacionamento da América. Entremos neles com os olhos abertos, indaguemos a nós próprios e os estudemos com a objetividade com que estudaríamos uma tribo primitiva. Ninguém neste planeta poderia prever as surpresas que nos aguardam».

E então, ele havia chegado ao umbral de uma descoberta insuspeita, embora não fosse capaz de conciliar suas observações para entender seu sentido. Havia encontrado algo que o autor dessas linhas não poderia jamais sonhar.

Ligou o motor, acendeu os faróis e começou a andar ao acaso para escuras ruas. Atravessou o longo trecho da rua principal, sem saber exatamente o que buscava, sem saber com segurança se realmente desejava encontrá-lo. Passou diante da farmácia, aberta ao público mas deserta, deixou par trás o banco e o armazém geral, a joalheria e o "Rialto". O Rialto ostentava uma iluminação resplandecente, e Ellery detectou, sem ouvir, um fragmento de música metálica e o rumor de algumas vozes sonoras e mecânicas. Uma jovem limpava as unhas por trás do vidro da bilheteria.

Dobrou à esquerda, cruzou a linha férrea e continuou descendo até o outro extremo da rua principal. Ali a cidade tinha a mesma fisionomia, com variantes menores: outra farmácia, fechada, uma estação de serviço, um "American Club" reduzido atualmente a um vestíbulo, onde se jogava e especulava, e a uma sala de dominó, "El Café Chileno Caliente", um armazém de comestíveis, umas tantas casas e a igreja católica.

Dobrou novamente à esquerda e aproximou-se de um enorme edifício quadrado, a fábrica de gelo, fez o carro saltar novamente ao cruzar as vias e dirigiu-se para o bairro mexicano da localidade. Ali havia um pouco mais de vida: umas tantas luzes disseminadas, a risada de uma mulher e o débil dedilhar em um violão.

Paul Ellery estacionou junto a um beco, pôs o Ford em ponto morto e deixou o

motor funcionando. Voltou a encher o cachimbo e acendê-lo. Não queria voltar ao seu quarto de hotel. Não tinha coragem para passar outra noite sozinho, velando, tentando decifrar os dados incoerentes que havia obtido em Jefferson Springs.

Imaginou, por diversão, um título jornalístico:

*JOVEM INVESTIGADOR PÕE OS ERUDITOS EM APUROS:
MISTURA NO LABORATÓRIO UMA SÉRIE DE DADOS
CONFIRMADOS PELA CIÊNCIA, SEM RESULTADO ALGUM*

Sentiu que suas mãos estavam quentes. Já não fazia calor. Tentou analisar seu terror. Este se devia, em parte, aos meses de hostilidade aberta e encoberta por parte de Jefferson Springs. Também podia ser o resultado dessa empenhada investigação que não chegava ao fim imaginado. E também podia ter sua origem no esquema pressentido, esse esquema que não conseguia completar e que daria sentido aos seus mapas, catálogos e estatísticas.

Esse terror provinha de algo que era quase um pressentimento. Paul havia vivido toda sua vida no Texas, com exceção da sua passagem pela marinha e dois anos estudando na Universidade de Chicago. Conhecia a fundo seu terreno. Texas era multiforme, a despeito das imagens estereotipadas. A cidade costeira de Galveston era completamente diferente do distrito principal de Austin, sua cidade natal, assim como a pujante Houston era o oposto de Abilene, Amarillo, Fort Worth ou Laredo. Não obstante, feliz ou triste, um homem podia saber quando estava no Texas. Jefferson Springs não pertencia ao Texas. Não era do Texas. Nem sequer era estadunidense. Na realidade, não era nem mesmo...

Mas, em que estava pensando? "Volta à sanidade", disse a si mesmo. "Estás te excedendo".

Mudou o pensamento. Não voltaria ao hotel no momento. A solução que necessitava devia achar-se em algum lugar, em algum lugar tinha que haver uma resposta. Em algum lugar, mas... onde?

Existia uma possibilidade. Mudou a marcha e continuou pela rota principal até os limites da cidade. Dirigiu-se para o sul seguindo o caminho que conduziria eventualmente ao Paso del Águila e ao México, ao rio Nueces. O campo era plano mas ondulado e os faróis dianteiros descobriam na escuridão os retorcidos ramos de algarobas e espessas moitas. A temperatura havia descido sensivelmente e a brisa que entrava pelas janelas era fresca e vivificante. O Ford zunia pela estrada deserta. Adiante de Paul, as luzes traçavam um caminho através da escuridão precoce; atrás caíam as sombras noturnas que apagavam rapidamente o caminho luminoso.

Paul Ellery sabia com absoluta certeza de que havia algo tremendamente errado a respeito de Jefferson Springs. E se propunha a descobrir o que era.

CAPÍTULO 2

A cinco milhas da cidade, afastou-se da estrada e dobrou à esquerda. O carro roncou e seguiu por um caminho pavimentado que corria entre a terra arada. O céu estava coberto de estrelas.

Paul Ellery ligou o rádio do carro achando que isto o acalmaria. Ouviu um estridente zumbido e apareceu no mostrador uma luzinha amarelada. Ao comprar o carro, não tinha podido adquirir um modelo melhor e havia instalado, de qualquer jeito, um rádio acessível ao seu bolso, que tinha seus altos e baixos mas funcionava. O aparelho começava a esquentar e a primeira estação que captou foi, naturalmente, uma dessas estações com o correspondente no Texas e a emissora no México, que levava adiante, agressivamente, seus pequenos negócios.

- Amigos, sim senhor, vou lembrá-los esta noite da nossa oferta especial; minha filha e eu estamos oferecendo aos nossos ouvintes o maior livro de hinos religiosos que já tenham visto em suas vidas. Este formoso volume, que proporcionará a vocês horas e dias de prazer e consolo, mede dois pés de comprimento por um pé de largura. Sim senhor, falamos em pés, e não esqueçam que há doze polegadas em um único pé. E agora, antes que minha filha cante um desses grandiosos hinos especialmente para vocês, permitam-me que lhes mencione o preço deste gigantesco livro de hinos. O preço é o melhor de tudo, meus amigos, e lembrem que graças a suas contribuições, pode manter-se no ar esta emissora da fé de...

Ellery trocou de estação e achou uma audição transmitida em cadeia de San Antonio:

- Oh, oh! - música pop - E nosso próximo interlocutor, cujo nome é Ambrose Ernest, é nada menos que de Sulfur Creek, Colorado - muitos aplausos - Então, amigo Ernst. Está um pouco nervoso, não é verdade? - gargalhadas - Oh não! Senhor Ernest, então você pode me dizer, por duzentos e sessenta e seis dólares, sob que nome William Frederick Cody se fez famoso no Oeste? - uma longa pausa - O que você disse? Um pouco mais alto, por favor... - um murmúrio - Billy the Kid não é a resposta correta... - suspiro - Mas não queremos que saia ainda...

Ellery desligou o rádio. Apesar de tudo, havia conseguido seu propósito imediato e sentia-se mais tranquilo. Era tudo tão extremamente prosaico! A aprazível caminho campestre, a noite, o rádio... Como podiam coexistir um terror sutil com os livros de hinos de dois pés de comprimento? Que horror podia ter cabimento na pátria de Am-

brose Ernest, de Sulfur Creek, Colorado?

Avançou pela velha ponte barulhenta que cruzava o rio Nueces, dobrou bruscamente à direita e seguiu pela costa. O caminho era agora pedregoso e os pneus do Ford gemiam sobre o caminho; não obstante, não foi necessário diminuir a velocidade. Uma alameda bloqueou a vista do rio à sua direita e um campo de pastagem cercado estendia-se à sua esquerda na escuridão. Cada vez se aproximava mais do caminho do rancho.

Na realidade, que tinha Jefferson Springs de alarmante? Paul Ellery disse para si mesmo mais uma vez que não era homem de imaginação solta, e que jamais havia se sentido atraído por especulações esotéricas. Ele era um antropólogo dedicado ao estudo da vida nas comunidades, um pesquisador, um professor. Era cético, não pela carreira que havia escolhido, mas por temperamento. Só acreditava nos fatos e se distinguia pelas comprometedoras perguntas que era capaz de formular com o fim de obter boas respostas. Estava acostumado a ter razão, e esquecia com rapidez seus equívocos, muito raros. Isto o levava a agir com uma teimosia cínica, que era desculpável pois era dotado de um vital senso de humor e de uma personalidade amável e sem pretensões. Por nada deste mundo se sentiria inclinado a ver fantasmas. Paul descartava, pois, espontaneamente, o fator sobrenatural.

Fez um resumo mental do problema e decidiu-se a seguir em frente, deixando de lado os detalhes inúteis.

Sua situação era a seguinte:

1. Quando havia se decidido por Jefferson Springs como ponto de partida para seus estudos sobre a vida em comunidade, e tendo obtido uma bolsa da Fundação Norse, de Nova Iorque, para levá-los adiante, havia se confrontado com a hostilidade dos seus habitantes. Em circunstâncias normais, em casos semelhantes, o antropólogo se afastaria do lugar determinado a poucos meses e procurava recuperar o tempo perdido em algum povoado similar. Mas Ellery obstinou-se em prosseguir. Não queria dar gosto ao adversário e sentir seu desprezo.

2. Depois das primeiras semanas, os habitantes de Jefferson Springs haviam mudado de tática. Já não se negavam a falar; faziam-no voluvelmente e com aparente boa intenção. Havia respondido todas as suas perguntas. Infelizmente não se podia acreditar em uma só palavra do que diziam.

3. Não havia uma só pessoa na localidade que tivesse mais de quinze anos residindo ali. A população era constituída por seis mil habitantes. A cidade se mostrava ante o forasteiro como se estivesse se recuperando de alguma calamidade, de algum desastre, mas não era uma cidade fantasma, evidentemente. Havia sido habitado, sem intermitência, há cento e trinta e dois anos. Não se registravam catástrofes de espécie alguma, revoltas sociais, pragas, colheitas perdidas, nem nada semelhante.

4. Em resumo, tudo fazia presumir que a população atual – esses seis mil habitantes, entre homens, mulheres e crianças – estava ali em substituição a outra. Os autênticos cidadãos haviam tomado a decisão de irem-se, um a um. Os últimos haviam partido há muito poucos anos. Ao mesmo tempo, outras pessoas, diferentes, haviam se dirigido para ali. Nenhum deles havia morado em Jefferson Springs a quinze anos atrás e a maioria se havia instalado a menos tempo. Era uma população inteiramente nova.

5. Se fosse levado em conta o apego dos habitantes do Texas, em geral, por sua terra natal, a idiossincrasia de quase todos os membros dessas antigas famílias tão

decididamente aferradas ao passado, e um milhão de fatores mais, uma substituição assim era inexplicável, impossível.

6. Mas os fatos eram estes. Que diziam os eruditos sobre isto? Nada? A única coisa que Paul podia fazer sobre isto era lamentar.

7. A cultura local, descrita por seus informantes, quando se resolveram a conversar, era um encantador exemplo de um livro sobre o que deve ser um pequeno povoado do Texas. Cada coisa, segundo eles, se achava em seu verdadeiro lugar e na quantidade ideal. Exatamente como se alguém houvesse lido que em cada quatro habitantes três usavam clorofila e, saindo a uma rua movimentada, tivesse ocasião para comprová-lo, “um, dois, três” destes usam clorofila, este não, e este último está consciente de que é o quarto. Um, dois, três, com; um não. A regularidade de um relógio. E uma exatidão infernal.

8. As pessoas que moravam em Jefferson Springs não pareciam verdadeiras. Paul Ellery teria jurado que não eram genuínos. Diziam as frase corretas nos momentos corretos, mas careciam de espontaneidade. Representavam um papel. O cenário era autêntico e eles sabiam seus papéis de cor, mas a obra era uma fraude. Era uma lavanderia sem sabão.

9. Por que?

Chegou ao portão do rancho de Thorne e deteve o automóvel. Deixou os faróis acesos, desceu e tirou a barreira de madeira que fechava a entrada. Empurrou-a para trás, passou com o carro, empurrou o portão novamente e fechou a tranca. A noite estava muito serena. Só se ouviam as rãs coaxando sua antiga canção no Nueces e o suspiro leve da brisa através dos campos. As estrelas brilhavam com dura luminosidade de diamante. Não havia lua.

Entrou com o Ford em uma pista enlameada, com cuidado. Depois de uma milha de caminho, encontrou-se na curva superior de uma colina e, dali, contemplou as construções do rancho mais abaixo, à frente dele. A escuridão reinava ali; não se via uma só luz. Ou seus ocupantes dormiam, ou haviam saído, ou viam no escuro. A situação mental de Ellery o inclinava para esta última suposição. Na realidade, já havia observado que em Jefferson Springs a iluminação noturna era notavelmente escassa. Toda a cidade permanecia nas trevas e, se saía da rua principal, só excepcionalmente se via uma janela iluminada depois das oito ou nove horas. Significaria algo, isto?

Freou e estacionou no pasto junto ao caminho. Desligou o motor, apagou os faróis e meditou, pondo seus pensamentos em ordem. Embora algo importante estivesse ocorrendo no rancho, não tinha desculpa nem autoridade suficientes para vagabundear à noite em um terreno cercado. Era tão urgente sua missão para justificar essa intromissão e tirar seus moradores do leito? Que lhes diria? Teria gostado de inspecionar antes os arredores, antecipando-se a qualquer preparativo, mas quem procedesse assim, expunha-se a receber um balaço em qualquer rancho, fosse ou não misterioso.

Não se deteria. Não tinha opção. Não havia outro caminho. Sentado em seu Ford, escutando a canção incentivadora e familiar das rãs, admirou as estrelas tão nítidas no ar leve como o fumo.

Melvin Thorne era um texano corpulento, tosco, que falava suavemente; melhor dizendo, parecia sê-lo. Ellery havia decidido duvidar de todos. Ninguém, disse a si mesmo, pergunta sobre o que é óbvio. Não obstante, ele estava decidido a fazê-lo: partir do óbvio lhe parecia um recurso indicado para perturbar alguém muito seguro

de si mesmo. Thorne era uma espécie de líder em Jefferson Springs. Nem rico nem pobre, gozava de algum prestígio. Havia se mostrado bastante cordial com Ellery na primeira entrevista e lhe havia expressado seu desejo de voltar a vê-lo por ali. Ainda mais, havia lhe sugerido, mais ou menos claramente, a ideia de que se chegasse a se cansar de andar perdendo tempo com os livros, poderia encontrar um trabalho honesto no rancho.

A informação que obtive de Thorne sobre o rancho era uma versão vulgar, idêntica à que recebeu de Jim Walls, que morava perto do lago Comanche. Como de costume, era demasiado idêntica. Uma cópia carbono.

Ellery ia tentar um novo método: tangiversaria os dados que lhe dera Jim Walls, de modo contraditório a todas as informações de Thorne e então interrogaria a este desapidadamente, exigindo-lhe uma explicação por tal discrepância. Não era grande coisa, mas talvez este recurso o levaria a algum fio condutor.

Continuava na escuridão e se sentia um pouco tonto. Tudo era tão incongruente, tão irreal! E o que complicava o problema era que não parecia um problema. Se não fossem suas anotações, que consultava constantemente, Paul teria duvidado da sua própria imaginação e teria temido buscar pretextos para justificar um trabalho descuidado. E onde estava o mistério? Ali não haviam castelos tenebrosos, assassinatos, trovões e relâmpagos, médicos loucos ou uma formosa protagonista em perigo. Só uma aprazível noite de verão em uma rota campestre; somente um rancho adormecido e rãs no rio. Só a terra, o ar e as estrelas.

Foi neste preciso instante que teve aquela sensação. A princípio não pode reconhecê-la. Endireitou-se, repentinamente tenso. Crispou as mãos sobre o volante, pronto para arrancar. Por acaso estaria ocorrendo algo mau? Escutou. Só ouviu a brisa e as rãs distantes. Olhou. Viu o rancho, escuro e deserto, rodeado de terra, em meio à noite constelada de estrelas.

E algo mais.

Conteve a respiração. O coração subiu á garganta. Levantou a vista acima do caseiro, até o céu noturno. Algo acontecia, com efeito, algo enorme. Paul Ellery respirou com força. Sentiu o suor na sua fronte e a viscosidade das suas mãos no volante. Abriu a porta do carro lentamente e pôs os pés no caminho lamacento. Livre da distorção do para-brisas, olhou para cima mais uma vez. Aquilo continuava no mesmo lugar. Não estava assustado pelo que via, e sim pelo que não via. Na realidade, não via absolutamente nada, mas sentia uma presença estranha no firmamento. Continuou olhando para cima, apesar da dor no pescoço. Era uma noite claríssima, não devia esquecer. Não havia uma noite no céu. A lua já estava saindo, mas ainda não interferia com sua visão. Milhões de estrelas brilhavam na escuridão, exceto, claro as que estavam escondidas.

Eis o que ele via: uma massa escura sobre sua cabeça, que cobria as estrelas. Podia detectar seu contorno nitidamente, mas não podia dizer que a via, exatamente: a borda era comprida e delgada, quase pontiaguda em um extremo e arredondada no outro, calculou um comprimento de quinhentas jardas, aproximadamente, embora, por ignorar a altura em que se achava, era muito difícil acertar. Pendia no céu, imóvel, sem ameaçar nem prometer. Simplesmente estava ali.

Paul Ellery nunca soube dizer quanto tempo permaneceu no caminho, mas sabia que havia sido um longo tempo. Finalmente foi premiado com a visão de um silencioso fulgor embaixo da sombra cilíndrica. Uma sombra de menor tamanho se desprendeu da primeira e começou a descer. Dirigia-se, sem sombra de dúvidas, para o ran-

cho de Thorne.

O primeiro impulso de Paul foi de fugir. Sentia-se indefeso, sozinho; pior ainda, insignificante. Mas manteve sua posição. Sua oportunidade havia chegado. Se a deixasse passar, nunca voltaria a dormir em paz. Permaneceu na maior quietude, esperando.

Agora via com mais clareza aquela forma descendente: era uma esfera sem traços determinados, de uns dez pés de diâmetro; uma enorme bola de metal. Aterrizou sem o menor ruído no pátio da casa de Thorne, a menos de um quarto de milha do Ford de Ellery. Desceram cinco figuras, em silêncio. À luz da lua nascente pôde ver que uma delas era, sem sombra de dúvidas, o rancheiro Melvin Thorne. As outras quatro, pelo menos à distância, eram desconhecidas para Ellery: um homem, uma mulher e dois meninos. Entraram na casa e fecharam a porta após passarem. E, coisa estranha: acenderam a luz.

O globo de metal zumbiu levemente, voltou a flutuar no ar e depois reuniu-se à sombra compacta. Houve um relâmpago tão tênue que Ellery duvidou de tê-lo visto e depois mais nada. A sombra desapareceu do firmamento e as estrelas apareceram, cintilantes.

Paul Ellery voltou ao carro e fechou a porta cuidadosamente. Estava aturdido e tinha que se esforçar para deter o tremor das suas mãos. Olhou para o relógio: eram dez e meia. Não podia pensar; tudo carecia de sentido. O mais importante para ele nesse momento era organizar seus pensamentos. Devia fazer rapidamente uma cura do sentido comum, sair por um momento do clima de loucura em que se encontrava, um clima insuspeitado. Sentia-se como um animal, como um rato num labirinto. Talvez não estivesse com o juízo são esta noite. Tinha pensado muito nos últimos dias e muitas pequenas fadigas e desvelos podiam unir-se e imediatamente explodir com violência aterradora. Sempre se havia considerado um homem prático. Não tinha, aparentemente, o tipo dos heróis. No entanto...

Eles o tinham manobrado como a um idiota. Isto o aborrecia demais.

Controlou o aluvião de pensamentos com mão férrea, negando-se a deixar que o pânico o dominasse. Pôs o motor em marcha. Acendeu os faróis ao máximo. Com grande estrépito conduziu o Ford em linha reta e a toda velocidade para a casa. Ou fazia aquilo ou ficaria louco. Havia se dirigido para ali para fazer algumas perguntas a Melvin Thorne e isto era precisamente o que faria agora.

CAPÍTULO 3

Ellery chamou à porta. Sentiu as batidas do seu peito e lhe pareceu que o mundo inteiro tinha parado de respirar. Uns passos pesados retumbaram no interior da casa e se dirigiram para a porta. A porta se abriu.

Melvin Thorne apareceu na amarelada faixa de luz. Não podia parecer menos misterioso. Era um homem mais alto que Ellery. Devia medir cerca de nove pés, e seu peso com certeza não era inferior a duzentas e vinte libras; dava a impressão de ser sólido como uma rocha. Seus cabelos castanhos, permanentemente ocultos pelo chapéu que protegia seus olhos pálidos da ardente luz solar, começavam a rarear. Vestia, como todos, calça caqui, uma camisa brilhante aberta na frente e botas. Estava sem se barbear. “Uma perfeita imitação”, pensou Ellery.

- Olá, Paul! - disse Melvin Thorne. Sua voz era lenta e amistosa e o acento local era inconfundível -. Em que posso servi-lo a estas horas da noite?

“Devagar, vá com calma”.

- Gostaria de acrescentar algumas perguntas ao meu interrogatório da vez passada, senhor Thorne – disse Paul com a maior amabilidade, - se me conceder uns minutos.

- Pode me chamar de Mel – disse Melvin Thorne. Fez uma pausa. - Está muito tarde – insinuou.

- Sei que não é uma hora adequada para visitas, Mel, mas agradeceria infinitamente sua ajuda. Estou metido em um assunto que está me deixando louco.

- Ora, Paul, isso seria uma lástima. - Ellery não respondeu. Suas mãos estavam úmidas. - Adiante, filho – disse Thorne com um sorriso. - Uns minutos a mais ou a menos não têm importância e dar uma mão não faz mal a ninguém

Ellery seguiu Thorne para o interior da casa e viu que ele fechava a porta com chave. Fez que não viu. Que necessidade tinha um homem, em sua própria casa, de fechar o ferrolho? Por que um homem...?

A casa parecia deserta. Onde haviam se metido os quatro seres que haviam descido da esfera com Thorne? Escutou atentamente, mas a única coisa que ouvia eram suas próprias pisadas e o ruidoso tique-taque de um relógio que pendia da parede do vestibulo. A casa era como todas as que havia visto nos ranchos do Texas, ou seja, era uma casa típica. Não se viam na mobília rodas de carroças, peles de búfalo nem ferraduras. As casas eram confortáveis e nada pretensiosas. Era a casa adequada para representantes da classe média rural, gente simples e asseada que devia frequentar a cidade no sábado e a igreja nos domingos. O ambiente era digno e formal.

Como era de se esperar, Thorne o fez passar para a cozinha. Ali estava, em um

canto, a enorme geladeira das fazendas; havia um fogão de ferro contra a parede, armários para as vasilhas e uma mesa de madeira muito usada e coberta por uma toalha quadriculada em branco e vermelho. Sentaram-se junto dela. O saleiro e o pimenteiro tinham inscrições apagadas: "Estou cheio de SAL branco e bonito; alguns usam muito e outros pouquinho", "Estou cheio de PIMENTA, não me sacuda; quem não é muito moderado, sua logo". Poderia imaginar-se algum mistério neste ambiente?

- Café? - perguntou Melvin Thorne.

Ellery aceitou com prazer. Thorne serviu o café de uma grande cafeteira negra. "De onde saiu o café?", perguntou-se Ellery, intrigado. "Quando foi preparado?" Ingeriu o café de um gole. Estava no ponto, mas não demasiado quente. Decidiu consigo mesmo que Thorne devia tê-lo posto para requeentar quando ouviu que chamavam à porta.

Thorne fez uma careta

- É um café muito pobre – comentou, - a patroa não se sentia muito bem esta tarde. Além disso, você sabe como são as mulheres, todas fazem o café fraco. Minha opinião é que quanto mais forte, melhor. Ninguém pede café para saber que gosto tem a água.

- É isso – concordou Ellery, procurando uma forma de entrar no assunto.

Que diria a esse homem? "A propósito, Mel, sabe em que eu estava pensando? Se você não seria um marciano". Possivelmente não adiantaria muito desta forma.

Olhou para seu companheiro firmemente. A expressão do outro era sorridente e não sugeria nada especial. A casa estava tranquila. O velho relógio continuava com seu imperturbável tique-taque. Quatro seres haviam entrado com Thorne, quatro seres haviam descido do céu. Onde estavam? Escondidos atrás da porta? Debaixo da cama? Em uma passagem secreta? A situação era absurda. Quanto à nave...

Ellery mordeu os lábios com força. Estava farto de se debater no mato. Estava assustado, inseguro e confundido pela primeira vez na sua vida, mas tinha que escolher entre duas soluções: ou continuar a farsa, transcrevendo os dados obtidos em Jefferson Springs – embora soubesse que eram falsos – e passar a outro assunto, ou criar coragem e perseguir a verdade, desse no que desse.

Sorriu. Sabia bem que não tinha opção.

- Mel – disse, - conto com você.

Thorne se serviu de outro café e tornou a encher a xícara de Ellery. Estava espumante e decerto estava bem melhor.

- Ficaria encantado se pudesse ser-lhe útil. - voltou a confirmar Thorne – Não pretendo entender dos seus assuntos, mas conheço mais a Jefferson Springs que tudo.

Ellery inclinou a cabeça, aprovando, e começou o ataque:

- Mel, nunca notou algo... estranho, peculiar, em Jefferson Springs?

- Não sei se estou realmente compreendendo sua pergunta.

- Não me compreende?

- Não sei... Por exemplo, há essa mulher de Pebbles, perto do colégio secundário. Eu seria o último a suspeitar da sua saúde mental, mas a verdade é que está completamente louca. Eu vinha passando pelo caminho e, de repente, em plena luz do dia, a encontro inteiramente nua, tão nua como Deus a trouxe ao mundo, arrastando um velho rastelo.

- Não me refiro a esse tipo de peculiaridades, Mel.
- A que se refere então?

Ellery procurou apoio em seu mecanismo defensivo favorito: o cachimbo. Estava fumando em excesso nos últimos dias, mas isto lhe permitia concentrar-se em seus pensamentos e o fazia parecer ocupado, quando na realidade não estava fazendo nada. Acendeu então o cachimbo, depois quebrou o fósforo e deixou-o no prato úmido.

- Este é o tipo de peculiaridade que me interessa, Mel: - pronunciou com lentidão
- Nunca lhe aconteceu achar-se em um lugar onde haviam coisas inusitadas, embora não pudesse captar o que se passava?

«Uma vez, por exemplo, não longe daqui, perto de Sabinal... Eu descia a costa montado em uma égua aleijada. Era a tarde mais tranquila e aprazível que você possa imaginar. De repente, a égua afastou-se do lado que não podia ver, com tal violência, que quase me arrancou da sela. A única coisa que pude recordar depois é que ela corria em disparada, como um demônio escapando do inferno.

Thorne pôs-se a rir.

- Isso não tem importância, - disse – talvez tenha visto uma víbora ou algo desse tipo, e se assustou. Acontece com frequência.

- Suponhamos – sugeriu Ellery – que não houvesse uma víbora nem algo do tipo. Suponhamos que não houvesse nada.

Thorne encolheu os ombros.

- Estava agitada, filho. Que tem isso de especial? Você nunca fica agitado?
- Às vezes – admitiu Ellery. Olhou objetivamente o homem que o enfrentava – Tenho uma impressão indefinível de Jefferson Springs, quase desde o momento da minha chegada. - prosseguiu – Na realidade, trata-se de algo mais que uma simples impressão. Estou absolutamente convencido de que há algo diferente neste lugar.
- Diferente? - seguiu-se um longo silêncio – A propósito de Jefferson Springs?
- Nunca notou isto, acho.
- Não posso dizer que sim. Temos o prefeito Cartwright; ouvi dizer que é um pouco escorregadio, mas, acima de tudo, um político. Dizem que se encontram muitos desse tipo em Washington hoje em dia e não me surpreenderia que se pudesse ver algo assim por aqui.

Ellery lançou um indefinido anel de fumaça na direção do saleiro. Evidentemente Thorne não caíra na armadilha. Negava-se a tocar no tema do assunto. Era um ator excelente. Paul Ellery começou a perder a paciência e decidiu-se, sem perder mais tempo, a proceder com brusquidão: uma frase como um golpe e que acontecesse o que tivesse que acontecer. Ninguém havia lhe causado dano, diretamente, em Jefferson Springs, e enquanto não se sentisse encurralado, prosseguiria com sua investigação.

Inclinou-se para a frente.

- Vou por as cartas na mesa, Mel. - disse com firmeza – Eu estava no caminho de entrada do seu rancho quando você regressou para casa, esta noite.

O silêncio fez-se denso. Lá fora, um ventinho estival sussurrava no campo.

Thorne escutou sem pestanejar.

- E o que é que tem isso?

Ellery respirou fundo.

- Você desceu do céu – disse.

As palavras brincaram pela cozinha, procurando um lugar para assentar.

- Não estou entendendo, meu filho, em absoluto. O que você está insinuando?

- Quatro pessoas o acompanhavam – continuou Ellery tenazmente: - uma mulher, um homem e dois meninos. Todos entraram na casa.

Melvin Thorne sorriu brincalhão, sentindo-se firme, confiante e à vontade.

- Isso é uma brincadeira, Paul, ou você esteve beijando alguma garrafa? Então eu caí do céu!

Ellery continuou falando. Parecia estar dando voltas em um moinho, interminavelmente.

- Você desceu de uma esfera de metal. Eu vi. Por favor, me diga o que está acontecendo.

Sentia-se idiotizado pelo esforço, convertido em uma furadeira automática. Ou talvez se sentisse desse modo para proteger a si mesmo com a melhor defesa do mundo: o temor do ridículo.

- Não está falando sério, meu filho. Sirvo mais café?

- Obrigado. Estou falando com a maior seriedade. Maldito seja! Você sabe que estou falando seriamente.

Thorne riu abertamente:

- Uma esfera? Não há nenhuma esfera no meu pátio. Só tenho um velho tanque de óleo no galpão, se é que isto lhe serve para alguma coisa.

Ria, nada mais, disse Ellery para si mesmo.

- Pega um resfriado e adoece de pneumonia – disse em voz alta. - Nas profundezas a água corre mansamente. Nem tudo que reluz é ouro.

Thorne o olhou, e seus olhos pálidos refletiam inquietação:

- Não está no seu juízo perfeito, Paul.

- Nem você, tampouco.

- Se está convencido de que há uma dessas esferas no pátio, vamos dar uma olhada. Se encontrar alguma eu lhe dou. Você a guarda, leva para casa se quiser

- Não disse que estava agora em seu pátio. Disse que havia descido no pátio com vocês dentro. Disse que você e mais quatro pessoas vieram lá de cima. Não faça piadas, Mel, eu sei o que vi.

Thorne encolheu os ombros.

- Se você diz... Então, não tenho mais remédio senão dizer-lhe a verdade - sorriu e continuou, suavemente – O caso é que costumo arriar o gado em cima de uma panela voadora. Costumo alternar minhas tarefas e às vezes uso o jeep, outras vezes monto a cavalo e, frequentemente, uso esse prático veículo que vi em um catálogo e que comprei por correspondência. São bastante elegantes. Pena que costumo cair de cabeça quando tento amarrá-la.

- Basta, Melvin – disse Ellery.

- Só queria entrar no clima, disse.

- Oh, eu estou profundamente agradecido... - Paul Ellery pôs-se de pé com os punhos apertados. Olhou o homem corpulento face a face – Contudo, quero que saiba uma coisa.

Melvin Thorne também havia ficado de pé.

Ellery prosseguiu:

- Quero que saiba que não acredito numa só palavra do que ouvi nesta casa. Não acredito em uma só palavra do que me disseram em Jefferson Springs, desde que cheguei. Não acredito em Jefferson Springs. Eu o vi descendo de uma espécie de esfera de metal esta noite, exatamente no seu pátio, e também vi a nave no ar. Não sei que diabos isto significa, mas estou resolvido a descobrir. Não tenho o menor interesse em receber seu tratamento carinhoso e adequado a uma criança de dois anos. Quero que saiba que não irei embora deste lugar até que encontre a solução, embora perca a vida por isto. E dispense-me do sotaque do Texas, por favor: ele fede.

O texano olhou para ele:

- Você se expressa de uma forma muito inconveniente, filho. Não sei o que ensinam nas escolas hoje em dia, mas não me parece que ensinem urbanidade.

- Pare com isso já. - disse Ellery – Não está enganando a ninguém

Os homens olhavam-se fixamente por cima da mesa da cozinha. Lá fora, distante, nas pastagens, um coioote uivou.

Abruptamente Melvin Thorne caiu na risada. Era um riso forte e sonoro que reboava nas paredes; confiante, firme e despreocupado.

- Gosto de você, Paul. - disse Mel Thorne – Devia deixar seus livros de uma vez por todas, antes de ficar completamente louco, e trabalhar aqui no estabelecimento.

Paul Ellery sentiu assomarem lágrimas de raiva aos seus olhos. Como alguém podia se bater com um inimigo que se negava a comporta-se como tal? Como discutir com um homem que não entendia outros termos que não fossem os seus?

Thorne olhou-o de cima a baixo.

- Serio, - continuou lenta e calmamente – volte pra sua casa antes que cometa alguma bobagem. Amanhã de manhã estará se sentindo melhor.

Paul Ellery não era inexperiente. Ele havia sido um bom atleta nos seus tempos, e atualmente gozava de um excelente estado físico. Mas Mel Thorne o teria quebrado no meio violentamente se assim o quisesse. Conhecia este tipo de adversário. Dar um murro em sua mandíbula e esmurrar um tanque em um momento de irritação era exatamente a mesma coisa.

- Muito bem, Mel – respondeu – obrigado pelo café.

- Volte quando quiser – disse Melvin Thorne. - Será sempre bem vindo.

O homem acompanhou seu hóspede pelo corredor, girou a chave da porta e deixou-o partir. A porta fechou-se atrás de Ellery e o ruído da chave voltou a ser ouvido.

Paul Ellery olhou seu relógio. Eram doze menos um quarto. Havia transcorrido menos de quatro horas desde que acabara seu jantar no "Jefferson Springs Café". Dirigiu-se para o Ford e afastou-se rapidamente pela estrada enlameada, rumo à cidade. Seu cérebro era um vespeiro. A noite era formosíssima, suave, clara e resplandescente de estrelas. A lua havia subido muito alto e vigiava as trevas com um grande olho pálido. Tudo era tão normal que doía. Algumas rãs ainda coaxavam ao longo do Nueces, com uma despreocupação maravilhosa. Talvez fosse esta a resposta: transformar-se em uma rã.

Paul Ellery ia pensando que os acontecimentos transcorriam como em um filme de terror: os protagonistas não se ajustavam ao cenário nem o diálogo ao roteiro

Qual era o roteiro?

Prosseguiu dirigindo velozmente, sem olhar para trás.

CAPÍTULO 4

O dia seguinte foi exatamente igual aos sessenta e dois anteriores, ou seja, tórrido. O sol de fogo estava imóvel no céu, como se a temperatura excessiva impedisse seu movimento. Nenhuma nuvem ousava atravessar semelhante forno e o calor caía sobre a cidade como uma chuva fervente invisível. Ondas de calor brilhavam como cristais no ar parado e a terra rachada havia adquirido a consistência de terracota. Jefferson Springs, desde o lugar mais fresco da maciça e quadrada fábrica de gelo, até a calcinada cúpula metálica da torre da caixa d'água, continha a respiração e esperava pela noite.

Paul Ellery transpirava abundantemente no seu quarto do "Rocking-T". Era um quarto mal projetado, que lembrava uma caixa ou, pior ainda, um forno. Sentado na cama simples e estreita, abraçava uma garrafa de água gelada que havia conseguido na farmácia que ficava a três portas do seu hotel. Seus apontamentos jaziam esparramados no chão, em forma pouco didática, abundantemente cobertos de resíduos de tabaco. O jornal matutino de San Antonio estava na cesta de papéis em forma de bola; o simbolismo desta vez era intencional. Tentava pensar. O calor não o ajudava. Da mesma forma os acontecimentos da noite anterior.

Mas agora sabia claramente o motivo: a situação estava inteiramente fora dos limites da experiência humana. A mente dos homens está estruturada de tal forma que constrói baseando-se em experiências passadas, em dados que utiliza dessas experiências. Os seres humanos associam essas experiências, tanto as individuais como as de grupo, e conseguem, assim, fragmentos que integram uma cultura. Quando um homem quer resolver um problema, mesmo o mais novo para ele, nunca trabalha sozinho. Pelo menos já ouviu falar de tais problemas, reúne pelo menos alguns dados para poder comprovar suas tentativas, tem ao menos alguma noção que lhe indique como deve proceder. Assim acontece na maioria das circunstâncias.

Mas esta era única. Deveria reconfigurar o esquema com os elementos ignorados até o momento. Deveria resolver por si só. "Isto não parece tão difícil"; é uma fórmula familiar à língua inglesa. Mas Ellery sabia que não era tão simples e que a maioria das pessoas vive e morre sem ter que resolver "por si mesmo" um problema inteiramente novo.

Não sabes como fazer para que a bicicleta se mantenha em equilíbrio? Teu pai te ensinará. Não sabes como instalar o encanamento da tua casa nova? O encanador te indicará como fazer. Seria correto fazer uma chamada para a senhora Layne depois do escândalo produzido pela visita daquele jogador de futebol? Consulte um grupo de moças. No seu próximo churrasco, você os tratará como gafanhotos? Ninguém faz uma coisa semelhante. Ao sair do escritório você poria uma túnica e ofereceria um

sacrifício aos deuses no pátio do fundo? Que dirão os vizinhos.

Mas como faria você com Whumpf na banha?

Que fazer com Grlzeads nas escadas?

Quanto pagaria por um novo Lttangnuffel?

É gostoso o abnakave com prwaatz?

Que estupidez! Nunca se ouviu falar de tamanho disparate. Os problemas eram muito sérios para se perder em tais desvarios. Um Whumpf na banha!

O que estava acontecendo era que se achava condenado a uma situação que escapava dos limites da experiência humana. Paul Ellery examinava agora a situação do outro lado da cerca: se alguém se empenhava em resolver um problema insolúvel, o melhor é fingir que não há problema; se se chega a convencer os demais que as respostas se encaixam, ninguém continua molestando-o com novas perguntas. E se o problema aumenta ao ponto do pesquisador chegar a duvidar da sua sanidade?

Como pode a terra girar ao redor do sol? Qualquer idiota, somente olhando, pode saber que ocorre exatamente o contrário. Como pode acontecer algo estranho e inexplicável em uma pequena cidade texana na rota de San Antonio? Qualquer idiota poderia percorrê-la palmo a palmo e comprovar que não é diferente das demais.

Mas se entram em cena a astronomia, a matemática, a antropologia ou a técnica do estudo das comunidades...

Paul Ellery franziu o cenho à vista das suas notas esparramadas no chão. Ali estava registrada convenientemente a incrível história. Ali se encontrava a inevitável divisão de classes, partindo da escória e passando pelos variados grupos étnicos até chegar aos "peixes grandes", os que se acham superiores ao resto da humanidade. O programa de Paul se aproximava mais do estudo de West, sobre Plainville, que da elaborada classificação de Warner sobre Yankee City; sim, estava na mesma linha no que se referia ao tamanho desse tipo de comunidades.

Também havia estudado e descrito, com a ênfase esperada, o valor das escolas superiores como mecanismo de progresso. Há muito que Clyde Kluc-Khohn e outros haviam indicado a contribuição da educação para derrubar fronteiras e abrir passagem para o mundo. Isto era verdade em Jefferson Springs, o mesmo que para qualquer outra parte. Os americanos desejavam que seus filhos tivessem mais sorte que eles e a escola superior era a melhor escada para ajudá-los a subir na vida.

Logo a seguir vinham os clichês de sempre sobre negros e mexicanos, e se demonstrava, uma vez mais, que era pouco o que havia mudado desde que Powder-Maker escrevera "Depois da Liberdade", em 1939. Não faltavam a ecologia urbano-rural, os parentescos nas pequenas localidades e o ataque a "esses fuleiros de Washington".

Porém, por alguma causa, todas essas contribuições não se encaixavam em um todo coerente, ou melhor, encaixavam-se demasiado bem. Os mapas vicinais, as estatísticas, os sistemas de símbolos, os valores, coincidiam com tal exatidão, aproximavam-se de tal forma ao ideal, que era impossível imaginá-los acontecendo na realidade. As predições da ciências sociais estavam a léguas de distância da vida real; nunca se viu realmente uma sociedade humana como as imaginadas por Redfield, nem se viu jamais uma comunidade tão típica como o era Jefferson Springs, em todos os seus aspectos.

Entretanto, ele havia encontrado a exceção a esta regra. Ali não existiam as surpresas abruptas; não haviam peculiaridades individuais nem fatos que não pudessem

ser prognosticados. Em uma palavra: todos os dados eram falsos. Mostravam somente uma face.

Quinze anos atrás, a população de Jefferson Springs havia sido substituída. Uma olhada superficial nos registros da Corte de Justiça, complementada com os nomes e datas registradas em Austin, havia sido suficiente para prová-lo. A cidade havia sido abandonada por uns e invadida por outros. Que poderia ter motivado semelhante êxodo?

Paul voltou a falar consigo mesmo, quase em voz alta:

“- Vamos! Fala! As palavras te assustam? Esta cidadezinha está em contacto com... algo... que se encontra no espaço. Thorne sabe disto. Todos sabem”. Os chapéus de vaqueiro, as botas, o acento arrastado do Texas e o insosso jornal semanal careciam de significado. Eram disfarces.

Ao anoitecer, quando o calor abrasador cedeu e a temperatura baixou até ficar apenas agudamente incômoda, saiu do hotel e suportou outra cena no “Jefferson Springs Café”. Fosse o que fosse, imaginação ou verdade, aqui dominava a arte culinária típica do Texas: “frite com muita banha, agregue frituras frescas feitas no dia, deixe amornar, sirva em uma vasilha untada com manteiga”.

Comeu e voltou ao hotel.

Havia dois homens no seu quarto. Não tinham nada de sinistro, pelo contrário, tinham aspecto agradável, eram jovens e vestiam roupas esportivas. Pareciam estar vindo de um clube de *Yachting*. Um deles fumava cachimbo. Ellery não os conhecia.

- Olá, Ellery! - disse o do cachimbo, como se os estivesse esperando. - Espero que nossa presença não o tenha alarmado.

- Me deram um susto mortal. O que vocês querem?

- Queríamos conversar com você, se é que não está muito ocupado em suas pesquisas sobre nós. - apontou as notas com o cacimbo – Leitura interessante!

- Obrigado – disse Ellery. Enfiou as mãos nos bolsos. - Façam de conta que estão em casa. Disponho do tempo que necessitarem.

Os homens vacilaram.

- Tínhamos esperança de que viesse conosco – ofereceu-se o que não fumava. - Achamos que podemos protegê-lo por algum tempo, sempre que você quiser.

- Quero sim. - Ellery olhou para os jovens com atenção – Aonde vamos?

O fumante de cachimbo sorriu.

- Para a astronave. - disse – Segundo entendi, você deu uma olhada nela na noite passada, não foi? Estou certo de que a achará interessante.

Paul Ellery acendeu um cigarro. Fumava cigarros quando o cachimbo ficava com mau cheiro, até para um fumante como ele. Sentia-se metido em uma armadilha, empurrado e conduzido por forças que não podia controlar. Contudo ele havia decidido assim. Os dois homens tinham-no consultado e, aparentemente, estavam dispostos a respeitar sua vontade. Não tinham dito que ele deveria ir. Estava muito tranquilo. Não sabia se isto se devia a ele estar se acostumando à situação ou a que era muito inverossímil para inspirar-lhe medo. Não se teme o que se desconhece totalmente; tememos o que está na área da nossa experiência e que não compreendemos completamente, mas que, por algum indício, sabemos que é perigoso. Estes se-

res eram o fator X, a incógnita. Evidentemente não eram atores melodramáticos, capazes de engordar crianças e cortá-las em pedacinhos, cofiando o bigode. Pareciam suficientemente razoáveis. Jefferson Springs tinha tido muitas oportunidades de vingar-se dele. E se esses dois haviam realmente descido de uma nave interplanetária, deviam ser mais inteligentes que ele, ou ter maior estoque de conhecimentos. Se haviam vindo à sua procura, fariam a seu capricho. E se não...

A nave esperava acima, sob as estrelas.

- Haveria inconveniente em que eu levasse um revólver? - perguntou Ellery - Vocês, senhores, são estranhos para mim.

O homem do cachimbo encolheu os ombros jovialmente:

- Conosco estará perfeitamente a salvo, - assegurou - mas, de todos os modos, traga o revólver se assim se sentir mais tranquilo.

"Tem bom humor o nativo", pensou Ellery acidamente. Com efeito, sentir-se-ia mais tranquilo. Tirou seu 38 da gaveta da cômoda, onde o havia posto sob suas camisas. Como todo homem que tem que entrar em lugares muito diferentes, Ellery levava sempre o revólver consigo. Carregou o tambor, sorriu para os dois homens que o olhavam em silêncio e guardou uma caixa de balas no bolso. Colocou a arma no cinturão e trocou a camisa que estava usando por um blusão indígena de mangas curtas, coberto com desenhos de palmeiras e inverossímeis bailarinas. Deixou o blusão por fora das calças para fazer menos ostensiva a presença do 38.

- Adiante, MacDuff. Disse Paul Ellery.

O homem do cachimbo tocou ligeiramente no seu companheiro com o cotovelo.

- Gênio e figura... - disse séria e amavelmente - Shakespeare, lembra? Equivocadamente uma citação de Macbeth.

Ellery olhou para o jovem, mas este permaneceu calado. Apagou a luz e saiu com seus dois acompanhantes do hotel.

O ar era agradável agora: seco e morno, mas vivificante, depois do queimante sol. Subiram em um Buick preto e dirigiram-se para os arredores da cidade. Os dois estranhos ocuparam o assento dianteiro e deixaram Ellery sozinho no assento de trás. Teria podido matá-los com facilidade, mas não tinha motivo algum para fazê-lo... no momento. O Buick tomou um caminho oposto ao que levava ao rancho de Thorne; afastou-se da estrada de San Antonio, andou sete ou oito milhas e virou à direita costeando um caminho lamento. Seguiram por duas milhas mais - Ellery computava a distância no velocímetro, por cima do ombro do motorista - e frearam.

Ellery se situou instantaneamente. O imenso globo de metal, que parecia uma gigantesca bola metálica, ondulava suavemente no meio de um campo arado. Deixaram o Buick no acostamento, por trás de uma cerca de arame farpado, e caminharam pelo campo em direção à esfera cinzenta.

Assim que chegaram. Levantou-se um painel corrediço e uma luz branca saiu do interior. Penetraram na esfera e o painel se fechou. Ellery teve a sensação de que se elevavam, como se estivessem em um suave elevador.

O interior do globo não oferecia nenhuma particularidade. Era simplesmente uma esfera oca com uma seção plana para caminhar, inteiramente coberta por um tapete cinza e com dois confortáveis beliches, estofados de verde, por todo mobiliário. Havia uma tênue luz elétrica, ou algo parecido a luz elétrica. Percebia-se um suave zumbido e uma vibração quase imperceptível.

Os dois jovens sentaram em um dos beliches sem se preocuparem com nada em

relação à direção que iam. Paul Ellery acomodou-se no outro, tentando não se parecer muito com um camponês que se dirige pela primeira vez à cidade. O coração batia precipitadamente e o sangue corria nas suas orelhas. Não sentia medo, nem sequer assombro. Aceitava tudo porque não tinha alternativa. Ele estava ali, e isso era tudo. Estava além da sua compreensão e ele o sabia. Não haviam termos para definir o que sentia enquanto vogava para o céu, através da noite, com dois homens que não eram deste mundo.

A esfera deteve-se com grande suavidade. Sentiu-se uma pancada amortizada, como se algo se encaixasse em seu lugar. Os dois homens se levantaram e Ellery seguiu seu exemplo. O painel corredizo abriu-se. Uma luz amarelada brilhou no exterior.

- Você primeiro. - disse sorrindo o homem do cachimbo.

Paul Ellery cruzou a porta, atravessou um curto corredor – a saída da garagem, pensou com verdadeiro pânico – e entrou no segundo recinto. Esta dentro da enorme sombra que tapava as estrelas. Na astronave espacial.

Um longo corredor se estendia diante dele, uma luz indireta vinha das paredes. O piso era lustroso, sem mácula. Os painéis que rompiam a monotonia das paredes lisas eram, possivelmente, portas que conduziam a outros ambientes. Que haveria atrás delas? Quantos segredos ignorados pelos habitantes da Terra encerraria a astronave? Onde havia sido construída e quando? Que portos havia tocado em sua travessia pelo maior dos mares? O corredor estava deserto e silencioso. “Eles não querem assustar-me”, pensou. “Cuidado! Não sobressaltemos os aborígenes.”

- Siga em frente – disse um dos homens atrás dele. - Não tem nada que temer, lhe asseguro.

Paul Ellery obedeceu. Aparentemente não havia diferença alguma em caminhar por ali ou pelo corredor com ar condicionado de um moderno arranha-céu. Teria sentido a tentação de assomar a uma janela para encontrar as torres familiares e as cinzentas e ruidosas ruas de uma grande cidade. Mas ali não havia janelas, e o veículo visitante estava flutuando no ar, muito acima das cidades da terra. O 38 em seu bolso havia-se convertido em um brinquedo inútil.

Pareceu-lhe que fazia muito tempo que estava caminhando com os jovens, pisando seus calcanhares. Na realidade, o relógio marcava pouco mais de um minuto de tempo transcorrido. Foi um minuto interminável.

No final do corredor e ao nível da parede havia uma pesada porta sem trinco.

- Só basta andar na direção dela – disse o homem do cachimbo – a porta se abrirá para dar-lhe passagem. Voltaremos dentro de pouco tempo.

Os dois jovens voltaram pelo corredor e desapareceram por uma passagem lateral. Paul Ellery estava só.

“Não vai acontecer nada aqui”, disse para si mesmo, sem permitir-se vacilar.

Adiantou-se e a grande porta correu sem o menor ruído.

CAPÍTULO 5

Foi recebido por um homenzinho gordo e rubicundo.

- Ellery! - exclamou, estendendo sua mão roliça e levantando-se de uma ampla mesa em desordem – Encantado em vê-lo, fazia tempo que desejava conhecê-lo. Que homem teimoso! Gosto disso, fico entusiasmado. Gostaria de tomar uma dose?

Paul Ellery apenas havia estirado o braço e o homenzinho já o sacudia com tanta força que chegou a temer pela articulação do seu ombro. Se em vez desse personagem tivesse encontrado um crocodilo, sua surpresa não teria sido maior. Esse gordo jovial não se encaixava no papel do protagonista estranho e misterioso. Era tão misterioso como Lassie.

- Demônios! - disse o gordo, com as mãos na cintura – Não me olhe assim, Ellery, isto não é um zoológico Sempre me orgulhei de possuir uma rude aparência humanaide.

- Sinto muito, - conseguiu dizer Ellery – Não quis ofendê-lo. Você me pegou de surpresa.

O gordo franziu uma carranca com, aparentemente, genuína petulância:

- Que esperava de mim? Que o diabo o confunda! Queria me ver atuar como inescrutável ou algo similar?

- Ou algo similar. - admitiu Ellery.

O gordo caiu na risada.

- Está bem. – acedeu - Me chamo John. Aterradoramente original, não? E agora, após a apresentação formal, tomamos um trago? Permita-me assegurar-lhe que não se trata de mera hospitalidade. Eu, o surpreendente monstro da mais longínqua estrela, tenho sede.

Ellery estava em dúvida. Os fatos se precipitavam com tal rapidez que não tinha tempo de reagir. As normas de conduta haviam deixado de reger. Havia transcorrido apenas uma noite deste que se deteve no caminho enlameado, em frente à rancho de Thorne, olhando para o céu... Por sorte a tensão começava a ceder. John parecia um velho pilão, bastante simpático. Pelo menos não era um texano de segunda mão e só isso já se constituía um alívio. “E se havia algum truque”?

- Que tipo de bebida?

O homem chamado John voltou a rir abertamente:

- Que tipo de bebida? Claro que podem haver outras possibilidades.. Eu o deixarei com sua curiosidade, porque tampouco me chamo John, e sim Buster, e sou espião do F.B.I...

Inesperadamente o gordinho começou a dar grandes passadas pelo quarto, balan-

gando os braços espetacularmente e franzindo o rosto em gesto de ódio.

- A bebida. Ah, sim! A bebida. - disse, franzindo o cenho horrivelmente – Quer saber o que é a bebida?

Ellery estava aturdido novamente. Esse indivíduo era lunático? Um cientista louco? Imaginou-se dizendo: "Chame o ajudante, doutor, estou pronto"...

- A bebida – anunciou John, esfregando as pequenas mãos com satisfação – é nada menos que uma poção mágica que o converterá em um escravo obediente, que integrará nosso diabólico plano de converter a Terra em um gigantesco churrasco.

Incapaz de se controlar por mais tempo, Ellery soltou uma gargalhada que soou ligeiramente histérica. John abandonou a pose e sua raiva fingida. Evidentemente havia desfrutado com a representação do seu pequeno papel.

- Ao diabo com tudo, Paul. - disse – Você é um homem razoável. Domine seus nervos. Acalme-se. Estamos dando crédito à sua inteligência, não nos decepcione, por favor. Não estou escondendo nada dentro da manga. Não vou me converter em uma aranha e engordá-lo para alimentar minha cria. Vocês rapazes (e não leve a mal minhas palavras), contam histórias terríveis a nosso respeito, têm toda uma literatura cheia de monstros invasores, gnomos e um temível exército de super homens semi-lúcidos que sulcam o ar tentando ajudar, e lançando à terra projéteis com poder mental, ou o que seja. Você lê ficção científica, suponho...

- Não me dedico a esse tipo de leitura. - confessou Ellery – Não tenho tempo.

John fez um ruído com a garganta que denotava reprovação.

- Isto é deplorável, Ellery! Bem, deixemos isto pra lá. Quando digo um trago, estou me expressando nos termos de vocês. Gosto bastante do seu Scotch. Você também?

- Sim. - disse Ellery – Eu o acompanharei com prazer.

Sentou-se em uma cadeira em frente à larga mesa desordenada. Não pretendia, nem remotamente, saber o que aconteceria. A única coisa que poderia fazer era não comportar-se como um estúpido. O gordinho instalou-se em uma cômoda cadeira de pelúcia do outro lado da mesa e tirou uma garrafa e dois copos de uma gaveta. A garrafa era de uma marca familiar: White Horse. John encheu os copos e estendeu um ao seu companheiro.

- Ao vício! - exclamou, e bebeu dois grandes goles.

Ellery não ficou atrás e achou o Scotch sumamente agradável. Estava precisando. Esquadrinhou o local com a vista, tentando descobrir algo que o informasse sobre o indivíduo que o ocupava. Estava cheio de livros de todos os tipos, muitos deles lhe eram completamente desconhecidos, estrangeiros, em idiomas que ignorava e de formato inusitado; mas havia outros que já havia visto antes: "Do tempo e do Rio", de Tom Wolfe, "Huckleberry Finn", de Mark Twain, "O Sol Também se Levanta", de Ernest Hemingway e "Um Menino de Shropshire", e A.E. Housman. Abundavam os livros de Chekov e Dostoyevski, de Maupassant e Sartre, de Eliot e Shakespeare. Havia romances policiais de Conan Doyle, Chesterton, Cornell Woolrich; de ficção científica de Arthur C. Clarke, Ray Bradbury, Edgar Pangborn, Clifford D. Simak. Revistas e jornais, registros e caixas de filmes. Ellery identificou de longe a "Antropologia de Kroeber" e "Desde que a humanidade...", dois textos escritos por antropólogos que sabiam descrever com interesse.

- Você lê muito. - comentou com falta de brilhantismo.

John fez uma careta e voltou a encher os copos.

- Vejo que está tentando desatar nós, Paul.

- Você não faria o mesmo?
- Claro.

O homenzinho acendeu um cigarro, que brilhou como uma brasa quando aspirou. Franziu o cenho.

- Não estou fazendo jogo com você, Paul. Espero que desculpe a cena teatral da recepção. Você não tem ideia do que significa apertar a mão de alguém que lhe olha como se fosse brotar asas, ou como se pensasse que vamos jorrar fogo dos olhos. - batucou nervosamente sobre a mesa em desordem. Neste momento não se sentia confortável – Veja, Paul, esta é uma situação delicada, difícil de explicar. Não é confortável para mim também. Faço tudo o que posso, compreende?

Paul Ellery achou que o compreendia. “Ele é o antropólogo e eu sou o aborígine”, disse para si mesmo.

- Talvez eu possa ajudá-lo em algo. - sugeriu.
- Pode ser. - concedeu John – Espero que tente.
- Primeira pergunta: - disse Ellery – que estou fazendo aqui?

John franziu outra vez o cenho e lançou uma baforada de fumo.

- Vejamos como está a situação. E lhe peço que me acredite se lhe afirmo que não há nada de ofensivo nas minhas palavras. Apresso-me a adiantar-lhe que o consideramos um homem inteligente e capaz. Além disto, é perseverante e paciente. E, por último, tem uma boa base científica para o estudo da fenomenologia. Quase que por tentativas, por assim dizer, quase por acidente, se viu envolto nesta situação: como é um homem de bem, não quis desprezar o que a sorte havia posto em suas mãos e formulou o problema com a maior seriedade. Isto é extraordinário e nos impressionou favoravelmente. Para ser-lhe franco, você não significa nenhum perigo para nós. Você é uma inconveniência e lhe peço que desculpe minha rudeza. Portanto, decidimos atuar da única maneira lógica do nosso ponto de vista.

- E qual é?
- Eliminar a inconveniência.

Paul Ellery ergueu as sobrancelhas:

- Então eu... vou direto para o cadafalso...

John franziu o cenho, mudou de ideia e riu.

Ellery achou que ele ria demais. Contudo se mostrava interessado em Ellery e parecia respeitar mais os sentimentos deste que os seus próprios. Era sincero? Ou isto fazia parte do seu ofício? Ou se tratava de ambas as coisas?

- Que loucura! - disse o gordinho. Introduziu o resto do cigarro em uma pequena depressão da mesa e a ponta desapareceu. - Nada mais absurdo, nossos remédios não são tão duros. A primeira coisa que vou fazer, Paul, é tranquilizá-lo com a seguinte declaração: as leis que regem nossa vida nos proíbem de ferir fisicamente a qualquer nativo do seu planeta. Ah, vejo que está surpreso! É difícil para você imaginar que os monstros do espaço tenham suas próprias leis?

- Para dizer a verdade, - disse Ellery – jamais havia pensado em nada disto.
- Hummm! Seja como for, você deveria ter menos medo de nós do que da sua própria gente. E agora tente se acalmar, está me deixando nervoso.

Paul Ellery saboreou o Scotch Tentou imaginar a cena que estavam representando: um jovem frente a uma espécie de estrangeiro, um estrangeiro com um tipo de sentimento de inferioridade por ser estrangeiro; ambos sentados em frente a uma mesa,

em uma nave interplanetária suspensa sobre a Terra, discutindo o fator negativo dos nativos. Não era uma cena fácil de se imaginar. E menos fácil ainda era aceitar a cena como realidade: havia se desenrolado com demasiada rapidez. Porém, somente um idiota teria escondido a cabeça na areia tentando convencer-se de que o que estava acontecendo não poderia estar acontecendo.

- Segunda pergunta: disse Paul Ellery – os habitantes de Jefferson Springs são... humanos?

John serviu outra dose de Scotch. Ellery achou que ele tinha uma capacidade digna de um tanque de reserva. Que beberiam lá, no lugar de onde ele vinha?

- Teríamos que definir a palavra "Humano", antes de poder responder-lhe corretamente. - disse John, pondo outro cigarro na boca – Você quer dizer, empregando a terminologia de vocês, uma criatura do reino animal, Pylum Chordata, classe dos mamíferos, subclasse Eutheria, ordem Primata, subordem Antropoide, família Homini-dae, gênero Homo, espécie Sapiens? Ou você se refere a essa divina criatura possuidora de uma alma imortal e tem interesse em especificar alguma fé ou religião determinada?

«Por "humanos", define você os habitantes da Terra, ou os da América, ou talvez somente os do Texas? Ou está pensando nesse complexo animal que, devido a processos glandulares, possui virtudes espirituais de extraordinária qualidade? Pensa, por acaso, em certa essência ou vapor, como uma razão primordial? O "humano", para você" é o que tem uma capacidade craniana de mais de mil centímetros cúbicos? Ou o que não está atualmente em guerra contra vocês?

Paul Ellery digeriu o discurso como pôde. Para dissimular sua confusão, tirou como sempre o cachimbo e o encheu e acendeu com deliberada lentidão. O homenzinho gordo poderia ser qualquer coisa, mas, evidentemente, não era nenhum tolo.

- Corrigirei minha pergunta um tanto infantil. - respondeu com a maior seriedade – Primeiro, e de acordo com o tipo físico, se me permite o termo, diria que esses seres são verdadeiramente Homo Sapiens, pelo menos exteriormente. Está de acordo?

- Você respondeu sua própria pergunta. - disse John – Agimos bem, quando antes de enunciar algo, nos detemos meio minuto para refletir.

- Está bem. - disse Ellery – Terceira pergunta: você nasceu na Terra? Presumo que não. Quarta: se não nasceu na Terra, onde você nasceu? E uma coisa mais importante ainda: vocês são o produto de uma cadeia diferente de evolução sem contato algum com a vida na Terra? Acho difícil aceitar, como antropólogo, que os homens se repitam tão exatamente em algum outro lugar do universo. A linha de evolução da espécie humana é tão retorcida e confusa...

- Permita-me interrompê-lo. - disse John – Há uma boa quantidade de coisas que os antropólogos não entendem.

- Eu seria o último a negá-lo. - admitiu Ellery.

Agora estava mais tranquilo; sentia-se quase à vontade, como em uma competição de colégio, com a diferença de que o colégio era uma aeronave interplanetária, muito acima da Terra, dos seres que dormiam.

- Não quis ofendê-lo. - insistiu o gordo – Os antropólogos não são piores que os outros nativos do seu planeta. Na realidade têm uma mente que lhes permite alcançar um nível mais alto que a média de inteligência. Mas isto é uma digressão, meu amigo. O Scotch fez você ficar lacônico e me fez ficar petulante.

- Contudo não fez com que você respondesse minha pergunta.

- Mas isto não é um segredo. A galáxia engendrou homens muitas vezes, embora, se me permite um pouco de antropomorfosis, seus motivos sejam obscuros para nós. Na realidade, o homem é um animal bastante vulgar que, aparentemente, a única coisa que requer é um planeta semelhante ao de vocês (e há planetas a um centavo a duzia, como você sabe) e um sol do mesmo tipo; e o homem, por um ou outro caminho, torna-se desagradavelmente inevitável. Uma de suas características, por outra parte, é a de crer que seu planeta é o único afortunado e o centro do universo, somente pelo fato de estar habitado por ele. Estou falando, se me entende, dos que não alcançaram um nível de cultura superior.

Ellery bebeu seu uísque e soltou uma baforada de fumo.

- Passemos a outra pergunta então. - disse - Os jovens que vocês enviaram à minha procura disseram que poderiam proteger-me por algum tempo. Subentende-se, então, que maquinaram aqui um propósito concreto. A que se referiam?

John voltou a encher os copos e pôs-se de pé. Deu uns passos de um lado a outro do escritório. Ellery teve certeza de que o gordinho tinha gostado da conversa, assim como havia ficado feliz à sua chegada, representando seu papel de monstro frankensteiniano. Agora voltava ao cenário, e mais encantador que nunca. Por que?

- É muito simples, Paul. - disse, introduzindo as mãos nos bolsos da sua túnica cinzenta flutuante - Eu lhe direi francamente: você é um pesquisador que está incomodando nossa gente. Inverta as posições: imagine um pesquisador que chegou à Terra e se pôs a perturbar sua gente; alguém sem permissão oficial, por assim dizer. O que você faria?

- Suponho que eu trataria de me livrar dele.

- Precisamente. E como trataria de livrar-se do seu pesquisador?

- Se houvesse cometido um ato criminoso, o prenderia. Também poderia tornar sua vida tão difícil que não teria escolha senão dar o fora. E, se falhassem os demais métodos, procuraria suborná-lo com dinheiro ou presentes.

- Muito lógico. - admitiu John, sem interromper seu passeio pelo quarto - Lógico, mas bastante grosseiro, quase diria primitivo..., sem intenção de ofendê-lo, creia-me.

- Naturalmente. - respondeu Ellery.

- Sim. - disse John - creio que temos sistemas muito mais eficazes para tirar de cima de nós os pesquisadores indesejáveis.

- Por exemplo?

- O mais simples de todos, querido amigo, é simplesmente encarregar-nos do problema que o pesquisador está tentando resolver e solucioná-lo. Então lhe oferecemos o resultado com nossos melhores augúrios. O pesquisador, então, se vê logo em uma situação insuportável ao não ter nada para pesquisar. Ele fica insatisfeito (supondo-se que se trate de um pesquisador honesto) e nos deixa em paz.

Ellery olhou-o fixamente:

- Resumindo: vocês me trouxeram aqui para explicar-me o que eu tentava descobrir.

- Esta é a ideia geral. - John voltou ao escritório e se sentou - Existem fatos na cidade de Jefferson Springs que você não compreende e que o incomodam. Viu fazendeiros descendo do céu em uma esfera de metal e também viu a nave. Incidentalmente pode prejudicar Thorne por seu aparente descuido, mas às vezes é indispensável transportar indivíduos daqui pra lá. Pense que a operação se efetuou à noite, na fazenda de Thorne e que ela não está situada na rota principal. Sendo assim, a

maioria das pessoas não teria divisado a nave no firmamento. Se alguém, excepcionalmente, a tivesse notado, ninguém acreditaria nele e teria sido considerado um adepto dos discos voadores. E, no pior dos casos, teríamos fugido a tempo antes que ocorresse um percalço importante.

«Bem, vou contar-lhe a verdadeira história e depois vou lhe fazer uma oferta. Está claro?

- Bastante claro.
- Excelente, - disse John – Começando.

CAPÍTULO 6

A história do homem gordo foi uma estranha mescla do familiar e do estranho. Era o homem – um homem de outra raça, talvez, mas, sobretudo, homem – escrevendo as antigas histórias em um novo papel e com novas máquinas.

Existiam na galáxia muitíssimos planetas, às vezes pequenos demais e pouco espetaculares, que giravam na órbita dos seus respectivos sois. Em cada um deles a alquimia da vida havia produzido milagres nos mares, e assim se havia iniciado a cadeia: do mar para a terra, do réptil ao anfíbio e ao mamífero; do simples ao complexo; dos minúsculos animais que se arrastavam no domínio dos monstros até o homem, orgulhoso, poderoso e inteligente o bastante para poder dominar por um longo período.

Os detalhes variavam frequentemente, mas o plano geral era sempre o mesmo. Se se tratasse de um planeta semelhante à Terra, ali havia um homem semelhante ao homem da Terra. O homem não era um acidente, e tampouco era casual o que planejava: ambos eram o resultado de uma soma de condições. Cada grupo de homem, se chegasse a um nível que lhes permitisse pressentir estas verdades, acreditava-se extraordinário demais para que pudesse repetir-se em algum outro ponto do universo. Portanto, seu primeiro contacto com outros tipos de homens – os homens sempre olhavam as estrelas e sempre pressentiam – produzia uma choque violento.

Povos acostumados a não ver nada mais além de suas aldeias davam-se conta, de imediato, de que estavam em um universo. Povos preocupados pelo conceito de nação descobriam galáxias. Povos que haviam aprendido a viver em um mundo ficavam espantadas ao saber que haviam cem mil mundos mais.

Às vezes desenvolviam-se grandes organizações e federações; o homem é um animal organizado. Alguns planetas, quando chegavam a um nível de cultura relativamente alto, uniam suas forças às de outros planetas adiantados. Isto não era simples e levavam séculos, porque, claro, cada planeta acreditava que suas virtudes lhes pertenciam com exclusividade e sempre é demorado confiar no estrangeiro. Cada planeta acreditava ser superior aos demais e, mais ainda, podia demonstrar isto de uma forma satisfatória para ele.

Mas a civilização – o outro nome que designa as complexidades e os agregados sociais de maior amplitude – se desenvolvia. A princípio, somente uns poucos planetas se haviam unido entre si, cada um deles por egoísmo e cada um deles falando muito de fraternidade, porque como um só planeta pode sobreviver frente ao poder de muitos?

O homem é um animal com ideias grandiosas. A Federação, débil e suspeitosa a princípio, prosperou em alto grau. Trocaram-se pontos de vista. Floresceu a cultura.

Surgiu um governo galáctico, débil a princípio e forte mais tarde. O homem não podia viver sem organização.

Em épocas em que o homem da Terra ainda era um ser tosco que trepava nas árvores, os planetas mais civilizados estavam iniciando seus primeiros intercâmbios. O homem aqui desenvolveu seu cérebro e aprendia a acender o fogo e a afiar as rochas, ao mesmo tempo em que uma tênue Federação Galáctica lutava para nascer.

Era ainda um Neanderthal que elaborava lentamente ideias sobre a religião e a outra vida, e já outros homens, que ele não podia ver, tinham uma civilização que se estendia por todo o universo conhecido. Um Cro-Magnon desenhava nas paredes das cavernas e à noite, de volta da caça ao mamute, talvez olhasse para cima e admirasse as estrelas. Mais além, cem mil planetas disputavam uma posição na escala galáctica. E quando um índio, que havia chegado da Ásia cruzando o estreito de Bering, fincou sua tenda em uma América vazia, a civilização estelar havia entrado em tremendas dificuldades.

O homem da Terra havia progredido: tinha agricultura, cidades, técnicas bacteriológicas. Nesse momento, as dificuldades galácticas eram maiores do que nunca. Deviam resolver-se imediatamente.

A civilização estelar tinha sido um êxito, e quando o homem tem êxito tende a multiplicar-se. A taxa de natalidade havia progredido a par da vitalidade da sua cultura. Os homens enchiam seus planetas e os planetas civilizados ficaram super-povoados. Essa população, que tinha aumentado em proporção geométrica, precisava expandir-se.

Tentaram, para começar, planetas desabitados. Infelizmente, essas tentativas resultaram em fracasso. As formas de vida existentes neles eram parte do problema, mas somente uma pequeníssima parte: eram tão diferentes que não tinham o menor interesse pelos seres humanos, e isto evitava qualquer concorrência; diferentes formas de vida vivem diferentes vidas e requerem coisas diferentes.

Os próprios planetas constituíam o problema básico. Se um planeta era naturalmente adequado para que ali se adaptasse a vida humana, o homem se desenvolvia ali como em seu planeta natal. Mas se as condições climáticas eram diferentes, a luta pela sobrevivência se tornava uma tarefa titânica. Sempre se disse que o homem é um animal adaptável, e realmente assim é, mas somente em seu próprio planeta ou em outro que seja extremamente semelhante. Mas não se adapta muito bem a um planeta de vinte gravidades; não medra em uma atmosfera de metano, e não fica à vontade em temperaturas que derretem pedras. Evidentemente, o homem podia transferir-se para certos planetas sub-povoados. Em outros podia construir globos atmosféricos e povoados cercados, substituir a natureza pela técnica. Mas somente até certo ponto. As populações humanas não se desenvolviam bem em atmosferas artificiais. Em alguns casos conseguiam sobreviver, mas se transformavam.

Era óbvio: planetas "diferentes" não constituíam uma solução. O homem necessitava de planetas como a Terra, porque este tipo de planeta era o que o havia engendrado. Em seu planeta o homem rendia, em outros tipos de planetas não. Porque era um homem. Muito simples.

A raça humana continuava aumentando. A civilização galáctica necessitava de planetas com a Terra, necessitava de colônias para sua expansão. Onde encontrá-los? Não havia opção. Se um planeta como a Terra fazia falta, um planeta como Marte era inútil. Podia-se irrigar um deserto e torná-lo fértil, mas não se podia converter Júpiter em uma Inglaterra mediante uma operação calculada. Quem quisesse um planeta

como a Terra devia tentar descobri-lo e invadi-lo na primeira oportunidade.

Infelizmente, todos os planetas como a Terra estavam ocupados. Porém, felizmente, nem todos haviam alcançado o mesmo nível de desenvolvimento cultural. Muitos se achavam nas etapas mais primitivas; outros ainda estavam dando seus primeiros passos no universo civilizado. Os problemas eram muito complicados: as culturas primitivas constituíam problemas graves, sem o direito de condenar ou exaltar o bom selvagem. Eram problemas vinculados à tarefa de povoar.

Uma cultura baseada na caça e na pesca é, forçosamente, uma reunião de poucos habitantes. Se os habitantes da cidade de Nova Iorque vivessem no estado de Nova Iorque de caça de animais selvagens, sem dúvida alguma decairiam notavelmente. Uma civilização agrícola poderia suportar um número maior de habitantes sobre a superfície aproveitável da Terra. A técnica moderna e as máquinas permitem a mais homens viver em uma menor proporção de solo. Mas somente uma civilização galáctica chega realmente a encher um planeta. Portanto, a maioria dos planetas que ainda não haviam alcançado essa etapa da civilização, conservava ainda um certo espaço para sua expansão. A Terra era um deles.

A civilização galáctica se encontrava em uma situação muito singular. Por um lado, havia se desenvolvido intelectualmente a tal ponto, que pensar na brutal conquista e exploração de outros mundos era impossível. Seus próprios cidadãos não teriam consentido. Por outro lado, via-se obrigada à imigração parcial e só os planetas habitados do tipo da Terra ofereciam uma chance.

Faziam o que podiam. O homem, se for obrigado, se comporta com audácia e respeita os compromissos. Decidiram colonizar os planetas como a Terra que restavam na galáxia, mas nunca com métodos cruéis nem violentos. Respeitando a opinião pública, trabalharam de acordo com um sistema vigente de princípios, restrições e leis.

A primeira coisa que se propuseram a fazer foi trabalhar sem que o planeta primitivo se dese conta de que o estavam colonizando, porque isto tiraria dos seus habitantes toda a iniciativa e cercearia suas grandes possibilidades futuras. Segundo, os nativos não deveriam sofrer dano algum; só haveria interferência ao ser iniciada a nova colônia, quando não houvesse mais remédio senão tentar várias técnicas psicológicas. Finalmente, fixou-se um limite percentual do planeta que deveria ser colonizado. Esta percentagem variaria de acordo com o planeta, mas em caso algum excederia quinze por cento. A Terra foi um dos primeiros planetas selecionados.

O plano não tinha nada de cruel, embora fosse preciso reconhecer que estava cheio de imperfeições e que surgiram consequências imprevistas. Era somente uma solução de emergência ante um problema premente e assim se ganhava tempo para uma solução a maior prazo, com um estudo mais profundo da sua organização e das suas restrições. Em uma palavra: um programa prático para alguns milênios. Quanto ao futuro... bem, esperavam que então seriam encontradas outras soluções. Não estavam orgulhosos da sua solução; simplesmente se atinham a ela no momento.

Era irônico: o paralelo exato com a Terra, em escala menor, saltava à vista. Em muitas partes do planeta a civilização ocidental havia se expandido para o Oriente, absorvendo as culturas mais primitivas e, às vezes, simplesmente haviam exterminado os nativos. Outras vezes se contentaram em apoderar-se das terras e conservar os nativos sob seu domínio.

Era o que havia ocorrido na América do Norte, de maneira semelhante: os europeus desembarcaram e os índios ficaram de mãos vazias. "Não éramos um povo cruel", disseram depois os europeus. "Não éramos demônios sedentos de sangue.

Era inevitável. Era uma terra imensa, pouco povoada, e nós necessitávamos urgentemente de maiores porções de terra. Talvez tenhamos agido mal, em um sentido abstrato, mas o que ocorreu era inevitável. Como íamos deixar este enorme continente nas mãos de uns poucos índios? Não era prático. Que outra coisa poderíamos fazer?”

E os povos civilizados da galáxia, uns poucos séculos mais tarde, argumentaram, por sua vez:

“Que outra coisa podemos fazer?”

- Nossa civilização – explicou John – desceu furtivamente à terra, deslizamos pela porta traseira, por assim dizer. Tudo foi feito com urbanidade e sutileza. Os espíritos evoluídos usaram métodos evoluídos. Não houve invasões ao som de trombetas, nem excitação, nem raios mortíferos, nem naves de guerra aéreas. Não houve doentes nem feridos. A Terra nem sequer soube que tinha companhia. Os planetas já haviam sido colonizados anteriormente. Os métodos eram suaves e rotineiros. Sem ruídos, sem barulho, sem confusão. Defesa? Como poderiam organizar uma defesa? Contra o que? De onde vinha a ofensiva?

Os colonos, naturalmente, se congregaram nas pequenas cidades e aldeias. Destinaram as grandes cidades para outros fins.

Apresenta-se-nos um povoado qualquer: uma rua principal, uma farmácia, um cinema. Casas com honestas fachadas sem reboco e salsichas sendo fritas na cozinha. Neve no inverno, sol no verão. A noite do grande baile. O clube dos Rotarianos e os postos de serviço. Matronas preocupadas pelo novo pároco - “sabe, ele fuma” - Um rapaz e uma garota à noite, na primavera. Um romântico passeio no carro da família. Uma lua esquecida entre as estrelas. A cidadezinha, embora faça parte da rede do Estado e da Nação, permanece isolada. Ali o pessoal vê as mesmas pessoas diariamente. A cidade vizinha encontra-se a vinte milhas de distância e, evidentemente, seus habitantes estão longe de ser as pessoas que devem ser. Os forasteiros são mal recebidos, porque sempre querem introduzir mudanças. “Gostamos de nossa cidade como ela é”.

O povoado tem uma certa reputação na cidade. A lenda assegura que os que vivem e morrem lá são ignorantes. Vivem com cinquenta anos de atraso. São um pouco cômicos. Estão cheios da cor local. Seus costumes rurais são absurdos. E seu caráter se distingue por endemoniado. Uma sociedade isolada, então. Sociedades que formam clãs e que não querem ver nenhum estrangeiro curioso rodeando-os. Um grupo social no qual as coisas absurdas e o pessoal excêntrico são parte da vida. Uma colônia rústica. As condições ideais para uma ocupação rápida e eficaz.

Experts científicos, provenientes de uma civilização insuspeitada, chegam ali para trabalhar. Compram aqui, vendem mais na frente. Intrometem-se em uma colheita, alvoroçam um pouco o gado. Alteram a ordem das chuvas... oh, somente um pouquinho. Algumas histórias começam a circular, fazem algumas intrigas: estão abrindo o caminho em Oaksvile, ou em Indiana, ou nas cercanias da cidade. Eis aqui a chance! Temos que nos apressar: que o novo povo se introduza agora no pequeno centro. São pessoas estranhas. Não se assimilam. Mas vão se convertendo em donos do lugar! Pobre senhor Smith, não lhe resta mais alternativa que fazer das tripas coração. E, se puder, venderá suas propriedades e irá embora, como estão indo, no último ano, os que podem, rumo à cidade.

- Isto já cessou na sua cidadezinha, mas você ouve que ocorre o mesmo em outras bandas: os Wilson partiram, lembra? E os Wades e os Flaherty... Me afastei um pouco do tema... Bem, o prato está pronto para os experts estelares: uma população

emigra, outra população imigra. Uma nova colônia.

«Claro que se você desloca os cidadãos de uma zona, deve ter um lugar para acolhê-los. O quinze por cento de um planeta tem que ser cuidado e conservado. Tem que contar com lugares reservados para os nativos. A Terra é ideal. Já tem seus lugares especializados, seus... chamemo-los assim.. quarteis para os nativos: as cidades. Onde se estabelecerão os habitantes não absorvidos dos pequenos povoados quando os separa dos seus lares?

«Nas cidades, como você entendeu. As cidades da Terra são as fortalezas do aborígenes. O projeto é inteligente, me parece. Veja bem: que homens são e sensatos preferem viver em meio ao estridente caos da cidade, apertados como sardinhas em lata, no meio da fumaça, da sujeira e da fuligem? Quem trocaria voluntariamente o ar livre, o sol, o campo verde, a paz e o companheirismo do lar por uma fábrica, um departamento e o ruído das máquinas? Resposta: Quase todos. Não têm que ir para a cidade para progredir? Não vivem nelas todas as pessoas de valor? Não continuará sendo infeliz por toda a vida se fica no campo?

«Não era nenhuma novidade: os homens sempre puseram sua meta na cidade. Mas, frequentemente, necessitavam de um empurrão para partir... e nós o proporcionamos mediante técnicas psicológicas condicionantes, aplicadas por experts de uma cultura realmente avançada. Pensamos muito em vocês: se você quer ser o dono de um cárcere a prova de fugas, pode consegui-lo: não diga aos prisioneiros que estão no cárcere. Chame-o lar. É colossalmente irônico o fenômeno que está ocorrendo na Terra, e os colonos se divertiram infinitamente com isto. Os técnicos da Terra trabalham penosamente na construção de uma aeronave interplanetária; estão fazendo experiência com um dos modelos mais primitivos, claro, usando combustíveis químicos. Por meio desse invento pensa transportar colônias de nativos para outros planetas. Não perdem a esperança de sair dos seus limites conhecidos e "conquistar" outros planetas. Propõem-se a povoar a galáxia. E a galáxia já está de tal forma superpovoada que teve que transbordar para a Terra!

- No momento, naturalmente, descobrirão que os outros planetas do seu sistema solar são inabitáveis e passar-se-ão séculos antes que possam integrar uma civilização estelar. É comovedor... e divertido.

«Como agora a Terra está entrando em uma fase primitiva a que poderíamos chamar pré-civilização, com suas guerras selvagens e suas semi-adiantadas técnicas destrutivas, poderiam sobreviver a uma guerra atômica. A terra está em um período crítico da sua história e pode dar um grande salto para diante ou para trás. Muitos outros planetas do seu tipo chegaram a este ponto muitas vezes para serem lançados outra vez no caos. Alguns nunca puderam avançar um passo a mais.

«Agora, uma guerra atômica, nas condições presentes, afetaria a princípio as grandes cidades, unicamente. Não é uma perspectiva agradável, mas não é uma tragédia para os colonos, como se poderia imaginar. Quanto mais tarde a Terra desenvolver uma verdadeira civilização, mais tranquilidade reinará nas colônias.

«Creia-me, eles não declararão a guerra. Não são bestas imorais. Iniciar uma guerra seria pecar contra a ética. E além disso é proibido intervir. Nem sequer evitarão a guerra. E os selvagens são tão belicosos!

«Jefferson Springs, como você adivinhou, é uma das nossas colônias. Pertencia ao modelo típico da pequena cidade americana, mas não é um povoado terrestre. É diferente.

Este foi o relato do homem gordo.

CAPÍTULO 7

Fez-se um breve silêncio e John aproveitou para tomar fôlego. Encheu os copos esquecidos e acendeu outro cigarro. Estava ligeiramente aborrecido, como um professor universitário que tivesse que explicar a teoria da evolução a alguém que nunca tivesse ouvido falar dela.

- E isto é tudo. - acrescentou – Espero não havê-lo aborrecido em demasia.

- Em absoluto. - disse Paul Ellery - “Quanto tudo está perdido, temos que fazer cara boa para o destino”.

- Nem monstros, nem demônios, nem malvados primeiros ministro; - observou o gordinho com certa melancolia – um drama pobre, eu temo, e ainda um melodrama ainda menor. Apenas um pouco de eficiência, de política e a pequenez humana frente a algo superior. - bebeu o conteúdo do copo – Às vezes eu penso que o homem é muito pequeno para o universo, Paul. Possuímos um cenário magnífico e nossas representações são tão monótonas por falta de inspiração...

- Enfim, - sussurrou Paul – não sei se são monótonas...

- Falo sério, - disse John – Algum dia lhe parecerá que a vida galáctica pode ser tão pesada como a vida terrestre o é, vista do sistema planetário de uma formiga. Samuel ama Maria e Maria quer que Samuel seja um pouco mais que Felipe. É tudo chato e insultuoso, eu lhe digo, embora não me tenha perguntado.

Paul Ellery, nascido em Austin, Texas, planando acima da Terra, fumava seu cachimbo na cabine de uma aeronave espacial no meio da noite. Era o quarto cachimbo e sentia o gosto de guardanapo de papel na boca. O resto da sua pessoa estava pior ainda. Estava atônito. Na realidade, nem tudo havia sido surpresa para ele, já que suas pressuposições o haviam levado pelo mesmo caminho; era mais o fato de que suas conjecturas mais audazes, suas mais fantásticas ideias haviam sido reduzidas ao tamanho de lugares comuns, a dimensões cotidianas. Há homenzinhos verdes vivendo na sua forja? Claro! Não sabia?

A atitude objetiva de John para a totalidade do problema o havia feito sentir-se absurdamente distanciado do núcleo da questão. Havia sido como um exercício intelectual, uma cena na casa dos doidos, uma incursão no outro mundo. Não era fácil lembrar que era um aborígene. Nunca havia se vangloriado do seu título universitário, mas era desconcertante ver-se rebaixado à categoria de um bruto selvagem. Não podia duvidar do que havia escutado. Adaptava-se perfeitamente à evidência, e a nave calma que o rodeava dissipava com absoluta autoridade os escrúpulos que se lhes pudessem apresentar. Além disso, não haviam razões para que John se ocupasse em enganá-lo. Havia ouvido a verdade e o sabia. Mas ainda restava algo para perguntar.

- Você falou de passagem da inevitabilidade das colônias. - disse lentamente – Justificou-as invocando sua necessidade e citou alguns exemplos da nossa história para justificar o proceder de vocês. Mas não há por acaso uma diferença básica? Vocês pertencem a uma civilização galáctica; é uma operação em grande escala. Nunca tentaram o controle da natalidade para resolver este problema com menos trabalho?

- Isto não funciona. - disse John com um sorriso.

- Por que? Imagino que sua gente será suficientemente sofisticada...

- Não se trata disso, Paul. O controle da natalidade se pratica amplamente nos Estados Unidos, segundo tenho entendido. O número de recém-nascidos tem diminuído ou aumentado com tal prática?

- Tem aumentado; - admitiu Ellery – mas tenho a esperança...

- Não, meu amigo. Não é tão simples. São muitos os fatores que interveem. Para começar: a Federação Galáctica não é uma ditadura e seria necessário um ditador para impor ao povo uma rígida restrição deste tipo. Você sabe muito bem que à medida que um povo progride, exige maior liberdade individual: submeter-se-á voluntariamente a algumas imposições, mas não a todas. O controle da natalidade está bastante difundido, de fato, nos Estados Unidos, e você pode observar que as cifras dos nascimentos é atualmente mais baixa em Jefferson Springs que na maioria das outras localidades. Entretanto, não é suficiente; é uma solução parcial.

- Por que?

- Você conhece a resposta, Paul. Permita-me citar-lhe um dos seus talentosos mestres, Gordon Childe. O que acontece sempre que se alcança um avanço tecnológico? O que ocorreu na era neolítica? Que ocorreu durante a revolução industrial?

Ellery seguia o fio do seu pensamento.

- A população se expande. - admitiu.

- Justamente! E nós estamos neste momento conversando dentro de um grande avanço tecnológico: uma nave espacial. As viagens para o desconhecido resultam sempre em um aumento da população. E nisto ficamos. Se há uma maneira de diminuir a super-população sem matar a cultura, não descobrimos ainda. Este problema pertence ao futuro. Não sabemos todas as respostas, Paul, nem as saberemos nunca.

Ellery meditou durante uns segundos. Só podia formular um pensamento, e o fez:

- Você me falou de uma proposta, John.

John uniu os nós dos dedos e fez os polegares girarem.

- Paul, você é inteligente. O fato que eu pertença ao que descrevi modestamente como uma civilização superior, e que você seja um cidadão do que poderíamos chamar uma cultura menos desenvolvida, não muda em nada minha opinião sobre sua inteligência. Nós respeitamos sua qualidade mental. Também pensamos em nossa própria conveniência ao levá-lo em conta e lhe oferecemos um lugar em Jefferson Springs. Não muito importante, para começar, mas com promessa de futuro. Queríamos que trabalhasse para nós. Você ganharia com isto e nós também. De outro modo ninguém ganha. Vocês têm um refrão em seu planeta, um dos poucos com um mínimo de senso comum: "Se não podes vencê-los, une-te a eles". Talvez eu esteja sendo grosseiro, mas estou certo de que me entenderá..

Ellery contemplou o homenzinho mais uma vez: olhou detidamente os amistosos olhos azuis, as linhas horizontais da sua fronte rosada, o interesse que se filtrava através do formalismo das suas palavras. John podia ser muitas coisas, mas não se

podia duvidar da sua inteligência. Mais ainda; era inteligente e honrado.

- Suponhamos que sua oferta não me convenha...

- Você é muito desconfiado. - suspirou John – Temo que continue me considerando uma espécie de monstro.

- Não, não, John. - disse Ellery sinceramente – Faço o possível para considerá-lo um ser como eu.

- Então não sei o que dizer-lhe... Se você não aceita minha proposta, eu tampouco aceitarei a sua. Isto é tudo. E não tema, não lhe acontecerá nada de mal, embora... não sei, talvez as consequências psicológicas o afetem. Você é livre. Vá aonde quiser e diga o que quiser. Sabe que tem um cérebro e esperamos que o use convenientemente. É coisa sua.

Ellery vacilou.

- Você assegura que me deixará em liberdade depois do que me contou?

John indicou a porta com a cabeça.

- Esta é a saída. Será escoltado até sua residência, sem condições e sem pressão de tipo algum. É um agente inteiramente livre; tão livre como um ser humano pode ser. Conhece Mel Thorne. Se mudar de ideia a respeito da minha proposta, vá vê-lo. E se não, passe bem.

Paul Ellery levantou-se lentamente.

- Boa noite, Paul. - disse John, apertando-lhe a mão firmemente.

- Boa noite... e obrigado! Agradeço... bem, agradeço por tudo.

- Foi um prazer para mim, querido amigo. - disse John.

E realmente parecia ser sincero. A ampla porta abriu-se em silêncio diante de Ellery. O homem chamado John permaneceu sentado no escritório. Parecia um pouco solitário e triste.

Seus escolta já estava o esperando no longo e frio corredor. Ellery os seguiu pelo túnel intemporal e deserto e passou outra vez diante dos painéis laterais das paredes. Passou a primeira porta, depois o curto corredor, a segunda porta, e encontrou-se de volta à esfera. Sentou-se na banquetta verde, com os pés apoiados na almofada cinza e o zumbido e vibração se repetiram.

Quando o painel corredeço voltou a erguer-se, emergiu no úmido frescor da alvorada. Os grilos cantavam no pasto molhado. Olhou seu relógio: eram cinco da manhã. O trajeto foi feito novamente no Buick, já quase esquecido, e finalmente encontrou-se no quarto do hotel. Seus guardiães despediram-se e ele ficou sozinho.

Sentou-se na borda da cama, na escuridão. Sentia-se péssimo: muito uísque, muito tabaco, muito tudo. Demorou muito para reagir. Dois meses antes havia se afastado de um mundo confortável e seguro. E agora estava de volta de um mundo novo. Seu futuro podia ser... qualquer coisa.

Levantou-se e livrou-se do revólver e voltou a guardá-lo na gaveta, sob as camisas. Então deitou-se na cama sem despir-se e olhou fixamente a luz cinzenta da madrugada, até que caiu em um sono leve e sobressaltado. Virou-se e agitou-se inquieto durante algumas horas, até que o sol voltou a queimar a atmosfera. Gritou duas vezes sem despertar.

Despertou pouco depois do meio-dia. Fazia muito calor para dormir e o travesseiro

estava molhado da sua transpiração. Com um esforço de vontade, conseguiu barbear-se e tomou uma ducha fria. Depois que pôs uma roupa limpa sentiu-se um pouco melhor. Nem sequer tentou pensar até haver ingerido quatro xícaras de café, dois ovos demasiado cozidos e uma salsicha passável. Foi então em busca do seu Ford, abriu todas as janelas e partiu. Não se dirigia a parte alguma. Simplesmente queria se arejar. O sol era um enorme escudo de bronze no céu absolutamente vazio. Por um instante, passou pela sua cabeça a ideia de ir a Austin, mas durou só um momento.

Tinha desejado com toda sua alma, apesar das afirmações de John, não lembrar nada do que tinha acontecido na noite anterior. Mas lembrava de tudo e, claro, não podia apresentar-se ainda na cidade. Compreendia, com penosa clareza, que achava-se em uma situação desesperada. As coisas já não eram as mesmas e não voltariam a ser nunca mais, ao menos para ele. Agora conhecia a história completa, quase toda. O problema estava resolvido. A resposta estava em seu poder: a resposta que havia procurado com tanto ardor. Algo fabuloso tinha-lhe acontecido. Que faria agora? Nada. Absolutamente nada. Pensou sob todos os ângulos concebíveis. Analisou cada possibilidade de ação. Planejou pelo menos cinquenta ações diferentes e teve que descartá-las. Seria impossível, com seu temperamento, despedir-se para sempre de Jefferson Springs e de tudo que significava para ele iniciar outro tipo de vida e outros estudos. Para não exagerar, se dizia que tinha tido um choque ao saber que ele era um primitivo, um selvagem, que pesquisava em uma cidadezinha, muito feliz por sentir-se o rei de tudo que examinava. Nenhum homem – nenhum como Ellery – poderia continuar com o mesmo trabalho, sabendo que o que pesquisava era coisa de milhares de anos atrás com respeito a uma civilização à qual nunca poderia pertencer. Como encontrar-se com seus amigos, vê-los diariamente, compartilhar dos seus trabalhos, suas alegrias, seus sonhos, depois do que sabia? Passaria as noites olhando para as estrelas até que, finalmente, apertaria o gatilho.

Tampouco poderia publicar sua descoberta em uma revista técnica de sua profissão. Só a ideia de fazê-lo provocava risos: "Algumas evidências relativas a uma colônia de estrangeiros, no Texas, com sugestões sobre uma civilização galáctica". Nenhum diário, nenhuma publicação séria aceitaria um artigo semelhante, nem por um milhão de dólares. E mesmo supondo que publicassem, faria alguma diferença? Quem acreditaria nele? Até o sábio mais famoso do mundo seria rapidamente isolado em um asilo de insanos se aparecessem com uma teoria deste gênero. E Paul Ellery não era o sábio mais famoso do mundo. Havia milhares de pesquisadores mais importantes que ele. Não poderia dirigir-se ao jornalismo nem à polícia. Era impossível imaginar alguém dizendo mais ou menos isto: "Conhecem a localidade de Jefferson Springs? Foi invadida. Os invasores são estrangeiros, gente chegada do espaço; sim, do espaço. Me levaram uma noite a uma de suas naves interplanetárias e me contaram o que havia ocorrido". Não poderia dizer nem ao seu melhor amigo. "O que pensas, Joe, que me aconteceu quando estava pesquisando em Jefferson Springs? Te parecerá um disparate, mas..."

Não havia solução. Não havia a menor esperança, porque os colonos eram realmente mais avançados do que as pessoas mais cultas da Terra. A totalidade do problema levantado por John – um problema que afetava tanto a filosofia, a psicologia e a ética, como drama da sobrevivência – era virtualmente inconcebível em um planeta que se achava na etapa terrestre. Era como se o homem do Neanderthal tivesse anunciado aos gritos, da sua caverna, que havia desintegrado o átomo. Não havia esperança, ademais, porque não existia a Terra como um todo: só havia um conjunto

de nações hostis espionando-se com desconfiança enquanto se mantinha, a duras penas, a cessação temporária das hostilidades. A ONU lutava para crescer em um mundo que necessitava dela desesperadamente, mas não estava maduro para ela. Acaso poderia dirigir-se ao senado dos Estados Unidos e sugerir que muitos dos constituintes eram forasteiros disfarçados? Ellery não podia nem imaginar uma coisa semelhante. Procurar uma saída urdindo uma revolução era um projeto digno de uma mentalidade de colégio secundário. Quem faria a revolução? Contra que? A Terra não havia alcançado a técnica adequada para encarar uma situação deste tipo, esta era a realidade. A situação escapava à experiência terrestre, a suas expectativas. Era pior que tentar deter um tanque com arco e flecha. A Terra nem sequer reconheceria a existência do tanque.

Era óbvio que só lhe restava uma coisa a fazer; não havia encontrado a resposta para o novo problema que havia surgido ao solucionar o antigo problema. Uma vez aceita esta premissa, sua tarefa ficava claramente estabelecida: tinha que achá-la. Atualmente conhecia muito pouco sobre o que acontecia realmente na cidade de Jefferson Springs. Os programas destinados ao público lhe eram familiares e pelo menos havia se inteirado, embora deficientemente, da verdadeira história da sua colonização. Mas ignorava tudo o que estava além desses dados. A vida interna da colônia, o verdadeiro funcionamento dessa comunidade, dessa cultura, tudo isto continuava sob mistério. Como era, neste momento, a relação da colônia com a Terra? Era verossímil que viviam ali como parasitas inofensivos, como havia sugerido John? Ou essas pessoas eram suficientemente "humanas" para desejar que sua colônia perdurasse? E abandonariam realmente a Terra para resolver seus assuntos particulares? Quem tinha o controle dessas vidas tão estranhas? E como trabalhavam esses endemoniados? Como podiam, sendo pessoas, verdadeiras pessoas, viver como em um baile de máscaras, aparentando ser uns selvagens, já que, do seu ponto de vista, era assim? Isto poderia ser atraente durante umas férias ou no máximo por um ano ou dois? Poderiam suportá-lo durante uma vida inteira?

Paul Ellery meditava sobre Jefferson Springs, sobre seus verdadeiros habitantes, sobre o que não havia podido penetrar. Possivelmente haveria uma pista ali mesmo, e tinha que encontrá-la. Mas não parecia muito provável, era uma agulha em um palheiro. Nem sequer sabia o que tinha que procurar: um número em um milhão. Mas Paul Ellery era um homem obstinado. E também era prático. Repetiu o ditado que John tinha dito: "Se não podes vencê-los, une-te a eles". Disse a si mesmo que iria seguir adiante, movido por mero interesse pessoal; que era muito sensato para sonhar em salvar o mundo. Salvar o mundo era um projeto ousado, com ou sem colonos. E a bomba de hidrogênio não era um obstáculo fácil. Se não encontrasse a solução, devia procura com que as coisas saíssem da melhor forma possível. Buscar um compromisso. Eles haviam lhe dado uma oportunidade. Mais de um nativo, antes dele, tinha tido de abandonar sua tribo e aprender os estranhos métodos civilizados.

Recordou seu amigo Dois Ossos, seu intérprete entre os índios Corvos. Dois Ossos era uma dos muitos índios que havia conhecido, debatendo-se no limite de dois sistemas opostos de vida. Que nome lhes dava a literatura? Marginais. Tinha que encontrar uma brecha na firme armadura dos colonos. Faria o que pudesse. Era a única coisa que restava para fazer.

À tarde voltou do seu passeio pelos arredores. Longas sombras se estendiam como suaves garras ao longo dos campos, as moitas e os cactos. A tênue brisa era como uma sombra a mais, sussurrante sobre a terra suave e limpa. Jefferson Springs assava-se ao sol na hora do crepúsculo, a cento e vinte milhas de San Antonio e a ses-

senta do Rio Grande e do México.

Paul Ellery havia tomado uma resolução: Ia se entregar. Não havia se convertido em um entreguista; era apenas um homem que se entrega. Esta era a diferença.

No dia seguinte iria ver Melvin Thorne.

CAPÍTULO 8

O dia seguinte foi como os demais: o sol ardeu logo cedo, absorvendo a umidade da noite e convertendo, como sempre, o quarto do hotel em um forno. Parecia impossível, entretanto, que este dia fosse igual aos anteriores. Havia ocorrido tantas novidades, tantas mudanças, que era incrível que o mundo prosseguisse em seu curso inevitável, sem alterações.

Ellery tomou o desjejum – tão ruim como de costume – e surpreendeu-se com seu apetite. Na realidade sentia-se muito bem. A tensão nervosa havia cedido e, embora o clima de resignação tivesse precedência, isto também era um progresso.

De volta ao hotel, tirou a camisa e deitou na cama com um grosso tomo da “Antropologia de Hoje” como mesa. Sua escrita manual não era muito elegante, mas à máquina escrevia pior ainda. Devia escrever três cartas.

A primeira, à Universidade de Winans. Era um pequeno centro de estudos que funcionava por iniciativa privada; achava-se a umas poucas milhas ao norte de Austin, perto de Round Rock. Havia sido fundada trinta anos atrás pelo velho Edgar V. Winans, um excêntrico milionário texano graduado em Harvard – algo muito raro. – Winans perguntou-se porque seu estado natal não tinha um bom colégio e, para demonstrar que era uma localidade capaz de manter uma, havia construído a Universidade. Sabia o que fazia e provou: em pouco tempo teve nas mãos uma escola de primeira classe que atraía estudiosos de alta qualidade. Ellery renunciou à sua cátedra na Universidade do Texas e foi para Jefferson Springs seguindo suas pesquisas, com uma bolsa. Havia aceitado o oferecimento da Universidade de Winans, principalmente, porque gostava das escolas pequenas e o salário era excelente. Mas isto havia acontecido em outro mundo. Agora escrevia para Bud Winans, o filho e inteligente sucessor do velho cavalheiro, para dizer-lhe que não estaria livre em setembro, que seus planos não se definiriam por algum tempo e que lhe faria chegar a resposta, fosse essa afirmativa ou negativa, com a máxima brevidade. Não era um procedimento usual nem hábil, mas Bud era um bom rapaz e moveria os fios necessários para ajudá-lo.

A segunda carta era dirigida aos seus pais. Era mais convencional, com abundantes explicações sobre o excesso de trabalho e as complicações inesperadas. Despedia-se, lamentando ignorar por quanto tempo continuaria ocupado dessa forma e prometendo-lhes uma visita em breve.

A terceira era para Anna e requeria mais destreza. Temia que ela se sentisse muito só e fosse vê-lo. Deveria tranquilizá-la e manter as boas relações para o caso em que ele se decidisse a ir vê-la. Não é que fosse tão difícil: todos os jovens sabem escrever muito bem, neste tom, às suas namoradas; mas Ellery tinha a leve suspeita de que

não enganaria Anna assim tão facilmente. Pensou nela, tão perto, em Austin, e sentiu um forte impulso de ir vê-la. Entretanto rechaçou a ideia de imediato. Era um bonito projeto, mas a resposta ao seu problema não se achava em Austin.

Tirou sua máquina fotográfica da cômoda e colocou um novo rolo de filme. Era uma Brownie simples, nada de espetacular. Não sabia muito bem porque a estava aprontando; só lhe ocorria que umas tantas fotografias, aqui e ali, não fariam mal a ninguém. Colocou as cartas na velha e descuidada caixa de correios. Em frente, no "Rialto", exibiam o filme "A nave-foguete X-M". Ellery achou que esse filme ao menos estaria bem feito. Podia ser uma coincidência ou uma prova do estranho sentido de humor dos colonos.

Subiu no Ford, encheu o tanque no posto de Humble, perguntando-se se o empregado que o atendia seria ou não um colono. O traje do mecânico, os toscos sapatos, a flanela vermelha que pendia do bolso de trás, eram demasiadamente normais. Dizia-se continuamente: isto não é real, este é um estrangeiro, um colono; isto não é real... As palavras tampouco eram reais.

Saiu da cidade e cruzou a ponte do Nueces em direção ao rancho de Thorne. Fez o possível para desviar o curso dos seus pensamentos e modificar seu estado de ânimo. Na sua cabeça, como um moinho, dava voltas um; "isto-não-pode-estar-certo-mas-é-certo-embora-não-pareça-certo". Fez um grande esforço e conseguiu dominar-se um pouco.

Continuou dirigindo pelo campo já conhecido, ao longo do caminho pavimentado e, ao chegar ao caminho de terra, virou na direção da casa da fazenda. Olhou para cima, esperando talvez avistar a enorme aeronave flutuando no ar. Mas o pálido firmamento estava vazio. Somente o sol brilhava, queimando sem tréguas.

Estacionou no pátio da fazenda e decidiu não pensar nada adiantadamente. Desceu do carro e chamou á porta. Ouviram-se passos, mas não eram as sonoras pisadas de Thorne. Sua esposa, talvez? A porta se abriu. Não era sua esposa.

- Olá! - disse a jovem, sorrindo – Você é Paul Ellery?
- Eu era Paul Ellery. - disse ele.
- Entre, por favor, Paul. Sou Cynthia. Vou chamar Mel.

Ellery a seguiu, novamente desconcertado. A jovem era uma surpresa com que ele não contara. Loira, com o cabelo preso, parecia despreocupada sobre seu físico, que não necessitava ajuda alguma, encantador e formoso como era. Vestia uma camisa branca de homem, arregaçada, e short cinza. Estava descalça.

- Sente, Paul. - disse.

Ellery sentou-se. Desta vez o haviam feito entrar no vestibulo. O relógio da parede deixava caís seu monótono tique-taque no ar quente.

- Mel está no celeiro. - disse Cynthia. Sua voz era suave, mas tinha um inconfundível acento texano. - Espere um momento.

Saiu, e Ellery a ouviu gritar ao ar livre. Possuía, entre outras coisas, um bom par de pulmões. Ellery tentou incluí-la na equação: Amante? Nova forasteira desembarcada da nave? Isca? Amiga da família? Vampira?

Cynthia voltou.

- Meu Deus! - disse – Que calor faz aqui!

A que deus ela se referia? Ellery não tinha a mais remota ideia. Havia dito "aqui" como se tivesse chegado de outro lugar. A frase era sugestiva, mas descartava a imagem da mulher fatal que tinha estado construindo em sua mente.

- Faz calor, - repetiu ele. Logo, envergonhado de si mesmo, tentou melhorar o nível do diálogo. - Você vive aqui?

Evidentemente, a segunda frase tampouco foi um sucesso de equidade.

- Sim, - disse ela, sentando-se ao seu lado no sofá de cor castanha – na cidade. Ensino economia doméstica na escola secundária.

Ellery calou-se durante uns minutos e descobriu que os olhos de Cynthia eram do mais lindo azul. Devia ter pouco mais de vinte anos.

- Parece muito bom – comentou – para os estudantes.

Ela sorriu.

- Obrigado, Paul. - replicou modestamente

Ouviram-se pancadas na porta de trás e os pesados passos de Melvin Thorne. Ele chegou como sempre, cordial, sólido, suado. Estava com o chapéu na mão; usava calça jeans apertada e desbotada e uma camisa suja de cor caqui. Suas botas de vaqueiro estavam muito gastas.

- Como vai, Paul? - perguntou com sua lentidão característica – Encantado em vê-lo por aqui.

“Por favor, não,” pensou Paul. “Livrem-se desse dialeto”

- Olá, Mel. Como vai?

- Magnificamente. - Fez uma pausa – Cynthia, sai por um momento. - disse com o mesmo tom que teria utilizado para pedir outra xícara de café.

Ela ergueu suas finas sobrancelhas, mas não fez nenhuma objeção e levantou-se. Parecia muito fresca e esbelta junto a Thorne.

- Até logo, Paul – disse, e saiu da sala.

- Nos atrapalharia. - argumentou Thorne – Venha, vamos para a cozinha, onde poderemos conversar tranquilos.

Instalaram-se mais uma vez ali em frente à mesa de madeira com a toalha quadriculada em branco e vermelho. O saleiro e o pimenteiro ainda exibiam suas insípidas legendas. Antes que Thorne abrisse a boca, sua esposa apareceu na cozinha. Era gorda, inclinada, com o cabelo branco. Seus olhos castanhos eram formosos.

- Serve-nos um café, Martha. - disse Thorne.

Martha serviu o café, da grande cafeteira preta, em duas xícaras que já haviam conhecido dias melhores. Não se preocupou em oferecer açúcar ou creme. Contemplou Ellery por um momento e depois pôs sua forte mão no ombro dele:

- Você verá que tudo sairá bem, senhor Ellery; - disse-lhe – você parece ser um bom rapaz e espero que se sinta bem entre nós.

- Obrigado, senhora, – disse Ellery – muito obrigado

Olhou o casal atentamente. Seria possível que essas pessoas fossem forasteiros? E que significava isto tudo? Se haviam evoluído em um planeta que girava ao redor de outro sol, qual era a diferença? Onde estaria a ameaça para a Terra? Que perigo podia correr Ellery com essas pessoas? E por que não deixá-los viver em paz em sua fazenda, como a todos? E pôs-se a refletir naquela cozinha caseira. Evocou todas as tribos primitivas que haviam enfrentado os homens brancos. Entre uns e outros havia somente umas poucas características secundárias de diferença. Onde estavam agora aqueles povos primitivos? Esses forasteiros, fossem o que fossem diziam que não queriam “conquistar” a Terra. Dentro do que Ellery podia julgar, eles diziam a verdade. Mas a invasão continuaria; eles necessitavam de espaço vital. E não eram máqui-

nas: como os demais seres, tinham sua fraquezas. Cedo ou tarde trariam instabilidades. Por outro lado, os planetas colonizados sairiam do seu estado selvagem ou, ao contrário, haveria pressão para que permanecessem neste nível cultural? Lembrou das bombas de hidrogênio e o que representavam. Os forasteiros civilizados podiam precaver-se contra elas e suprimir a guerra para sempre da Terra. Mas não o fariam. Pelo menos na Terra não interfeririam. Que chance de salvação teria, entregue aos seus próprios recursos? Paul Ellery apertou os punhos com força. Talvez, talvez houvesse uma saída...

- Imagino que John já lhe contou o ocorrido.

- Falou-me disto, sim. - disse Melvin Thorne, bebendo seu café – Podemos contar com você, certo?

- Sim. - assegurou Ellery com firmeza.

Bebeu o café por cortesia: ainda não havia se acostumado ao hábito texano de tomar café fervente ao meio-dia em pleno verão.

- John me disse que você me poria ao corrente.

- Encantado em servi-lhe em algo, Paul. - disse Thorne lentamente – Temos muito que falar, e você deve inteirar-se de uma infinidade de coisas que desconhece.

Melvin Thorne continuava empregando as gírias do Texas, e Ellery se deu conta de que ele não estava fingindo: era o único inglês que o homem conhecia. Tinham-no preparado para esta determinada cultura. Por quanto tempo? Ellery começou a pressentir o interesse que Thorne e o resto tinham em permanecer em Jefferson Springs. Por acaso poderiam escolher outro lugar?

- A princípio terá que ser testado alguns trabalhos um tanto absurdos, Paul, até que estejamos seguros de que você deseja ficar conosco... e que você também deseja... - continuou Mel, servindo mais café – Acredito que admitirá que deve passar por uma aprendizagem antes de integrar-se à vida real da nossa cidade. Tem muito o que aprender, assim como eu tive muito que aprender antes de descer e instalar-me nesta fazenda. Um jornal será um bom lugar para começar, já que gosta tanto de livros. Demo-lhe a tarefa de escrever, para começar, e depois disto passará a outro teste. Não será muito interessante no começo, Paul, mas nossa cidade tem seu encanto e estamos orgulhosos dela.

O assombro de Ellery ia aumentando. Thorne era o mesmo de sempre; evidentemente, ele era mais ou menos o que aparentava: um indivíduo correto para o trabalho adequado. Ele tinha imaginado que o estrangeiro que chegara de uma civilização mais avançada teria uma inteligência superior à média. Compreendia agora que a civilização podia progredir sem que a inteligência individual progredisse. Joe Blow viveu na mesma cultura de Albert Einstein e pôde, entretanto ser de grau Q. E Mel Thorne? O que era? Um babbitt texano de outro planeta? Ellery estremeceu: o pensamento lhe produzia um leve tremor.

- Farei tudo que puder, Mel. - afirmou.

- Confio em você, meu filho, se mais pra frente se desenvolver como esperamos, será enviado para lá, talvez, para o "tratamento completo".

- Para lá?

- Para lá, certamente. Mas por enquanto terá que passar pela prova do jornal.

- Poderia ser pior. - comentou Ellery – Um dito popular, no colégio, afirmava que os indivíduos com diploma acabariam cavando valas.

Melvin Thorne soltou uma enorme gargalhada

- Gostei disto! - disse, entre um riso e outro – Sempre afirmei que a educação livresca era uma perda de tempo.

Ellery suspirou. O homem acreditava mesmo, não havia farsa alguma.

- Muito bem, - disse com boa vontade – tentarei ficar acima das circunstâncias.

A senhora Thorne voltou à cozinha, sorriu com ar ausente e saiu sem fazer ruído.

- Uma coisa que podemos fazer por você agora – prosseguiu Mel – é tirá-lo do hotel "Rocking T". Esse edifício foi projetado especialmente para espantar os turistas.

Riu, e Ellery riu também, em sua cozinha, mas sem entusiasmo.

- Vá a uma casinha branca que há em frente da escola secundária. Está desocupada e é sua. Encontrará a chave na caixa de correio.

- Obrigado mais uma vez. - disse Ellery.

Mentalmente, chegou a uma conclusão prazerosa: casa + escola secundária = Cynthia.

- Sei, - disse Ellery – vou pegar minha armadura.

- Oh, oh! - disse Thorne, duvidando – Bom, eu lhe disse como são as coisas. Mas, Paul, sobretudo quero que se sinta à vontade aqui e que venha sempre que desejar. Não esqueça que não é um prisioneiro. Jefferson Springs é seu lar, se você estiver de acordo; mas poderá deixá-la quando não mais agradá-lo. Estamos muito orgulhosos do que fizemos com esta cidade, é um prêmio aos nossos esforços. Oh!, não era assim quando chegamos pela primeira vez.

Ellery imaginou Jefferson Springs no momento que foi descoberta pelos colonos. Para eles era uma cidade estrangeira em um mundo estranho e distante; um ponto minúsculo no meio de um deserto hostil; um frágil recipiente no qual jogariam suas vidas, seus amores, seus desejos. Uma aventura em outro mundo, como se os homens da Terra viajassem para as estrelas...

- Obrigado, Mel.

- Não há de que, meu amigo.

Paul Ellery despediu-se e saiu sem voltar a ver Cynthia. Lançou o Ford caminho abaixo pela via enlameada. O resplendor solar punha toques de ouro no céu azul e o pesado calor enriquecia-se com a fragrância do rio e dos ciprestes.

CAPÍTULO 9

Seu primeiro dia de trabalho no semanário teria sido singular na vida de qualquer homem. O escritório do "O Observador", situado em frente ao edifício da Municipalidade, situavam-se em um prédio marrom, longo e estreito, tão antigo, que Ellery temia encontrar neles escreventes com peruca e penas de ganso no tinteiro. Seu diretor se chamava Abner Jeremy Stubbs.

O senhor Stubbs era alto, magro e encurvado. Seu aspecto era agradavelmente grotesco. Seu cabelo era a mais completa ausência de cor e usava uma viseira de um verde desbotado que o mantinha afastado dos olhos. Usava traje negro. Sua informe jaqueta pendurada em um gancho atrás da porta. Trabalhava em mangas de camisa e colete lustroso. Usava um pesado relógio de ouro e Ellery sabia, sem necessidade de comprová-lo, que marcava escrupulosamente a hora certa. Abner, quando falava, fazia-o sempre em tom fúnebre. "Ah! é uma lástima, uma grande lástima..."

Ele disse a Ellery:

A máquina de escrever está no móvel ao lado, o telefone também. Os temas, por listas, no arquivo. Sabe alguma coisa sobre leiaute?

- Só o que as mulheres fazem no rosto – confessou Ellery.

O senhor Stubbs inclinou cansadamente a cabeça. "Outro dia, outra carga..."

- Aprenderá. Ponha tinta nas veias.

Ellery assentiu. O senhor Stubbs inclinou-se para trás em sua cadeira giratória e olhou fixamente para a parede. Ellery decidiu que a entrevista havia terminado. Foi para o seu escritório, ou a peça designada com este nome, e expôs-se à ira dos deuses da antiguidade abrindo uma janela que se comportou como estivesse fechada desde os tempos do dilúvio. Por outro lado, o dilúvio não havia servido precisamente para limpeza. O calor era sufocante. Um carvalho solitário e desamparado se consumia sob o sol e tentava recordar de que havia algo chamado chuva. Sentou-se diante de uma pequena mesa sem pintura e contemplou a máquina de escrever mais velha que ele.

Em seu trabalho anterior em Jefferson Springs havia estudado atentamente o jornal. Vários meses antes da sua chegada havia classificado e arquivado cada artigo. As notas sociais lhe haviam fornecido abundante informação sobre os parentescos, reuniões e festejos. Daí tinha obtido valiosos padrões. O senhor Stubbs mostrava, em seus editoriais, um profundo conhecimento do sistema de valores Jeffersonianos.

Paul Ellery não ignorava o que era o jornalismo. Nunca havia se considerado escritor, mas acreditava poder cumprir totalmente as condições estilísticas requeridas. O jornal chamava-se "O Observador de Jefferson Springs" e seu lema era: "Nossa luta pelo direito é eterna como as planícies". Não era um sucesso, mas era melhor que

muitos outros; mais ao Leste, uma outra localidade imprimia seu jornal com a seguinte epígrafe: "Indústrias, Fábricas, Plantações, Trabalho, Energia e Capital, unidos para sempre". Estudou os rascunhos do arquivo durante meia hora e depois colocou uma folha de papel amarelado na máquina. Escreveu quatro notas em três horas, ou melhor, as compôs para produzir, com seus dedos inexperientes e a máquina desmantelada, um conjunto digno de um redator experiente.

Sem se deixar amedrontar por sua inexperiência, compôs quatro títulos. Ignorava, felizmente, os lugares comuns e os clichês jornalísticos, mas captou o espírito do "O Observador" perfeitamente. "O mesmo problema estival". "Melhora o pequeno Jody Davis do acidente hípico. Lesão facial". "Do Acampamento H-4 escrevem para casa". "O banquete do Clube Lions foi um acontecimento louvável".

Uma vez terminado o trabalho do dia, Ellery examinou a última edição do jornal para ver se encontrava algo útil para si. Mais uma vez enfrentou a anomalia básica de Jefferson Springs. A cidade era uma colônia de estrangeiros, mas não se destacava por nenhum tipo de progresso notório. Era tão monótona como o pó. Bem, atores ou não, falsos ou não, os colonos viviam atualmente em Jefferson Springs. O fato de que não se manifestaram sinceramente – e Ellery não achava que poderiam ser sinceros – não alterava o fato de que tinham que ajustar-se à modalidade de Jefferson Springs e que isto levava tempo. Estes forasteiros, sem dúvida alguma, passaram a maior parte das suas vidas aprendendo o papel de cidadãos moradores do Texas. Que sentido tinha isto? Até onde Ellery podia ver, os colonos se mostravam bastante humanos. Como podiam aceitar de boa vontade uma vida na qual a sétima parte de cada dia se perdia tentando assimilar uma cultura insignificante para eles?

Ellery trocara as posições tentando ver com maior clareza. Imaginou duas culturas frente a frente: a cultura dos Estados Unidos da atualidade e o grupo dos índios do sudeste, os Natchez, por exemplo, que viveram outrora nas terras baixas do Mississípi. O golfo que se interpunha entre as duas culturas podia-se comparar, a grosso modo, com o golfo que separava os Estados Unidos da civilização galáctica. A premissa era correta: por um lado, a América moderna e industrializada; por outro, sete aldeias agrícolas com choças de palha, templos levantados em mesetas de terra e cerimônias ao redor do fogo. Um sistema de classes bem definido, que partia de um Sol supremo e chegava, através dos Nobres, dos Honoráveis e dos membros da comuna até os chamados Stinkards. Se por alguma razão os americanos de hoje quisessem instalar uma colônia entre os Natchez de forma que estes não soubessem da infiltração, teriam primeiro que passar por um longo período de aprendizagem, sem contar o tempo que perderiam na travessia. Supondo que os cidadãos estadunidenses se transformassem em cópias razoáveis dos índios Natchez, por quanto tempo aceitariam viver como índios, privados das comodidades e valores da vida que haviam conhecido? E se fosse, não por uma semana nem um inverno, e sim para instalar-se ali? Ellery decidiu que havia somente uma possibilidade: que os cidadãos dos Estados Unidos crescessem ali desde crianças vivendo com os índios. Neste caso, aceitariam com satisfação a cultura dos índios, embora não fossem realmente índios.

Era uma lástima que os forasteiros não tivessem seguido este caminho. Evidentemente, o problema dos galácticos era mais complexo. Emigrar para sempre e sem reter ao mesmo tempo os elementos da sua civilização, era muito difícil: descendendo da Terra, na infância, perderiam seus atributos galácticos. Ellery havia visto bastante para comprovar que este procedimento não era o que eles haviam seguido. Uns desciam quando eram jovens adultos: isto correspondia a uma técnica. Outros na infância, o que constituía outra técnica diferente. Aparentemente, outros nasciam em Jef-

erson Springs e eram educados de forma que pudessem comportar-se como cidadãos galácticos em qualquer parte do mundo. Que significariam as palavras de Thorne sobre o “tratamento completo”? A pergunta ainda estava de pé: como podiam viver satisfeitos em Jefferson Springs e manter ao mesmo tempo a unidade como uma civilização interestelar mais vasta e mais complexa?

Leu o jornal atentamente, estudando as notícias pessoais, os avisos e as solicitações. “O senhor e a senhora Joe Walter passaram dois dias felizes a semana passada visitando Barner State Park”. “Senhor comerciante: não pregue para os seus. Envie sua propaganda a outros lugares.” Só encontrou um aviso sugestivo, embora não houvesse nada de chamativo nele. Era um quadro pequeno no pé de uma página.

RANCHO DE THORNE

25 DE AGOSTO, 9 P.M.

Isto era tudo. E a data indicada: dois dias depois. Imediatamente, soube que nesse dia e nessa hora ele estaria lá.

Saiu do seu escritório e entregou os quatro artigos completos ao senhor Stubbs, que continuava sentado na sua cadeira giratória, perdido na contemplação da parede. Stubbs tirou o relógio de ouro do bolso, sacudiu a cabeça tristemente e não disse nada. Ellery preferiu interpretar esses sinais como aprovação e despedida e abandonou o local.

Dirigiu seu automóvel na direção da sua nova casa, à frente da escola secundária, deserta durante o verão. O interior do seu novo lar começava a ficar mais fresco depois de haver passado pelo churrasco do meio-dia, mas ainda parecia quente. Uma leve brisa se insinuava pelo norte, embora os dispositivos sensoriais de Ellery não fossem bastante delicados para percebê-la. A casa era simples mas confortável; constava de um vestibulo, um banheiro, um dormitório, uma cozinha e outros pequenos cômodos distribuídos sem graça ou imaginação. Havia somente um quadro solitário, com flores que pareciam de cera, e quando o voltou para a parede, o ambiente melhorou enormemente.

Ellery fritou um salsicha – preferindo sua própria cozinha à do “Jefferson Springs Café” - e abriu uma garrafa de cerveja. Procurou um bloco de notas e um lápis e sentou-se frente à mesa da cozinha. Perguntou-se que conhecimentos tinha, como antropólogo, sobre os contatos culturais. Sabia que era uma vantagem pensar primeiro e investigar depois... se pudesse.

Quando ouviu o chamado à porta, já ia na metade da salsicha. Havia avançado pouco em suas indagações sobre os problemas da cultura. Colocou o bloco em uma gaveta e abriu a porta de entrada.

Era Cynthia. A equação voltou pela segunda vez à sua mente: casa + escola = Cynthia. Antes tarde do que nunca; e melhor cedo do que tarde.

- Está ocupado? - perguntou Cynthia, sorrindo.

- Não. Quer entrar? Estava terminando de comer meu caviar.

Ela entrou e Ellery fechou a porta. A garota usava uma saia verde-escuro e uma blusa de seda branca. Tinha o cabelo solto. Era esbelta e queimada de sol, muito atraente.

- Agora que trabalha no jornal, pensei que poderia trazer-lhe uma notícia.

- Magnífico. - disse Ellery – Venha para a cozinha e como prêmio a convidarei para

uma cerveja.

Ela o seguiu e sentou-se junto à mesa, franzindo o nariz ligeiramente à vista da salsicha. Aceitou a cerveja sem melindre, mas, evidentemente, não tinha o tipo de uma bebedora.

- Lamento não poder oferecer-lhe algo melhor. - disse ele – Acabo de mudar-me e ainda não aprovisionei a adega. Na realidade, não tenho adega.

Ela riu gentilmente. Era um riso encantador que parecia dizer: "Não tem um mínimo de graça, mas é simpático tentar".

- Come salsichas todas as noites? - perguntou Cynthia.

- Nem sempre, - apressou-se ele a contestar – às vezes frito ovos também. Assim minha dieta não fica monótona.

- Pobre homem! - disse Cynthia – Precisa de uma cozinheira. Eu não serviria?

- Senhorita, - disse – serviria à perfeição. Nem sequer lhe peço referências.

- Isso me convêm, - disse ela – porque não tenho nenhuma.

Ellery terminou a cerveja e abriu outra garrafa.

- Quando começamos esse delicioso contrato?

Cynthia esboçou um sedutor sorriso:

- Amanhã à noite – sugeriu – virei com as compras já feitas e tentarei impressioná-lo.

- Com ou sem compras, me impressionará. Assegurou Ellery.

- Bem,- disse Cynthia, cruzando as pernas graciosamente – não esqueçamos da nossa história, Paul.

Ellery, que acabara de fazê-lo, assentiu. Dirigiu-se ao vestíbulo e regressou com um bloco de notas em branco.

- Vejamos do que se trata. - disse, voltando a sentar-se – Telefonarei a Stubbs pra que pare as máquinas.

- Não há pressa. - disse Cynthia – Refere-se à escola secundária. As aulas começam em três de setembro e todos os alunos que se inscreverem deverão apresentar sua certidão de nascimento e seus certificados de vacina.

Ellery olhou-a atentamente. Ela falava sério, e ele anotou o que havia ditado. Lembrou que Cynthia ensinava economia doméstica na escola superior. Santo Deus! Ela lhe prepararia realmente um jantar?

- Isto é tudo? - perguntou, depois de uma pausa.

- É tudo. - respondeu sorrindo – quis ajudá-lo um pouco

- Obrigado. MUITÍSSIMO obrigado.

- Ellery bebeu um longo gole de cerveja. Acreditava conhecer suficientemente estas pessoas e, quando menos se esperava, tiravam outro coelho da cartola. Mas Cynthia poderia ser útil, e ele gostava de coelhos.

- Cynthia, - disse – me perguntou se você me diria algo...

- Estava certa de que me perguntaria. - respondeu ela.

Ellery ignorou seu tom.

- Estou metido em um nó, você sabe. Você é a única pessoa que tem se comportado.. que tem se comportado...

- Humanamente? - sugeriu a moça.

- Amistosamente. - corrigiu Ellery – Não me sinto um animal tão raro quando você está comigo.

Cynthia riu abertamente.

- O que quer saber, Paul?

Ellery falou com um cuidado especial; compreendia que somente um estúpido poderia tentar pegar Cynthia de surpresa.

- Vi um aviso no jornal da semana passada, sobre a fazenda de Thorne. Como você estava lá, me pergunto...

- De que se trata. - concluiu Cynthia. Ajeitou ligeiramente o penteado.

- Se vou integrar a equipe de vocês, devo estar por dentro das regras.

Cynthia franziu os lábios.

- Não sei, Paul... Ficaria encantada em responder, mas não estou certa; não sei se é permitido. De qualquer forma, gostaria de saber o que você está procurando; se conseguir esta informação, farei algo melhor que explicar-lhe. Farei com que me acompanhe e veja com seus próprios olhos.

- Isto é muito nobre, Cynthia. Obrigado.

Ela terminou sua cerveja e pôs-se de pé.

- Veremos. - disse – Obrigada pela cerveja. Tenho que me apressar agora.

- Já vai embora? Tão rápido?

- Tão rápido.

Caminhou para a porta. A saia verde-escuro ondulava aos seus passos.

Ellery a alcançou na porta e a tomou pelo braço, fresco e suave. Podia sentir o perfume dos seus cabelos.

- Cynthia...

E ela partiu, entre as envolventes sombras noturnas.

CAPÍTULO 10

Paul Ellery levantou-se cedo na manhã seguinte. Perdurava ainda o frescor da noite, mas o sol já se preparava pra o bombardeio diurno. Ao dirigir-se para o escritório, notou, entretanto, que umas nuvens cinzas se insinuavam no horizonte. Talvez não ocorresse nada, mas sugeriam a esperança de uma mudança, de uma trégua nessa imensidão de calor. Agosto era um mês esmagador no Texas, mas as chuvas, longamente esperadas, começariam em setembro.

O cadavérico senhor Stubbs ainda não havia chegado. Ellery passou para a outra sala e redigiu sua nota sobre o início das aulas. Punha o ponto final na nota quando Stubbs chegou; Paul pegou a folha de papel e a colocou no escritório do chefe. Jeremy Stubbs olhou Paul como se tivesse encontrado um peixe no seu copo d'água e não fez comentários. Com muito cuidado, tirou o informe paletó preto e o pendurou no cabide atrás da porta. Arregaçou as mangas, deixando livre seus brancos e delgados braços e colocou a viseira verde. Presumivelmente, dava por terminado o trabalho do dia: apoiou-se cansadamente no encosto da cadeira giratória e reiniciou sua contemplação fascinada da parede vazia.

- Se não há trabalho urgente na redação, - disse Ellery - vou dar uma volta em busca de notícias.

- Em busca de notícias? - repetiu Stubbs.

Ellery assentiu com um gesto.

Seu chefe concentrou-se fortemente e uma das comissuras do seu lábio superior contraiu-se pelo esforço. O sorriso, desacostumado, quase lhe fraturou a mandíbula.

- Aqui só há uma notícia real, filho, e é a que ninguém poderá publicar.

Ellery esperou respeitosamente, mas o diálogo havia terminado. O senhor Stubbs utilizava, muitas vezes, o silêncio, para expressar-se e seu interlocutor deveria interpretar o sentido da sua inaudível conversação. Como não houvera outra manifestação mais clara, Ellery concluiu que sua proposta havia sido aprovada e saiu. Para dizer a verdade, havia muito pouco que fazer em "O Observador de Jefferson Springs" e o novo jornalista achava difícil levar a sério seu trabalho. Algo mais devia ser encerrado ali. Contudo esses aborrecidos postinhos interioranos deviam ser administrado por pessoas desbotadas, mesmo nas civilizações interplanetárias. Nem todo mundo iria passar o tempo passeando pelo espaço. Se a Terra se unisse à liga galáctica, alguém teria que prosseguir trabalhando nos postos de gasolina, nos armazéns, nas bilheterias dos cinematógrafos...

Ellery dirigiu-se a sua casa sem a menor intenção de procurar notícias. Pensava em outro trabalho. As nuvens formavam uma massa mais compacta. Tinha que chover. Instalou-se como sempre na cozinha e preparou um café. Os fatos se sucediam rapi-

damente e rapidamente se distanciavam dele. Não queria ser levado pela corrente; queria governar o timão um pouco.

Como antropólogo, que conhecimentos poderiam ajudá-lo na vida que estava levando? Os naipes eram contra ele em Jefferson Springs; não devia deixar-se enganar pelo sorriso do oponente. Se necessitasse de um, teria de tirá-lo da manga. Se quisesse ganhar ou, pelo menos, abrir caminho...

O primeiro passo era encontrar a pergunta certa. Depois seria mais fácil reconhecer a resposta correta. O seu problema estava claramente estabelecido e tinha um nome: assimilação cultural. Infelizmente, o problema não totalmente um problema de assimilação. Uma das culturas – eu melhor dizer mais de uma, visto que não se tratava apenas dos Estados Unidos – ignorava este contato. E, para expressar-se com exatidão, não havia contato. Não obstante, seu problema era de assimilação. Era um selvagem que torcia o nariz contra a civilização. Os princípios de assimilação deviam aplicar-se da mesma forma que a outros povos primitivos que se haviam encontrado na mesma situação. Poderia saltar para os arranha-céus e a bomba atômica? Que saídas se abririam diante dele?

Continuou analisando. Havia sido feitos numerosos trabalhos sobre os problemas da assimilação cultural, mas não conhecia nada aplicável ao seu próprio caso. Os fatos eram mais insistentes que as teorias; seus pensamentos voltavam-se constantemente para Dois Ossos, seu velho intérprete. Seu primeiro campo de investigação havia sido os índios Hawks, de Montana. Os Hawks eram tribos primitivas da planície com uma economia baseada na caça ao bisão e na escassa agricultura. Os mais velhos viviam no passado, e consideravam-se seguros nesse terreno. Mas os jovens e as mulheres sentiam-se encurralados entre o velho e o novo. Dois Ossos inclinava-se à veneração dos costumes dos anciãos, embora pudesse dizer-se que sua cultura havia praticamente sido extinta. Mas, ao mesmo tempo, culturalmente falando, era um índio e não se encaixava no esquema de vida americana que o rodeava. Dois Ossos era um homem muito complexo, que tentava ajustar dois tipos opostos de vida em um todo compreensível. Passava muito tempo bebendo e muito tempo também nos montes, nos quais costumava ficar a sós com esses deuses que não podia aceitar completamente.

Paul Ellery o compreendia agora um pouco melhor.

Tomou uma rápida ducha fria e barbeou-se com muita pressa, cortando-se duas vezes. Trocou sua roupa de trabalho por calças folgadas castanhas, camisa branca, gravata, sapatos e vistosas meias amarelas.

Às seis e um quarto, Cynthia deteve seu automóvel diante da porta. Ele a ajudou a descarregar duas grandes bolsas do assento dianteiro e os depositou sobre a mesa da cozinha.

- Imaginei que aqui não havia um avental e trouxe um meu. - disse Cynthia, amarrando um de plástico ao redor da cintura – Agora você saia daqui e me deixe preparar a janta.

- Sim, patroa. - disse Paul Ellery.

Sentou-se no vestíbulo, pensando que de todos os mistérios que haviam surgido em Jefferson Springs, Cynthia não era o menor, certamente. Acendeu o cachimbo e ouviu os leves barulhos de saltos na cozinha. Levou tempo: em quinze minutos exatos saiu com um copo em cada mão.

- Espero que goste. - disse, estendeu-lhe a bebida.
- Estou encantado. - disse Ellery examinando o copo – Com duas azeitonas! Você leu meu pensamento.
- Não. - disse ela seriamente – Adivinhei.

Sentou-se junto dele no sofá. Ellery sentiu que seu pulso acelerava como o de um colegial. Deixou-o acelerar; só podia pensar que não queria que Cynthia fosse embora. Estava esvanecido e dizia-se, em tom de brincadeira, que se era tão irresistível, muitas jovens que conhecera deviam estar cegas.

Cynthia usava um simples vestido preto e havia colocado um laço verde em seu sedoso cabelo louro. O vestido refletia a luz quando se movia e ela parecia estar plenamente consciente do efeito que produzia.

Ellery sorveu seu martíni, extremamente seco e forte.

- Que planejou para amanhã à noite? - perguntou – Estou incluído nesse plano?

Cynthia bateu em seu joelho.

- Falei com John e está tudo acertado, Paul. Pode vir.
- Conhece John?
- Claro. Outra dose?
- Outra.

Ela voltou à cozinha e preparou outros dois Martínis, com três azeitonas desta vez.

- Isto é que é vida. - disse Ellery sinceramente – Me converti. Quando entro?
- Não faço nada com segundas intenções, Paul. - disse ela; seu tom franco o desconcertou – Estou aqui por minha própria vontade. Espere até amanhã à noite e então pense o que quer de nós.

- Que acontecerá amanhã à noite? Celebrarão uma missa negra?

Cynthia sorriu. O álcool havia corado suas bochechas e tinha uns dentes muito brancos.

- Não precisamente. É só uma espécie de cerimônia. Tampouco é um ritual, nem uma reunião política. É algo que vai levar-nos todos acima de todos os mundos. Compreende, Paul?

- Um pouco. - aquiesceu Paul – Acho que é uma espécie de ritual de intensificação; isto me soa bem.

- Para dizer a verdade, - agregou Cynthia, bebendo seu coquetel – acho que todo este assunto é um prego na sapato.

Uma vez mais, a nota discordante. Se essa gente fosse somente humana ou estranha, não seriam tão desconcertantes. Mas sendo as duas coisas ao mesmo tempo...

- Contudo, - continuou ela – para você não será tão fastidioso, prometo. Um pouco irritante, na primeira vez, talvez...

- Se você me der a mão – sugeriu Paul – não terei medo.
- Veremos, veremos. - disse Cynthia – E agora vamos comer!

Desapareceu outra vez pela porta da cozinha. Cinco minutos depois chamou. Havia preparado umas grossas costelas cobertas com cogumelos, purê de batata com salsa natural, salada, um vaso de água gelada e outro Martíni

Ellery instalou-se à frente dos manjares.

- Meu Deus! - exclamou – Como você sabe cozinhar!

- Tenho meus talentos – disse Cynthia, olhando-o sem pestanejar.

Depois da janta, com as fontes na piscina e outro coquetel no estômago. Ellery começou a sentir-se perdidamente apaixonado.

- E agora – disse ela – Saíamos para nos refrescar um pouco. Vamos dar um passeio.

Caminharam sob um céu que ia escurecendo na noite silenciosa e sem brisa. Caminharam lentamente pela rua em direção à cidade, de braços dados, como dois amantes de todos os tempos. Paul pensou: como duas pessoas comuns na mais comum das cidades... - Quem poderia levantar dúvidas?

Cynthia, apoiada em seu braço, parecia suave e quente. Desceram o caminho, passaram pela fábrica de gelo e cruzaram as ruas. Ellery aspirou a fragrância das laranjas que flutuava no ar eletrizado. Dobraram à esquerda e dirigiram-se ao bairro mexicano. Terminou a rua pavimentada e continuaram por um de terra, quase um atalho; mas já se viam mais luzes, e algumas risadas chegaram à distância. - Alguem em algum lugar tocava um violão. No som havia felicidade e algo de nostalgia. Cruzaram com alguns casais de mexicanos que andavam depressa, falando em espinhos. Os mexicanos o cumprimentam amistosamente mas com reservas. Vestiam-se melhor que os nativos texanos da região: os homens usavam roupas esportivas e gravata e as mulheres, brilhantes e vaporosos vestidos, escolhidos com esmero. Tudo isto agradava Ellery; sempre havia gostado do México. Um rumor distante ressoou no ar quieto. A noite ficou tensa, como à espera.

- Estas pessoas – disse Ellery lentamente – também fazem parte...

Cynthia riu, com um tom um pouco rouco.

- Sim, Paul. Também formam parte, todos eles.

- E... são felizes aqui? A maioria da população mexicana do Texas vive de uma forma pouco invejável... Acreditava que seres tão civilizados como vocês...

Ela apertou-lhe o braço afetuosamente.

- Ainda não pode compreender-nos, Paul. Há toda classe de tipos físicos no universo. Em determinado planeta, um determinado indivíduo dirige a exibição; em outros lugares, isto ocorre com grupos diferentes. São simplesmente acidentes históricos e, se você chegar a compreender, não tem importância. Sabemos, e eles sabem, que valem tanto como nós, de modo que não existe tensão ali. Não importa onde vivemos e sim o que os demais pensam de nós. Vamos aonde podemos e vivemos como devemos.

- Obrigado pela lição de antropologia.

- Disponha, meu querido.

Fez-se um profundo silêncio, repentino e total. Então soou um trovão e já não havia dúvidas. Uma brisa fresca e miúda começou a sibilar ao longo da rua.

- É melhor voltarmos. - disse Ellery.

- Sim, vamos.

- Desceram o caminho de terra e chegaram à estrada pavimentada. Atravessaram as ruas, deixaram pra trás o sólido e quadrado edifício da fábrica de gelo que emergia das trevas como um monstro de cimento. Agora viam os lívidos clarões dos relâmpagos resplandecendo entre o acúmulo de nuvens negras que ocultavam as estrelas. Para o norte ouvia-se o contínuo retumbar do trovão. Aceleraram o passo e a úmida brisa se transformou em um vento que suspirava rua abaixo. O cheiro da chuva jazia no ar rico, doce e pesado. Ellery levantou os vidros do Nash de Cynthia e en-

traram correndo no pequeno pórtico da casa.

Justo a tempo. Enxameavam os anúncios de raio, e no ar quieto, carregado, a noite tornou-se prateada e pálida. Logo, outra vez o trovão avançava implacável, estalando, fendendo as estrelas. Um sinal, um silêncio, uma pausa... E finalmente a chuva. Cataratas caindo em amplas e volumosas gotas. Baldes, torrentes, derramando-se pela rua cinza e seca. A rua brilhou, sulcado por arroios que convergiam nas canaletas. Ellery continha o fôlego, pegando no braço de Cynthia, cada vez mais próximos. Os relâmpagos se sucediam e o trovão detonava. Rugia a tormenta em volta das planícies devastadas e o vento e a chuva assolavam as ruas e Jefferson Springs.

Entraram na casa e fecharam a porta atrás deles. A tormenta piorava e golpeava contra o teto e o ar; livre de amarras, brindava seu frescor. Ellery acendeu a luz. Cynthia sorriu e ele sentiu a tensão dos seus músculos e o batimento das suas veias. Ela aproximou-se lentamente e desatou o lenço verde do seu cabelo. Agitou gentilmente a cabeça e o cabelo suave acariciou seus ombros. Ele aspirou seu delicado perfume. Cynthia afrouxou a gravata de Paul com mãos frescas e firmes.

- Então? - sussurrou docemente – Que está esperando, Paul?

CAPÍTULO 11

Na manhã seguinte a chuva continuava. Uma chuva suave, que golpeava as janelas e saltava em salpicos sobre o teto. O trovão murmurava, furtivo, solitário e distante, correndo pelas cercanias do horizonte, procurando o caminho de volta.

Quando Ellery abriu os olhos, Cynthia, totalmente vestida e pronta, preparava o desjejum na cozinha. Permaneceu uns minutos deitado, aspirando o aroma do café e do toucinho frito. Depois apressou-se e pôs o roupão de banho. Sentia-se muito bem. Fazia muito tempo que não se sentia tão bem. Estava satisfeito e era, provavelmente, feliz. Contudo, não poderia afirmar que estava contente com tudo que lembrava da noite passada. Por acaso era muito exigente?

Quando entrou na cozinha, após haver-se penteado rapidamente, Cynthia estava de costas para ele, fitando ovos. Havia prendido outra vez seu cabelo louro com a fita verde e parecia fresca, formosa e dona de si. Deu-lhe um beijo na orelha e ela sorriu.

- Acho que, para abreviar, te chamarei Cyn de agora por diante. - disse-lhe - Mas com s, y, n.

- Me lisonjeias, Paul. Queres dois ou três ovos?

- Digamos... três - respondeu Ellery.

Sentia-se com ânimo brincalhão, mas se deu conta de que Cynthia não o acompanhava.

- Será que a chuva atrapalhará a reunião desta noite? - perguntou, saboreando a segunda xícara de café.

- Não muito, Paul, exceto se chover mais forte do que agora. É tão importante que não se pode postegar; Serão eleitos delegados.

- Delegados?

- Logo verás. Não deves ficar impaciente, meu amor.

- Muito bem. Tudo chega para o que sabe esperar, segundo dizem.

- Espera-me esta tarde e poremos à prova teu provérbio.

- Não podes ficar?

- Impossível. Sabes que eu gostaria, mas tenho coisas para fazer antes da noite. Poderias lavar os pratos e arrumar a cama? Passarei para te buscar mais ou menos às oito.

- Que podemos fazer!

Cynthia deixou seu assento e arrumou as pregas do vestido em torno das cadeiras.

- Cyn?
- Sim?
- Há algo errado? Você parece tão... distante.

Cynthia deixou a bolsa sobre a mesa, acercou-se dele e rodeou com os braços. Beijou-o intensa e fortemente. Seu corpo estava macio como a seda e Ellery começou a tremer. Ela se separou e sorriu, deixando ver seus agudos dentes brancos.

- Até as oito, querido. E não me esqueça.

Ellery riu, com uma voz um pouco áspera, e ela partiu. De pé, na porta do vestibulo, ele a viu distanciar-se no seu Nash. O carro azul dobrou na esquina, à esquerda da escola e desapareceu na névoa cinza.

O dia cinza escureceu, fez-se noite e continuou neblinando. O céu continuava ameaçando chuva, mas chuva verdadeira, mas permanecia em suspenso, como à espera. Ellery surpreendeu-se assustado, uma vez mais, e colocou o revólver no bolso da calça, esperando que não fosse visível sob o impermeável.

Cynthia chegou exatamente às oito. Esperava que entrasse para buscá-lo, mas ela tocou a buzina e ele saiu. A rua reluzia sob a luz dos faróis.

- Tudo pronto? - inquiriu ela.
- Tudo.

Desejou que estivesse mesmo.

O Nash sussurrava na garoa, o limpa-parabrisas fazia ouvia seu tique-taque contra os delgados e vacilantes fios de chuva. Cynthia estava excitante como sempre, com sua calça castanha e a blusa cinza e o impermeável fechado sobre os ombros; mas parecia preocupada e distante e Ellery permaneceu em silêncio... Era difícil acreditar que dezesseis horas atrás... Bem, ao diabo com isto. Ellery dedicou-se a olhar como os faróis amarelados cortavam a umidade da cidade, refletindo-se nos vidros das janelas desertas e nas pálidas bombas de gasolina. Estavam na estrada, com os pneus chiando no pavimento escorregadio.

Antes que estivesse completamente pronto, haviam chegado à fazenda de Thorne. Desceram. Ao redor do pátio havia pelo menos cem automóveis reluzindo foscamente na neblina; salvo este detalhe, tudo na fazenda parecia completamente normal. Nem sequer se viam luzes acesas no interior. Os automóveis estacionados no pátio poderiam estar ali por causa de uma feira, uma exposição de gado ou agrícola, uma partida de futebol.

Com passo rápido e decidido, Cynthia cruzou o campo empapado, um pouco afastado das casas. Ellery, sentindo-se com o aspecto de um cão fiel em busca de um osso cujo paradeiro desconhece, levantou as pontas do impermeável e seguiu a sombra escura da jovem. A copiosa chuva da noite anterior não havia sido senão uma gota em um balde, para os campos sedentos; o solo não estava enlameado, e sim lustroso e escorregadio. O trovão rugia ao longe, prometendo algo melhor. Continuaram avançando até chegar a uma curva do rio. Ellery vislumbrou outras figuras que avançavam, como eles, através da noite. Chegaram ao cume da pequena elevação, demasiado baixa para ser qualificada como uma meseta, e nada aconteceu a princípio. E então produziu-se o evento.

Era um amplo quadrado de pálidas luzes azuis, invisíveis, até que alguém se achasse quase em cima e a uma curtíssima distância delas. Umas luzes azuis que pa-

reciam incandescentes esfumados, pendentes na neblina. Atrás, os álamos e ciprestes ribeirinhos formavam uma parede negra. Dentro, estava a população completa de Jefferson Springs, Texas. Todos estavam ali, ou estariam de um momento para outro. Os seis mil habitantes.

A primeira reação de Paul foi de surpresa: uma cidade inteira dentro desse quadrado azul pálido! Mas logo lembrou que cinquenta mil ou sessenta mil indivíduos se reúnem costumeiramente para ver uma partida de futebol. Um biombo, uma parede de invisível solidez, parecia rodear o quadrado. Cynthia pegou na sua mão, guiando-o. Os cidadãos de Jefferson Springs permaneciam tranquilos, em atitude de espera. Alguns haviam levado cadeiras dobráveis. Ellery viu algumas anciãs de luto em atitude recolhida e estática. Viu meninos com os olhos abertos de assombro e outros meninos distraídos, que pensavam em outras coisas. Viu homens pensativos, impacientes, aborrecidos. Um cavalheiro arrogante que fumava um havana, emitia ordens que ninguém escutava. Lá estava o senhor Stubbs, mais sombrio que nunca. Evidentemente, o mínimo que esperava era um furacão. Preparava-se para ser arrebatado pelos elementos desencadeados pela natureza.

Ellery deteve-se um momento para se recuperar. Não havia nada alarmante. Até este momento era como um grande rali e até como um piquenique.

Ouviram-se os primeiros compassos de uma música branda, sutil, insidiosa. Ellery não se dava conta de onde provinha. Vibrava e batia suavemente, quase inaudível. Tinha que fazer um esforço para ouvi-la e, entretanto, ninguém podia livrar-se dela. Era como se soasse dentro da própria cabeça. Uma música estelar. Começou a ouvir-se um rumor de vozes. O pessoal conversava. Não falavam em inglês, empregavam sua própria linguagem. Compunha-se de tons, zumbidos e estalos.

Ellery estremeceu. Desejou que não fosse tão tarde, que a reunião se fizesse com melhor iluminação. As luzes azuis lhe irritavam a vista. Lamentou que não tivesse começado a chover com força. Neste momento teria lhe agradado o ruído da chuva.

- Agora tenho que deixá-lo. - disse a voz de Cynthia, a única que se expressava em inglês – Divirta-se, querido.

Ela saiu. Ele nunca havia se sentido tão só. A música começou a ferir seus ouvidos. As pálidas luzes azuis começaram a ficar borradas. Sentiu um suor gelado. Tinha medo até de mover-se.

Uma mão tocou-lhe o ombro. Ellery encolheu-se sem pensar por que o fazia, com a mão no gatilho do revólver. Estava para tirar a arma do bolso quando viu quem havia batido no seu ombro. Um jovial homenzinho gordo, de penetrantes olhos risinhos.

- Sempre à caça de monstros, Paul? - perguntou, sussurrando.
- Não, desculpe. Sim, maldito seja! Alegro-me em vê-lo.
- Não tão alto, meu velho. Trate de abrir bem os olhos e eu lhe darei informações sobre o que for acontecendo, quando for possível. Convém-lhe isto?
- Me convém sim. - agradeceu Ellery.

Um caminhão com auto-falante chegou balançando pelo campo em direção às luzes azuis, abrindo caminho com a ajuda dos seus faróis baixos. Deteve-se, e dois homens puxaram uma grande caixa metálica que colocaram cuidadosamente no centro do quadrado. Não tinha conectores, mostradores, chaves ou antenas de espécie alguma, pelo menos à vista. Era simplesmente uma caixa.

Todas as luzes se apagaram, com exceção de uma, justamente em frente de Paul.

A insidiosa música continuava vibrando em suas veias.

- Últimas notícias. - sussurrou John.

A caixa falou. Foram talvez quinze minutos de conversaço. A voz não era demasiado potente, mas tinha uma qualidade compulsiva. Ellery não compreendia uma palavra, mas não soava como algo muito diferente do noticiário que a mais vulgar das rádios poderia transmitir.

John sussurrou:

- Prometem aos colonos maior atenção... o assunto de sempre... Algumas dificuldades econômicas no setor de Capella... As Sequências ganharam, depois de disputar renhidamente (isto você não pode compreender); um novo tratado com os Transformistas... Atitude suspeita dos *Outros*... Um Duplo Representante acusa Arcturus de corrupção... algum erro com respeito à tradicional conferência interplanetária no setor solar; isto afeta especialmente aos que apaixonados... fora do sistema, jamais ouvirão uma palavra de tudo isto; os Evolucionistas concordam a princípio em formalizar um compromisso com os Seis Spicus... a história de sempre...

"Com efeito", disse Ellery para si mesmo. "A história de sempre"

A caixa parou de falar. Um cavalheiro de aspecto importante, bem barbeado, avançou para o centro da praça. Ellery reconheceu Samuel Cartwright, o prefeito de Jefferson Springs. Começou a falar persuasivamente na língua estrangeira; conservava, entretanto, um leve cicio que Ellery havia atribuído sempre à dentadura postiça. Falou por dez minutos, interrompendo o discurso de vez em quando para enxugar o suor do rosto. Quando terminou, ouviram-se dispersos estalidos de dedos, que Ellery interpretou como aplausos, e uns quantos assobios bastante terrestres. Armou-se uma animada discussão e alguns cidadãos congestionaram-se e começaram a afrouxar os colarinhos.

- Estão elegendo delegados para o Congresso – soprou-lhe John, confirmando as deduções de Ellery – Vão discutir nossa política colonial na Terra. Você vem?

- Está falando sério? - disse Ellery.

- Não estou brincando, Paul. Poderia entrar. Tenho uma certa influência por aqui. Você sabe. Além disso, é hora de completar sua educação. Eu o avisarei.

As eleições haviam terminado; dois homens e uma mulher representariam Jefferson Springs.

Ellery esperou, perguntando-se o que aconteceria depois. O público permanecia tranquilo. Ellery ouvia o ruído da leve chuva sobre sua roupa.

Repentinamente, a luz azul se extinguiu. O rumor da música, quase esquecido, subiu de tom e continuou aumentando de volume. Ellery sentiu-se tremer sobre a base e tratou de manter-se firme.

- Não resista, Paul. - ouviu John dizer a certa distância.

Estava voando sobre uma nuvem cinzenta, uma quente nuvem cinzenta. Podia apalpá-la com as mãos, como se fosse algodão. Sentia-se só e com o espírito transportado. Viu cores, cheirou perfumes, provou sabores. Girava preguiçosamente, como uma mariposa em uma noite de verão, cheio de euforia. Viu seu antigo lar com uma estranha e distorcida realidade. Sentiu o cheiro de frango assado na cozinha, viu os velhos livros na prateleira do quarto em que havia crescido: "O Vento nos Salgueiros", "O Mágico de Oz"; seus velhos aeromodelos suspensos do falso céu, com asas de papel soltas em alguns lugares. Viu sua mãe, jovem novamente, e seu pai folheando o diário da tarde. A cenas desvaneceu-se silenciosamente e por completo.

Agora estava jogando futebol americano na equipe de Austin, e corria pelo campo iluminado. Ouvia o alarido da multidão em pé. Evitou um adversário atirando-se para o lado e moveu-se para a direita. O cordão roto sobre os rins estava torcido e suado. Viu que não poderia safar-se do que vinha atacá-lo: não conseguiria tirá-lo do sem caminho com uma falsa manobra. Tinha que lançar-se sobre ele e lutar pela vantagem. E então produziu-se um estalo..

A cena mudou. Conteve a respiração. Viu um planeta azul, castanho e verde que pendia como uma joia em um veludo negro. Era seu planeta. A visão vacilou e a cena expandiu-se enormemente. Seu campo visual se fez imenso, além de toda a imaginação, e mesmo assim parecia claro como um cristal. Havia muitos sois e muitos planetas. Todos juntos, formavam um desenho titânico que ele podia abarcar com facilidade. Entre os mundos, quase invisíveis, teciam-se prateados fios de teia de aranha que os uniam entre si. Eram átomos, átomos de mundos...

Algo mais abaixo, no canto, na escuridão do canto, havia algo vago, amorfo... Queria gritar, e talvez o tenha feito. Girava, dobrava-se entre a neblina e a vertigem...

E tudo terminou.

Piscou e viu John, que o sustentava. A luz azul voltou a acender-se. O toque da chuva refrescou sua fronte.

- Está tudo bem?

- Eu... acho que sim.

- No começo é um pouco estranho. Você não pode compreender bem, meu amigo. Nossa intenção não é dramatizar; só tentamos, com essas experiências prévias, reforçar o ânimo. Como deve ter observado, você mesmo forneceu as imagens; só verá o que nós vemos, quando chegar ao *Centro* e terminar o tratamento completo. No momento deu os primeiros passos da sua iniciação: saudades do lar, relação de um e de muitos, unidade da vida civilizada. Nada imaginário, realmente.

Ellery escutou a voz de John, tão apropriada para as circunstâncias, e agradeceu intimamente pela sua presença. O redondo homenzinho, com sua coroa de cabelos grisalhos ao redor da calva rosada, parecia um frade mundano de Chaucer; algo sólido e real em que se apoiar; um homem a que alguém podia tratar de igual para igual, como a outro homem, sem preocupar-se com conveniências e formalidades. Em resumo, John era uma boa pessoa.

Uma anciã, grave, de cabelos grisalhos, ergueu-se no meio da luminosidade azul e entoou algumas sílabas que caíam dos seus lábios delgados, em monótonas cadências.

- Um poema. - comentou John – Muito ruim.

A anciã sentou-se. As luzes azuis brilharam quase imperceptivelmente. A música apertou seu pedal sonoro e suas notas voltaram, dignas e um pouco tristes. Subiu e aumentou seu volume, sugeria antigos reinados, templos magníficos e ações heroicas esquecidas há muito tempo.

- Ainda haverá mais disto. - sussurrou John – Foi o primeiro desembarque, a primeira colônia.

Ouviu-se um acorde profundo e a melodia baixou até converter-se em um surdo murmúrio. As luzes piscaram e começaram a fulgurar novamente, depois. O público cantava e as vozes enchiam os grandes silêncios da noite.

Ellery viu a Terra com olhos de forasteiro: misteriosa, maravilhosa, aterradora, sedutora. Viu uma aeronave oculta na noite, um globo que baixava flutuando para um campo deserto, um punhado de colonos dando voltas perto de um automóvel que esperava. Eram homens e mulheres solitários em um mundo estranho, prontos para criar sua própria vida, lutando contra o primitivo planeta. Os colonos caminharam para o automóvel e entraram nele. Estavam cientes do que tinham que fazer; faziam parte de uma imigração superlativamente bem organizada. Conheciam de antemão os passos que deviam dar. Contudo tinham medo. Era um mundo novo para eles, um lugar novo, uma oportunidade para seus filhos. Eram os pioneiros em uma Terra habitada. O carro partiu. Dirigiram-se para a cidadezinha e ele viu as luzes dos faróis distanciando-se no ar fresco, claro e límpido. Vestiam-se como os nativos, pareciam-se aos nativos e falavam o idioma dos nativos. Estavam bem preparados e em seus olhos brilhava uma resolução inquebrantável. Não devia falhar. Não falhariam. O automóvel avançou estrada abaixo através de terras estranhas e maravilhosas...

A música cessou. O canto morreu

Ellery abriu os olhos. Todos os habitantes de Jefferson Springs o rodeavam, fantasmas na pálida luz azul sob o roçar na chuva. Os habitantes de Jefferson Springs, orgulhosos, confiantes, superiores. E, segundo parecia, a um bilhão de milhas de distância.

Ellery sentia-se doente e mareado. Ele não se sentia parte deles, não era um deles. Era apenas... Nada. Ninguém. Olhou para Cynthia, no outro lado do quadrado: cabelos loiros, olhos azuis, calça castanha, blusa cinzenta, um impermeável sobre os ombros. O orgulho a perdia. Sorria como sorriem as rainhas. Era alguém. Nem sequer o olhava. E mesmo que o tivesse olhado não o teria visto.

Sentiu sobre seu braço a mão firme de John. Trocaram algumas palavras. Sentiu a umidade da terra sob seus pés. John o acompanhou ao seu automóvel e durante o regresso pela estrada. E, ao chegarem, a casa estava escura e vazia.

- Tudo ficará bem, Paul.
- Assim espero.
- Tem que esperar um pouco.
- Imagino que sim.
- Voltarei dentro de alguns dias.
- Obrigado, John.

John partiu. Ellery entrou na casa e acendeu a luz. Atirou-se sobre o sofá do vestíbulo e permaneceu estendido ali por muito tempo, imóvel. O frio retumbar do trovão chegava, até ele, do outro lado do mundo.

CAPÍTULO 12

Não pôde conciliar o sono. Levantou-se às três da manhã, vestiu-se, preparou um valise e partiu. A manhã estava fria, neblinosa e muito escura. Pôs em marcha o Ford e distanciou-se de Jefferson Springs. Às cinco deixou San Antonio para trás, contornando-a pela rota 13; parou para encher o tanque, tomou um trago e dirigiu-se rapidamente para Austin. Não era uma fuga; sabia que ia regressar. Mas precisava de uma trégua. Necessitava de Anna. Sorriu ligeiramente. Sempre recorria a Anna quando se via em apuros e sempre a encontrava. Algum dia não a encontraria mais. Nenhuma mulher podia esperar a vida todo. Mas isto era no outro mundo.

Chegou a Austin às seis e meia. O calor era abafado, Abriu a janelas do carro.

Passou na frente da casa de Hill – quantos bifes de lombo tinha comido ali? - e de Irving, e logo atravessou a ponte do Rio Colorado. Percorreu a larga calçada da Avenida do Congresso, quase deserta, cedo, na manhã nublada. Deteve o carro em frente ao “P. K. Grill”, que permanecia aberto a noite toda, e bebeu três xícaras de café. Voltou a dirigir e estacionou em uma esquina em frente ao Domo do Capitólio; preparou-se para esperar. Anna não ainda não estaria acordada, e ele não queria ir à sua casa. Observou o despertar da sua cidade natal. Austin era a sua cidade. Esforçou-se pra tê-la presente, mas não era fácil.

O céu iluminou-se e tudo ficou banhado em uma claridade cinzenta. Deu uma olhada na Avenida: Humprey Bogart no cinema State; James Stewart no Paramount; Roy Rogers no Queen. A mole do Hotel Austin dominava toda a rua. E também haviam as lojas de departamentos, lojas, sapatarias, bancos, escritórios, cafés... O edifício do Capitólio com sua bandeira estrelada. Os diários nos quiosques e lojas. E por ali andaria Norman, o vendedor de jornais mais magro e ativo dos Estados Unidos, gritando os títulos matutinos. Quantos jornais havia comprado a Norman na porta da Universidade?

Começaram a circular alguns carros e pouco depois apareceram as pessoas. Os automóveis apareciam espaçadamente, a princípio, chegando à Avenida por uma rede de ruas laterais. À medida que o sol subia no céu cor de chumbo, os automóveis aumentavam. Entravam na rua e deslizavam logo como rios, detidos e controlados pelos sinais luminosos do trânsito. As buzinas tocavam, o freios chiavam, as engrenagens entravam em contato. Motocicletas e motonetas subiam e desciam barulhenta-mente pela rua e os olhos vazios dos condutores tomavam seu caminho entre os espaços vazios. Às oito em ponto passou, gemendo, a primeira ambulância, que afastava os automóveis como se fossem brinquedos. Em alguma parte ressoou um enérgico apito.

As pessoas brotavam dos muros. A princípio uns poucos, aqui e ali: um cavalheiro

prolaxamente vestido e com bengala que, indubitavelmente, nunca chegava tarde ao escritório; uma mulher pálida, parada diante das vitrines de uma loja; um jovem com ar cansado e sem se barbear, que entrava apressadamente por uma porta lateral do hotel. Então, como se esses poucos se tivessem multiplicado como as células, as paredes deram saída a uma multidão. Saíram, altos, baixos, gordos, magros: um cego instalou-se em um canto, com um expressão de esperança no rosto, e ofereceu seus lápis; uma menina entrou com sua mãe para comprar roupa nova para o colégio. As luzes se apagaram, conforme a rotina, e os seres e os carros lançaram-se aos seus afazeres.

O calor castigava como um bombardeio. Estava preso entre o cimento e as nuvens cinzentas. Se havia um deus responsável por este castigo, deambulava sem poder encontrar alívio na chuva.

Ellery sentia-se afogado, com as mãos trêmulas. Seus cabelos se eriçaram e sentiu fogo nos olhos. Era mesmo o inferno! Não era somente o calor. Não reconhecia sua cidade. Havia mudado. Antes havia sido confortável, suave e familiar. Agora havia se tornado angustiante, dura, estranha. Era um território reservado para a morada de uma tribo selvagem. Talvez fosse somente em sua mente, mas havia mudado. E ele também havia mudado. Não era o mesmo Paul Ellery que havia deixado Austin durante um verão para justificar o pedido de uma bolsa. Não sabia o que fazer com Paul Ellery número dois. Só se dava conta de que agora era muito difícil viver.

Pôs o carro em funcionamento e dirigiu-se a pouca velocidade para a verde casa de vários pisos que Anna ocupava em King Street. Teve de passar diante da Universidade do Texas: um conjunto de edifícios vagamente espanhóis, precedidos por um branco arranha-céu que terminava em um templo grego, perpetuamente assombrado de encontrar-se ali.

Subiu a escada externa e apertou a campainha. Depois de uma curta pausa, a porta foi aberta.

Não era Anna.

- Paul! - exclamou Peg, a eterna companheira de residência de Anna – Querido! Surgiste como a ira de Deus. Na verdade, creio que és mesmo.

- Obrigado, Dale Carnegie. - disse Ellery – Anna está aqui?

- Claro! Entra, pelo amor de Deus. Vou chamá-la.

- Magnífico! - disse Ellery.

Entrou e afundou no sofá que ficava ao lado do fonógrafo.

- Oh, Paul, que agradável te ver por aqui!

- Para mim também é agradável te ver. - disse Ellery sinceramente.

Peg desapareceu para empreender a titânica tarefa de despertar sua amiga, e Ellery ficou pensando que sempre havia simpatizado com Peg, sem saber exatamente porque. Era uma loira atordoante; bem informada sem ser introneteada, com uma personalidade artificial que teria detestado cordialmente em qualquer outro ser humano. Mas Peg não se levava mais a sério do que merecia e era um dos poucos maravilhosos seres que sempre se encontram perto quando um amigo faz falta. Aceitando-a tal como era, ela era uma grande garota.

Ellery notou que não havia esquecido nada do simpático apartamento e que lhe tinha muito afeto. Começou a sentir-se mais descansado. A desordem dos muitos li-

vros indicava que eram lidos e que não estavam ali como simples ornamentos. O lugar era limpo, cômodo, tranquilo. Era sutilmente feminino, com algum toque de inesperado e algumas flores que assomavam em alguns lugares, mas sem jactância. Um apartamento que se alegrava de ser feminino, mas que se divertia às vezes com algum alarde varonil.

Ouviu-se um sussurro e Anna estava em seus braços.

- Eli – suspirou – Como tenho me sentido sozinha!

- Eu também. Disse Ellery.

Afastou-a um pouco para contemplá-la. Seu cabelo escuro estava em desordem e o rosto sem maquiagem alguma. Só seus olhos esverdeados indicavam que podia ser formosa quando necessitava sê-lo. Havia vestido uma bata azul, solta, que deixava ver uma leve camisola de seda rosa. O vício favorito de Anna eram as roupas de dormir refinadas e os pijamas tipo harém, e Ellery não fazia objeções a isto.

- Estás muito bem. - exclamou – Estás esplêndida.

- Não posso dizer o mesmo de ti, Eli. Te adoro, mas pareces abatido. Queres que te sirva o desjejum?

- Te agradeceria.

Dirigiu-se à cozinha e ele a acompanhou. Preparou salsichas e ovos pochês, torradas e café. Especialmente para ele, acrescentou um quarto de litro de suco de laranja. Ellery sentiu-se melhor depois de comer, e seu nervosismo transformou-se em cansaço.

- Agora, homem preguiçoso, - disse-lhe Anna, beijando-o rapidamente – vai para a cama. Tenho que trabalhar à tarde e esta noite vamos sair. Nego-me a passear com sonâmbulos. Te acordarei quando voltar.

Ela o fez deitar, sem permitir que resistisse. Beijou-o suavemente, tirou roupas de várias gavetas e desapareceu no banheiro para vestir-se.

Ellery se estirou, cansado e feliz. Viu Anna sair do banheiro e falar por telefone com alguém chamado Ralph e desfazer um compromisso que tinha para a noite. A porta voltou a ser aberta; ela deslizou para o quarto e o beijou carinhosamente.

- Boa noite, ou bom dia, ou o que seja. - sussurrou – É bom tê-lo de volta nesta casa de má fama.

- O que? Deves ter comido alguma coisa que te fez mal.

Partiu. Peg havia desaparecido discretamente e ele ignorava se ela estava ou não no apartamento. Bocejou com vontade. Jefferson Springs parecia muito distante. Dormiu.

Anna o despertou várias horas depois, sacudindo-o pelo ombro.

- Levanta e brilha, bom moço. - disse-lhe – Estás comprometido para jantar comigo. Não te lembras?

- Não me lembro. - murmurou Ellery – Pensei que talvez tuas mágicas artes culinárias...

- Não, obrigado companheiro. Cansei disto; é parte da minha idiossincrasia. Supõe-se que tenho que estar encantadora, alegre e adorável esta noite, tens que fazer um sacrifício e me comprar alimentos.

- Pagarei. - disse Ellery – E não me fustigues mais.

Trocaram de roupa e foram ao Irving, onde comeram dois filés grelhados. Então foram no Ford para o lago de Austin e entraram no "El Flamenco".

Ainda fazia um calor esmagador e não havia estrelas no horizonte. Compraram uma garrafa de Scotch no armazém vizinho antes de entrar. As leis do Texas proibiam as bebidas mescladas, a menos que alguém mesmo trouxesse uma delas e fizesse a combinação por si mesmo.

Conseguiram um lugar tranquilo no "El Flamenco"; ficaram à vontade e Ellery preparou-se para beber de verdade. O "El Flamenco" era moderno e agradável e seu atributo mais característico consistia no óleo de um nu pendurado acima do piano. A lenda, confirmada pelos mais assíduos frequentadores, assegurava que depois de vinte e cinco cervejas, nem uma a mais, nem uma a menos, se alguém fixasse a vista no nu o veria mudar de posição e virar-se para o outro lado. Ellery tinha tentado comprovar isto na sua juventude, mas só havia conseguido uma torção dolorosa no ombro direito, como recompensa pela sua imobilidade.

Parecia que no "El Flamenco" todos conheciam Anna, e paravam para cumprimentá-la. Anna era uma jovem de encantadora personalidade. Era a mais animada e graciosa do grupo de amigos e, ao mesmo tempo, era capaz de passar a metade do seu tempo lendo em seu apartamento sem ver ninguém. Ellery era quase o único homem que conhecia os dois lados do seu caráter e sentia-se muito orgulhoso disto.

- Algum problema, Ellery?
- Não, absolutamente nada.
- Tu és o maior mentiroso que conheço. Não deveria esquecer nunca disto. Que se passa? O trabalho não deu resultado? Estás irritado comigo? Ou estás fazendo charme?
- Estou fazendo charme. Imaginemos que não está acontecendo nada, certo?
- Certo.
- Certo. Vamos rir e ser felizes. Amanhã será outro dia.

Ela se mostrava alegre, ao menos exteriormente. Pegou a mão de Ellery e tirou-o para dançar, serviu-lhe Scotch. Esta terapia havia sido eficaz em outras ocasiões e esta noite quase tinha êxito. Só que Ellery estava distante.

Monopolizou o toca-discos, enchendo-o de moedas. Começou com danças ruidosas e depois, após mais alguns Scotch, dedicou-se a uma balada romântica que, se estivesse sóbrio, o teriam adoecido de desgosto.

- Te amo muito, Annie. - dizia-lhe desde a meia-noite - Te amo de verdade. És a mais linda, a mais doce...

- Certo, certo... - respondeu Anna, dando uma tapa na sua mão - sempre me amas quando bebes. Quando estás bêbado amas a todo mundo.

Ellery bebeu outro copo depressa, antes do toque de recolher.

- Não sei nada disso. - disse lentamente - Simplesmente não sei nada disso. - Cada vez se sentia mais sábio e mais lúcido - Minha teoria é de que a bebida revela o verdadeiro caráter das pessoas. Vê bem, Anna. Quando eu bebo amo a todo mundo. Amo a cada um, não é assim?

- Isso é ótimo! - disse Anna.

- Tu podes ver: se cada um amasse a cada um, quando cada um estivesse bêbado, tu podes ver, então, cada um...

- Sim, estou vendo. - dizia Anna, enquanto Ellery bocejava entre os farrapos do

seu raciocínio.

Por fim, Ellery se levantou.

- Vamos. - anunciou.

- Perfeito. - disse Anna.

Pegou cuidadosamente sua bolsa e deu a gorjeta à garçonete.

Ellery dirigiu-se para a porta. Achava que nunca havia caminhado com maior dignidade. Ela lhe tirou habilmente um pedacinho de papel que havia aderido ao seu cinto, para não privá-lo desta ilusão. Ele fez uma pausa em frente do toca-discos e escutou com grande atenção.

- Terrível! - declarou, após ter deliberado consigo mesmo. E então, em voz alta, acrescentou; - Oh! Toca. Isso!

Ana o empurrou para o automóvel e em poucos minutos estavam de volta.

Ellery subiu as escadas cantando vigorosamente e passou o umbral do quarto com Anna nos braços. Depositou-a no chão, errando o lugar da cadeira, escolhida com grande precisão. Logo, com cuidado, submergiu-se no sofá. Não se movia. Seus olhos estavam abertos mas decididamente vidrados.

Peg saiu do seu quarto esfregando os olhos.

- Oh santo céu! Terei que levar os dois para a cama?

Ana levantou-se do chão, rindo.

- Não precisamos de mais nada que uma ajudinha com o jovem aqui.

- Bem, - disse Peg – pelo menos não me tiraram da cama esta noite!

- Cala-te – disse Anna.

Puseram mãos à obra, tentando levantar duzentas libras de massa inerte.

As inocentes duzentas libras disseram, com a maior clareza:

- Sou perfeitamente capaz de ir sozinho para a bolsa.

Disse isto duas vezes mais antes que pudessem acomodá-lo no sofá, cobrindo-o com um lençol.

- Boa noite, criança. - disse Anna, dando-lhe um beijo.

Tirou a roupa e foi dormir no outro quarto. Dormiu profundamente, como sempre. No meio da madrugada, meio adormecida, pareceu-lhe que alguém havia gritado no vestíbulo.

CAPÍTULO 13

A manhã seguinte mostrou o lado miserável da vida. Quando Ellery conseguiu sentar-se no sofá e inteirar-se do mundo ao seu redor, as garotas se despediram para ir trabalhar. Ficou no apartamento sem saber o que fazer.

Jefferson Springs havia se instalado ao seu lado, sorrindo.

Na noite anterior havia conseguido afastá-la. Tinha afogado-a em um remoto canto da memória, coberta com álcool. Havia desaparecido para reaparecer durante o sono.

- Maldito seja! - disse – Maldito seja eu!

Desejava fervorosamente poder esquecer Jefferson Springs e tudo que havia acontecido ali. Se pudesse simplesmente tirar a roupa da valise e não voltar mais! Seguiria adiante, de qualquer maneira, sem preocupar-se mais com os assuntos que não eram de sua incumbência. Ah! Descansar e convencer-se de que alguns fatos não tinham importância! Só teria que dizer a si mesmo: "Conheci uma vez uma localidade situada a duzentas milhas do meu lar, onde as pessoas me consideravam um selvagem primitivo. Estive ali, mas que vão para o diabo!" A ideia o seduzia, pena que não podia realizá-la. Para ele era impossível.

Paul Ellery era dotado de uma mente inquisidora; de uma mente que necessitava de respostas. Refletia e meditava, independentemente da sua vontade, e nunca tinha encontrado um interruptor para desligá-la. Sentia-se amaldiçoado por ter este temperamento obstinado que não havia se corrigido até agora; possuía um espírito cínico, do qual não se orgulhava; sempre havia pensado que poderia ser muito melhor do que era ou, pelo menos, falar menos.

Já não podia sair de Jefferson Springs. Estava amarrado; era como se Cortês estivesse tentando afastar-se do México, ou Colombo regressar da sua aventura antes de avistar terra. Ou ele vencia Jefferson Springs, ou Jefferson Springs o vencia. Se triunfasse, - e isto era impossível – teria feito algo por sua pátria e por si mesmo. Se eles ganhassem, - isto era certo – se converteria em um deles e teria feito algo por si. A premissa era clara. Lamentava não acreditar mais em seu estômago que em sua cabeça.

- Perfeitamente. - disse a si mesmo, implacável – Viestes esclarecer as coisas. Começa a pensar sobre elas.

O relâmpago genial, a intuição que teria facilitado o caminho não aparecia. Ellery percorria o quarto a grandes passadas, jurando e maldizendo. Olhou para o fervente céu cinzento através da janela. Por que não chovia? Folheou sombriamente o jornal matutino e só encontrou as loucuras costumeiras. Leu todas as notícias e um pensamento se insinuou sob a superfície e tentou chegar à luz.

Sentou-se com a cabeça entre as mãos. Tinha três horas pela frente, antes que Anna regressasse. Três horas. Havia obtido algum dado mais, havia feito algum progresso para a compreensão do que ocorreu em Jefferson Springs? Respondeu que não, contudo não estava de todo seguro. Para começar, aquele ritual das luzes azuis da fazenda de Thorne tinha-lhe ensinado muito. Havia-lhe dado, para começar, uma pista indispensável para suas pesquisas sobre a cultura da colônia. Se era esta a primeira prova depois do “tratamento completo” e os cidadãos da colônia deveriam passar a maior parte da sua vida nas pequenas cidades texanas, isso queria dizer que havia somente uma técnica para estudar. Se todos os seres humanos, em sua imensa variedade, deviam começar com um esqueleto quase idêntico... Mas Ellery não tinha mais remédio senão interromper aqui.

Releu o diário das notícias da China. Ali haviam também fatos dignos de estudar. Qual era a atitude dos Estados Unidos para com os chineses? Dependia do enfoque. A que chineses se referia? Ao chinês da ilha ou ao habitante da China? Quem estava envolvido? A política oficial do governo dos Estados Unidos? A que administração se aludia? A do presente, passado ou futuro? Tinha relação com os Estados individuais? Com quais? Ou então com o homem da rua? E com qual? E com que rua?

Tudo isto era apaixonante. E podia proporcionar outra pista.

E, já entrando no assunto, em que pé estavam com respeito à cultura dos estrangeiros? Por que parecia ele, Paul, do contra, e como faria para congraçar-se com ela? Qual era a atitude da civilização forasteira para com a política colonial? John havia insinuado algo sobre atritos. O Congresso que ia ser celebrado não teria esses temas como objetivo? Que opinavam eles sobre os selvagens que subiam a escada? John lhe havia dito toda a verdade sobre Jefferson Springs? Perguntas e mais perguntas. “Se se formula uma boa pergunta obtém-se uma boa resposta”.

E quanto aos forasteiros, as pessoas eram todas robôs idênticos que pensavam a mesma coisa, falavam a mesma coisa e eram exatamente parecidas? O homenzinho gordo tão acima da esfera terrestre, leitor de literatura de ficção científica ruim, sofrendo de mania de perseguição? Mel Thorne, administrando seu rancho ao raiar do sol? Jeremy Stubbs, trabalhando na única nota que nunca poderia publicar? E Cynthia? E todos os trilhões de seres que existiam muito além da sua imaginação? Não havia conflitos entre eles, desacordos, não haviam facções? Não teriam algo que ele pudesse utilizar em proveito próprio?

Naturalmente, a totalidade do problema apresentado por Jefferson Springs era o da assimilação cultural e surgia do contato entre duas culturas. Uma cultura tão adiantada, que a única coisa que ele podia fazer no momento era entender alguns tentadores e insatisfatórios aspectos da sua verdadeira natureza. A outra cultura era a sua própria. Ou havia sido. Outra vez lhe assaltava o pensamento: o problema da assimilação cultural se apresentava quando uma das culturas participantes ignorava a existência da outra. E não havia dúvidas de que, para ele, Paul Ellery, era esse o problema.

Voltou a evocar Dois Ossos.

Que acontece aos homens que se debatem entre duas culturas? Que acontece ao selvagem quando a civilização levanta sua cabeça de metal? Podia morrer, literal ou espiritualmente. Podia fazer uma tentativa de defesa brandindo a espada contra os tanques e senão, ver como sua gente sabia sorrir e morrer. Podia tornar-se útil ao homem civilizado, assistir suas aulas e transformar-se em um deles. Podia fugir, se tivesse para onde. Podia fazer algo mais? Por acaso havia alguma outra saída?

Talvez.

Apesar de si mesmo, Paul Ellery sentia uma crescente excitação. Sentiu-se um homem, outra vez, em todo o seu sentido. Voltaria. Agora sabia o que tinha que fazer.

Ana e Peg voltaram para casa. Ellery estava barbeado; havia tomado uma ducha e havia posto uma roupa limpa. Sorria com uma expressão quase tão boa como se seu estado de ânimo respondesse por ela.

- Olá! - gritou Peg, tirando os sapatos e massageando os tornozelos – Reviveste! Assim ficas mais atraente, sabia? Falo sério.

Ellery beijou as duas moças com imparcialidade.

- Vou preparar o café. - disse Paul – Sentem-se e liguem o rádio.

- Obedeceremos às suas ordens. - disse Anna – Que queres que liguemos? Raios Gama?

Estava contente e provocante, com uma blusa branca, calça preta e o lenço de seda rosa ao redor do pescoço. Ellery voltou a beijá-la.

- A mim, me ligas com a beleza, querida. Não me queixo: fazes tudo que podes para ser formosa.

- Espera e conhecerás meu outro eu, diferente e misterioso. - disse ela, com o mesmo bom humor – Depois das cinco, brilharei em todo meu esplendor; pelo menos assim asseguram as revistas femininas. Vou tomar um banho. Te sentes melhor?

- É ver para crer. - disse ele, sentenciosamente, e foi fazer o café.

Não aconteceu nada espetacular, e sim o que tinha que acontecer. Nesta noite jantaram no Dirty Bill's Drive Inn e foram passear no Ford pelas colinas. A beleza rodeava Austin, uma beleza insuspeitada que esperava, paciente, que alguém viesse contemplá-la. Não era uma beleza sensacional, de cartaz. Era uma beleza que só precisava de olhos que soubessem apreciá-la. Havia um lago tranquilo, formado por uma represa do rio Colorado. Havia terras onduladas com perfume de cedro; havia fazendas fechadas que se escondiam nas sombras. Ambos se deixaram invadir por essa beleza, sem comentários. Depois Ellery levou Anna para casa.

- Paul. - ela disse – Voltarás alguma vez para buscar-me?

- Não sei. - respondeu ele, sentindo-se um canalha – Espero e desejo com toda minha alma voltar para teu lado. Lembre-se.

- Queria saber o que aconteceu contigo lá. Estás muito mudado, Eli. E não parece que tenha sido por outra mulher, desta vez.

- Não. Devem ser coisas da idade...

- Não envelheça longe de mim, querido. É sério, já não somos tão jovens, e às vezes uma mulher se sente muito sozinha. Tu também precisas de mim.

- Sim, ninguém mais do que tu seria capaz de me aguentar.

- Eu poderia ir te ver alguma vez?

- Não, querida, não quero te ver por lá. Perdoa-me.

- Sou humana, nada mais, Paul.

- És mais que suficiente. Não me digas nada, querida. Não falemos mais.

Chegaram às três da manhã.

- Não deixa de voltar, Paul; entendo que não posso fazer nada, mas sempre tentei te ajudar, não é verdade, Paul?

- Sempre; não sabes quanto te amo.

- Voltarás, Paul? Por favor, diz-me que voltarás.

- Farei todo o humanamente possível. E não posso acrescentar mais nada.

- Está bem então. Te amo tanto! Boa noite!

- Boa noite, Annie.

Afastou-se, tentando ignorar o nó que lhe apertava o estômago. Deteve-se na Universidade e entrou cruzou o Campus cinza, deserto, a esta hora da madrugada. Caminhou um pouco para serenar e clarear as ideias E também para recordar.

Os frios e cinzentos edifícios, que conhecia tão bem, eram como um passado vivo. Tinha-os percorrido todos, desde Waggoner Hall, onde havia feito seu primeiro curso de antropologia, até a torre que alojava a biblioteca. Também havia passado longas horas nas construções que logo foram derrubadas, como o Pavilhão B, em cujo local se via agora um canteiro de grama. E os antigos rostos retornavam, rindo, gritando, indiferentes.

Uma melancolia glacial o invadiu e o sangue gelou em suas veias. Com uma espécie de depressão começou a dar-se conta de que seu caso era muito mais grave do que tinha acreditado. Ele sempre havia desejado, brigado, interrogado. Talvez não tivesse feito tudo simultaneamente e talvez parte da sua rebelião se manifestasse em sua mente, nada mais. Mas ainda assim, aquele era seu verdadeiro modo de ser. Talvez, para chegar a uma explicação, devesse comportar-se desta forma. O certo era que essa mansidão era algo insólito nele. Disse para si mesmo, deprimido, que era um intruso entre as duas culturas.

Tentou se reanimar e voltou ao carro. Retomou o caminho através da cidade adormecida, pela estrada de San Antonio, e tomou, sem vacilar, o caminho de Jefferson Springs.

Durante toda a noite meditou, incessantemente.

CAPÍTULO 14

Setembro passava depressa, rastreando a chuva e com uma vivacidade especial no ar matutino. A terra ficava verde rapidamente e os cactos estavam em flor. O sol quente caía desapiedadamente, tentando sugar toda a umidade do solo. E enfim chegaram as chuvas, os rios transbordaram e, subitamente, chegou outubro.

John enviou os mesmos jovens para escoltar Ellery para a espaçonave. Um deles fumava seu cachimbo como sempre e Ellery teve a impressão de que nada havia mudado desde a última vez. Chegaram procurando-o quando estava trabalhando no "O Observador"

- Tem que se apressar. - disse o homem do cachimbo – Os delegados já estão a bordo e temos de percorrer uma grande extensão territorial antes da conferência.

- No meu estilo – disse Ellery, tirando a folha da máquina de escrever e entregando-a ao senhor Stubbs – aqui está a descrição da festa no jardim.

Jeremy Stubbs levantou a cabeça. Tirou lentamente seu pesado relógio e o examinou com evidente má vontade. Ajustou a viseira verde e introduziu os polegares cavas do seu colete:

- Jovenzinho, - disse resmungando – quando eu tinha sua idade...

Ellery deu-lhe uma amistosa palmada nas costas, com tal ímpeto que sua cadeira giratória inclinou-se uma polegada mais além da sua posição habitual.

- Aposto que era um demônio. - disse. E voltando-se para os dois homens: - Vamos – concluiu.

O tempo voltou atrás e lhe apresentou pela segunda vez uma cena já conhecida: o Buick negro, o caminho rural e o globo de dez pés. Sentou-se na mesma banquetela verde, sobre a mesma almofada cinzenta e sentiu o mesmo leve odor elétrico no ar. O globo subiu através da luz dourada do sol, mais alto que na sua subida anterior, e então o painel abriu-se e houve um resplendor de suave luz amarelada.

Novamente encontrava-se na gigantesca aeronave interplanetária, flutuando acima da Terra. Percorreu, como antes, o longo e polido corredor e ao caminhar sentiu uma nova vibração na aeronave, contida, mas que demonstrava uma força que estava além da sua compreensão. Pela primeira vez achava-se na aeronave em movimento. Teve um fugaz momento de terror. Imaginou a nave tomando impulso, timoneada pela sua cauda e dobrando o nariz aqui e ali, relampejando no abismo do espaço, deixando a Terra para trás, como um ponto minúsculo... e então, nada, absolutamente nada. Recobrou-se por um esforço de vontade. A nave devia estar simplesmente voando ao redor da Terra, recolhendo representantes de outras colônias estelares. Sorriu levemente. Além de tudo, quem eram? Delegados estrangeiros. E ficou meditando sobre a infinita adaptabilidade da mente humana.

Outra vez a pesada porta do final do corredor, a porta que se abria sem o menor

ruído quando alguém se aproximava. Outra vez o escritório familiar, as cadeiras confortáveis, a mesa em desordem. E John.

O gordinho resplandecia. Sorriu satisfeito, como Papai Noel. Tirou sua garrafa de Scotch e serviu dois copos. "Está alegre por me ver", pensou Ellery agradecido. "Está realmente contente de ver-me".

- Ellery, velho amigo! - exclamou John – Bem-vindo à guarida dos monstros gordos!

- Como está, John? - disse Ellery, sentando-se e bebendo – Obrigado por haver se lembrado de mim.

- Não há de que – disse John, bebendo de um só gole a metade do seu copo – Ah! Não tem ideia de quanto senti sua falta, Paul; não imagina quão espantosamente aborrecido é dissimular e ser misterioso continuamente. Maldito seja! Detesto os mistérios. Sou um homem sem rodeios. Como se sente em sua nova situação de forasteiro, meu filho?

Ellery hesitou:

- Não sei – disse finalmente.

- Magnífico. - disse John. E que tal está Austin?

- Estranha. - disse Ellery com sinceridade – Estranha e um tanto mágica. Mas como demônios você sabe que estive em Austin?

John sacudiu os ombros: sua calva reluzia acima da sua faixa de cabelos.

- Elementar, meu querido Paul! Não é preciso ser omnissapiente para adivinhar. Deixei-o em estado de choque e soube no dia seguinte que seu carro havia sumido. Conheço-o bastante para saber que você havia saído do lugar para uma visita. Na realidade, é mais fácil seguir suas pegadas fora da colônia do que quando está aqui.

- Como é isso?

John tirou um grosso cigarro negro e o levou à boca.

- Siga seus instintos, Paul. Em seu nível um tanto primário, a ciência de vocês deixou de acreditar nos instintos. Mas entretanto você os escuta.

- Que quer saber, John?

Ele deixou a pergunta passar, sem responder.

- Quero que percorra a nave antes de chegarmos às estrelas Yak-yak. E vou apresentá-lo a Withrow. Esteve na mesma situação que você e vocês têm muitas coisas em comum.

Saíram, John ia à frente para indicar o caminho. Ellery percebia a todo tempo o suave deslizar da nave ao deter-se e logo a ouvia partir, com a mesma delicadeza. Recolhiam passageiros ao redor da Terra. Caminharam, até que Ellery começou a sentir as pernas doloridas. John circulava como um globo, ágil e veemente, e não se cansava. Ellery havia calculado a área da nave em quinhentas jardas, mas se deu conta de que havia subestimado sua extensão. O que via era bastante surpreendente. Assombroso, em sua amplitude e em sua eficácia e confortável eficiência. Mas o que somente podia imaginar era mais assombroso ainda: um milhão de problemas de engenharia resolvidos e ocultos sob seus pés, problemas que ainda não tinham chegado a serem formulados no mundo que conhecera anteriormente. Um milhão de respostas a perguntas que talvez não chegassem a ser formuladas. Viam-se em toda parte supervisores gráficos e computadores com medidas, por assim dizer, interplanetárias; léguas de listas de temas incríveis; bibliotecas, armas pesadas capazes de

fazer desaparecer um mundo com o simples apertar de um botão. Havia equipamentos hospitalares e de comunicações galácticas maravilhosos pela sua complexidade. E estava vendo somente a matéria bruta, um mínimo. E havia homens e mulheres mais poderosos e diligentes que os que havia conhecido em Jefferson Springs: técnicos e engenheiros, e homens que haviam dedicado a vida à antropologia, à psicologia e à sociologia e que logo iniciariam outro tipo de ciências.

Ficou sem respiração ao entrar na câmara de navegação: havia três maquetes tridimensionais de setores galácticos rodeados de estrelas, planetas, luas e asteroides que moviam-se frigidamente em campos magnéticos: um universo encerrado em uma jaula de cristal. E quando os técnicos se conectaram com um segmento triangular de sistemas estelares que brilhavam e escureciam, o olho humano já não podia seguir o imponente espetáculo, e as três dimensões, entre as quais Paul Ellery havia vivido, se transformaram em... outra coisa. Agora, não só sabia que a nave havia empreendido uma longa travessia: sentia-o.

- Não esqueça, Paul, - disse John, olhando-o nos olhos, quando voltaram a ficar sozinhos – que são pessoas como as outras. Dê a um carro a um imbecil e ele continuará sendo um imbecil.

“Pessoas como as outras! Porque essa advertência?” perguntou-se o neófito.

- Este congresso refere-se à política colonial, não é mesmo? - perguntou Paul.

- Talvez este seja um termo exagerado. Este é um planeta e nada mais, meu filho.

- Penso constantemente nisso. - disse Ellery lentamente – Não estou certo de compreender o papel de vocês com tudo isto. Que intenções têm a respeito da Terra?

John voltou a olhá-lo com firmeza e sorriu.

- Os meus? Sou absolutamente apolítico. Não tenho propósitos. Só me preocupo com as pessoas que merecem.

- Oh! - exclamou Ellery E pensou: “grandíssimo mentiroso”.

- Agora – disse John – eu o apresentaria e Withrow. Siga-me.

- Quem é Withrow?

- Antes ele era um escritor, bastante popular, para dizer a verdade. Ficou curioso por uma cidadezinha do Maine uns seis anos atrás e lhe fizemos a mesma proposta que fizemos para você. Aceitou e conseguiu chegar ao *Centro*, de modo que agora é um de nós. Creio que aprenderá muito com ele.

Ellery estava intrigado. Enfim encontraria alguém que talvez estivesse mais próximo dele que de qualquer outro pertencente a uma das duas culturas, um homem que havia navegado nas mesmas águas. Precisava de um amigo, e como!

Encontraram Withrow em um compartimento, estudando. Adivinhou imediatamente que era ele. Era um homem franzino, com cabelos cinza aço, ao redor dos quarenta anos. Tinha um olhar frio e inflexível. Cumprimentou John e apresentou-se:

- Paul, - disse-lhe, estendendo a mão com um gesto de homem de negócios – tenho ouvido falar muito de você. Sou Hamilton Withrow. Quero ser-lhe útil na medida das minhas possibilidades; sei, por experiência própria, que tudo parece confuso a princípio.

Ellery sorriu.

- Estou certo de que nos entenderemos. - disse.

- O senhor Withrow prontificou-se a fazer-nos um favor. - interveio John. Você ainda não pode compreender nossa língua. Hamilton ofereceu-se gentilmente para

acompanhá-lo durante a conferência para explicar-lhe o desenvolvimento dos acontecimentos. Como sou apolítico, estarei ocupado em outro lugar durante o transcurso do congresso.

- Vocês são extraordinariamente amáveis. - disse Ellery.

- Fazemos isto com muito prazer. - contestou Hamilton Withrow.

John os deixou sozinhos, com o pretexto de que o esperavam em seu gabinete.

- Sujeito estranho. - comentou Withrow.

- John? Ele me parece um homem excelente.

Withrow encolheu os ombros e não prosseguiu com o assunto.

- Paul, - disse - eu passei pela mesma que você e compreendo suas dificuldades, porém me atrevo a assegurar que todas as suas dúvidas se desvanecerão no pouco tempo que estiver no *Centro*. Sua antiga vida (e não leve a mal, lhe peço) lhe parecerá um brinquedo de crianças e seus antigos amigos serão para você como criaturas a quem se recorda carinhosamente. Aqui aprendemos a ampliar nossos pontos de vista. A ampliar, Paul.

- Aprecio muito seu conselho, senhor Withrow.

- Chame-me Hamilton, ou, melhor ainda, Ham. Me dará um gosto - Pôs-se a rir.

Ellery também riu, submissamente.

As horas passavam e a enorme nave prosseguia flutuando ao redor da Terra, fisgando seus passageiros como se fossem peixes de um mar pouco profundo.

Transcorreu um tempo assombrosamente curto e Hamilton Withrow conduziu Ellery para a sala de conferências, na qual estavam terminando os últimos preparativos. Era um recinto tão longo, baixo e imenso que produzia vertigens. Estava repleto das mais entranhas pessoas que Ellery jamais havia visto: chineses, ingleses, norte-americanos, franceses, africanos, daneses, brasileiros, suecos, japoneses, esquimós, filipinos, suíços, australianos, russos. Havia brancos, negros, mongólicos. Ricos e pobres; gente vestida com roupas de escritório e gente desnuda; mulheres com anéis nos lábios, mulheres com anéis no nariz, mulheres com anéis nos dedos. Mas o que mais chamava a atenção não era a diversidade e sim a similaridade. Todos pareciam seguros de si, refinados e de boa posição econômica. Talvez muito janotas e satisfeitos. Possuíam uma tangível consciência da sua posição, um ar inconsciente de superioridade, uma aura de poder.

Eram humanos, sem dúvida. Com um critério mais objetivo, tinha-se que reconhecer que eram, indubitavelmente, o mais humano que se poderia ver na Terra. E ao mesmo tempo não eram humanos, no sentido em que Paul Ellery entendia: eram diferentes dos seus compatriotas. Talvez algo assim como os Cro-Magnon vistos pelo homem de Neanderthal.

- Olhe-os! - exclamou Withrow com um olhar brilhante - Não são esplêndidos?

Ellery hesitou. "Esplêndidos" não era o adjetivo que ele teria usado.

- Realmente notáveis. - foi a única coisa que encontrou para dizer.

Conversava-se muito e amigavelmente, em um idioma cheio de zumbidos e estalidos, do qual Ellery não conseguia entender uma só palavra.

- Como você compreenderá, não podemos expressar-nos em nossa língua adotiva.

- explicou Withrow - Quando nos reunimos, voltamos à língua mãe.

- Oh! - disse Ellery dando uma olhada no seu instrutor – A língua mãe...

Hamilton Withrow não se deu por achado. Estava completamente envolvido no debate, com todo seu delgado corpo orgulhoso e alerta. De vez em quando, trocava umas frases com algum conhecido, valendo-se com fluidez dos sons da língua estrangeira. Ellery começou a se sentir incomodado.

A conferência havia começado. Ellery não conseguia entender as regras e os procedimentos.

Havia pequenos grupos que, aparentemente, participavam de um trabalho comum: examinavam documentos, falavam em voz baixa e logo se uniam a outros grupos para comparar os dados. De tempos em tempos, alguns dos assembleistas tomava a palavra e cinco ou seis delegados interrompiam suas conversas para escutá-lo. Isso também parecia ter sido previsto de antemão.

Em uma parede havia um grande quadro branco marcado por uma substância metálica negra. À medida que a conferência se desenrolava, o quadrado se iluminava com luzes dispersas e coloridas. Separavam-se e uniam-se, formando esquemas variáveis e, sobretudo, mudavam após cada discurso. De vez em quando chegava um dos participantes de um grupo e gravava o programa em um pequeno receptor negro que cabia na palma da mão. De volta ao seu assento, observava-se em todos eles atividade redobrada.

Ellery sentia-se hipnotizado, adormecido. Tudo aquilo era muito importante, claro, mas um pouco distante. Withrow podia apenas traduzir-lhe uma quinta parte do que diziam e Ellery não chegava a entender nem a quarta parte do que ele lhe explicava. Escutava, mantendo-se à altura da situação o melhor que podia.

- Tudo é automático, como você pode ver. - dizia Withrow – Todas as variáveis são integradas e então se calcula e manipula o elemento livremente selecionado.

- Hum. - disse Ellery - “E não ponha as bananas na geladeira”, pensou consigo mesmo.

- O orador disse, em resumo, que devemos ser práticos, que nossa política não foi uma escolha e sim uma necessidade. Afirma que será dado aos colonos maior intervenção na administração galáctica. Supõe que a Terra entrará em uma regressão de mil anos, o que nos permitirá atender as necessidades de uma imensa quantidade de colonos. Exorta-nos a pensar em nossos filhos e nos filhos dos nossos filhos.

- Estou compreendendo. - disse Paul.

- Este representante é muito impetuoso. Diz que a única solução total para o problema da super população seria tirarmos a cabeça da terra. Repete que não é partidário entusiasta dos aborígenes, mas que a necessidade tem se tornado imperiosa. Quer que revisemos todo o sistema galáctico colonial. Aonde imagina que poderíamos ir se deixássemos todos os planetas para os selvagens? Você vê que o assunto é intrincado, Paul.

- Com certeza. - Disse Paul.

- O orador seguinte, olhe, esse com um horrível corte de cabelo, diz... bem... está expondo... Em uma palavra, referiu-se à relação da Força Original com o Quadrante... Me parece... temo que seja um pouco avançado para você.

- Por favor, não se preocupe. - disse Ellery.

Prosseguiu escutando com a maior atenção. A reunião parecia prolongar-se indefinidamente. Houve uma quantidade enorme de reivindicações, sobre pequenos problemas locais; tratou-se do tema da posição dos colonos dentro da economia galácti-

ca; a possível importação de objetos de luxo nas áreas mais retrógradas; a confraternização com os selvagens habitantes da zona invadida.

Ellery não conseguia convencer-se da realidade do que via. Tinha que repetir para si mesmo umas mil vezes: “Estão falando da Terra, da minha pátria... do que era minha pátria. Estão discutindo o futuro da minha gente”.

A voz de Withrow ressoava em seus ouvidos:

- Eles defenderam um maior envolvimento para manter o status quo... Solicitam missionários para as tribos selvagens... Aqui há uma sugestão interessante: este orador acredita que devemos trazer para o *Centro* todos os colonos recém nascidos, e todas as crianças em idade pré-escolar.

Depois de um tempo incomensurável, a sessão terminou. O esquema de luzes no telão branco mudou de forma e ficou fixo. Era o anúncio do resultado.

- O de sempre. - suspirou Withrow – Fica aprovada a política colonial galáctica e se solicita maior atenção para os problemas locais. Carece de sentido, mas satisfaz aos colonos.

Ellery olhou para seu companheiro. Uma imagem formou-se espontaneamente em sua memória. Uma imagem muito antiga, dos seus anos de colégio. Um rapaz havia chegado ao curso no fim da temporada, muito tarde para ser um dos bons jogadores de futebol, o que não o impedia de referir-se a si próprio como “um dos da equipe”. “Creio que poderá aprender muito com ele”, havia dito John. John era muito sutil.

- Agradeço muito sua ajuda, Hamilton. - disse Ellery.

Estava física e moralmente exausto. Deixou-se acompanhar por Withrow até o gabinete de John. Ficou alegre por ver que Withrow o deixava só; não desejava continuar a conversa.

John não se encontrava. Ellery pensou vagamente que aquela era uma boa ocasião para obter algumas informações secretas do escritório do homenzinho, mas rechaçou a ideia. Tinha em seu poder mais informação do que podia abarcar; estava carregado de informações. Seu problema não se resolveria por nenhum expediente roubado em um escritório. Não se tratava de encontrar a fórmula mágica.

Estirou-se em um sofá encostado na parede e dormiu. Era o único refúgio que lhe restava, e era uma grande coisa poder fugir por uns momentos.

John o despertou umas horas depois, com uma xícara de café fumegante que bebeu agradecido. Sentia-se oprimido, dolorido, insignificante.

- Jefferson Springs. - disse John tranquilamente – É hora de ir para casa.

- Obrigado, John. Quanto lhe devo pela hospitalidade?

- Não é muito, jovem. Nos decidimos pelo braço direito da sua avó ou por uma hipoteca sobre o patrimônio familiar?

- É muito.

John o escoltou pelo longo corredor com uma pressa decepcionante.

- Já o avisei, Paul; - dizia o homenzinho – você começa agora a inteirar-se do que acontecer aqui. O congresso que presenciou está classificado como algo de interesse estritamente rural. Merecerá, talvez, uma linha, no informativo da Assembleia Galáctica, que ninguém lerá. É um pouco chocante... Me acreditará seu Ihe disser que noventa e nove por cento das pessoas civilizadas da galáxia ignoram que existe o pla-

neta Terra? São conhecimentos pertencentes a uma informação estritamente especializada.

Ellery sobressaltou-se. Se noventa e nove por cento ignorava...

- É uma estupidez. - prosseguiu John, balançando a cabeça – O congresso não teve coragem nem para mencionar o problema real. - Ellery arqueou as sobrancelhas – Os *Outros* são como em todas as partes. Não notou nada na pequena reunião na fazenda de Thorne?

Ellery lembrou: a galáxia e os tênues fios prateados. Átomos de mundos. E algo mais. Algo mais, abaixo, no canto, na escuridão.

Chegaram ao painel que conduzia à espera metálica, que Ellery considerava agora como um elevador.

- Logo o levaremos a um *Centro*, meu filho. - disse John – Não durma muito.

Ellery olhou para o gordinho, mas este não acrescentou mais nada. O painel deslizou pra cima e Ellery entrou no globo. Sentou-se na banquetta verde. Dessa vez havia mais passageiros: os dois escoltas, um com o cachimbo na boca, como sempre, e três delegados da conferência, dois homens e uma mulher de Jefferson Springs. Os homens usavam botas e chapéus desabados e a mulher um vestido negro e um chale. Sentaram-se ao seu lado e trocaram as palavras indispensáveis, mas a atmosfera manteve-se tensa.

O grande globo flutuou e aterrizou em um campo arado. Era uma noite constelada de estrelas. A lua fria vestia a terra de prata. Ellery não sabia em que noite se achava.

Subiram no Buick negro e voltaram a balançar pelo caminho de terra até alcançar a estrada de Jefferson Springs. Ellery ocupava o assento traseiro, em companhia dos três colonos. Evitava seus olhares.

É demais, é demais..., pensava

À medida que se aproximavam da cidade, sentia-se mais nervoso. Sentia a vastidão da nave interplanetária perdida entre as estrelas acima dele. Sentia-se pequeno. Não poderia lutar contra eles. Tampouco podia ignorá-los. E depois de ter conversado com Withrow, nem sequer estava certo de poder unir-se a eles sem enlouquecer.

Que seria de Anna? Como a adorava!

Estava cansadíssimo.

E o Buick corria entre as sombras, a noite e os pálidos reflexos de uma luz vazia.

CAPÍTULO 15

O outono deslizou suavemente rumo ao inverno. A Terra perdeu seu breve e verde resplendor e ficou nua diante do vento, mas as neves não caíram até janeiro.

Paul Ellery dedicou-se a investigar afanosamente, em busca da brecha na armadura de Jefferson Springs. Sabia que não estava se adiantando com a rapidez necessária e que em pouco tempo iriam buscá-lo para levá-lo ao *Centro*; tinha que realizar o "tratamento completo". Havia se desinteressado de muitas coisas. Viu Cynthia em algumas ocasiões e distraiu-se em sua companhia durante as longas horas de vazia solidão que vivia nesse mundo que não era seu.

Uma vez, em um caminho dos arredores, descobriu, semi-enterrado na terra seca e pisada, um pedaço de pedra dura trabalhada. Observou-a com atenção e tristeza. Era um objeto pontiagudo toscamente polido, de umas cinco polegadas de comprimento; nela viam-se os traços característicos de mão do homem. Era muito longa para ter pertencido a uma flecha, havia sido, talvez, a extremidade afiada de uma espada, de um dardo ou de uma faca. Não parecia comanche nem apache. Ellery não era arqueólogo e não estava seguro sobre isto, mas a situou entre as ferramentas de uma dessas numerosas tribos caçadoras que haviam percorrido o Texas antes do começo da história escrita. Outras vidas, outra cultura desaparecida no pó. Deteve-se no vento gelado e tiritou. O humilde pedaço de pedra afiada despertava uma onda de recordações.

Recordou como havia se sentido incentivado nos seus primeiros cursos de antropologia; as discussões que duravam toda uma noite e os livros que abriam maravilhosas perspectivas à mente; a excitação que produzia a leitura de Malinowski, os audazes rastreamentos de White, a visão de um Linton, que havia dedicado seus trabalhos sobre ciências sociais à próxima geração. Evocava sua confiança juvenil, sua certeza em uma chave exclusiva que lhe permitiria abrir portas que ninguém conhecia; seus intensos estudos na escola de graduados; os mergulhos profundos, as sugestões que suscitavam fragmentos de ossos, a luta com o idioma alemão. Que vida linda!

E que havia acontecido com aquele entusiasmo, esperança e promessas? Quando havia sido transformado em incerteza, receio e até medo? Quando havia desaparecido essa espécie de encantamento? Apatia? As preocupações triviais da vida cotidiana? A descoberta de que nas ciências sociais havia mais perguntas que respostas? Não teria algo a ver com a infernal ameaça da bomba de hidrogênio, que reduzia todas nossas tentativas a uma medida insignificante e desesperada? O clima de histeria cultural em que se vivia, conspiraria contra as aspirações dos estudiosos? Ou simplesmente ele, Paul Ellery, tinha fracassado?

Por muito tempo ele permaneceu na intempérie, com o vetusto objeto entre as mãos. Depois voltou caminhando sem pressa, sob um sol débil e pálido.

Prosseguiu investigando, até que um dia achou um indício.

Em uma tarde quente entrou no Clube Americano para tomar uma cerveja. O sino da porta tilintou alegremente à sua passagem. O salão principal estava mobiliado com quatro mesinhas de jogo com o tapete distendido e uns quantos bancos coxos de ferro. Viam-se calendários nas paredes; lindas banhistas bebendo Coca-Cola com leite, vaqueiros afagando belos cavalos, homens de negócios saboreando trutas com expressão de felicidade. Havia um bar de madeira compensada, sujo, ao longo de uma parede. E não havia ninguém nele. Do outro lado da parede divisória chegaram algumas vozes e o ruído das fichas de dominós.

Dirigiu-se sem fazer ruído para a parede e encostou o ouvido, abrindo bem os olhos. Neste omento uma voz dizia claramente:

- Não me importa o que você argumente, maldito seja! A Administração nos jogará aos lobos.

"A Administração", lembrou Paul. "Ou seja, o governo galáctico..."

- Que se supõe que vamos fazer? Sentar-nos tranquilamente e deixar que nos tirem o lar? Escutem bem o que vou dizer-lhes, rapazes...

- E eu digo que temos que fazer ainda mais, muitíssimo mais. Que os Conservadores constituem um partido ilegal? E daí? Estão trabalhando pra nós e são os únicos que se preocupam um pouquinho com nossa gente.

Conservadores? Anteriormente tinha ouvido alguma referência sobre eles: uma organização que trabalhava para que os planetas colonizados não alcançassem status de civilização. Opunham-se aos Evolucionistas, que queriam que os planetas colonizados prosseguissem por si mesmos, sem interferência.

- Ah! Não é coisa para brincadeira. Levarão os desertores céu acima, sem nossa ajuda, não tenham medo. Que os Conservadores metam ali seus narizes, se tiverem com vontade de fazê-lo. Eu não me esqueço daquela espaçonave, faz tempo, vocês também não a esqueceram. Recordam o que ocorreu à colônia do sul. Poliomielite, disseram...

- De um lado, uma facção de malditos evolucionistas, pelo outro... Eu me pergunto: O que eles sabem de problemas práticos?

- Calma, companheiro, não está clamando no meio de um furacão.

- Pode-se saber de que você tem medo? Do F.B.I.?

Ouviram-se gargalhadas.

- Ao diabo com tudo. Outro par de cervejas, Bill?

O som de uma cadeira raspando o chão. Passos, Ellery saiu depressa do local. Havia esquecido os sinos da porta, que soaram alegremente à sua passagem. Desceu por uma estreita vereda, cruzou a rua e entrou em um beco estreito. Deteve-se junto a uma lata de lixo. Tudo estava tranquilo. Saiu então em busca do seu carro, estacionado na rua principal e, uma vez nela, passou como por acaso em frente ao clube. Não se notava nada de intranquilizador. Não havia ninguém no salão da frente. Ou não haviam notado sua presença, ou não se importaram.

Voltou para casa e vestiu-se para um encontro com Cynthia. Enquanto se trocava,

pensava nas palavras que tinha escutado.

As peças do jogo estavam começando a se mover um pouquinho. Se pelo menos dispusesse de mais tempo... Evidentemente, os forasteiros não haviam conseguido superar um velho problema no campo governamental. Persistia um conflito básico entre a polícia administrativa organizada pela Administração Galáctica, e as colônias que atualmente povoavam o lugar. A polícia, a princípio, era leal e altruísta. A enorme nave estava ali planejando para que as instruções superiores se cumprissem ao pé da letra. Desgraçadamente, a nave não podia estar em todas partes ao mesmo tempo e alguns colonos eram tendenciosamente do contra. Eram suficientemente humanos para pensar primeiro neles mesmos e nas questões éticas depois. Se os Conservadores arrastassem os planetas sub-civilizados a guerras atômicas que assolassem suas cidades, as colônias se veriam livres de interferências.

A Administração, provavelmente dominaria os Conservadores. Ellery tinha certeza de que John e companhia conheciam o assunto melhor que ele e de que eram mais competentes para afrontar o problema. Para Ellery, descobrir que os colonos estavam divididos era um achado importante. Isto lhe poderia ser útil.

Cynthia passou para buscá-lo às oito. Ele subiu no Nash azul e deu-lhe um beijo.

- Olá, querido! - disse ela – Como estás? Com ânimo para dançar?
- Mais ou menos, Já estou velho para esse tipo de programa.
- Você não é velho, Paul.
- Me sinto velho. - replicou. E efetivamente sentia-se assim.
- Trataremos de rejuvenescer-te.
- Você é a médica.

Chegaram à entrada do Community Hall, uma construção amarronzada, espécie de galpão rodeado de terrenos baldios, com escassos e míseros canteiros de grama.

Cynthia deslizou pelo caminho de cimento, agarrada no braço do seu acompanhante, fresca e leve, em seu vestido decotado de tafetá verde. Ellery não tinha vontade de dançar e o Community Hall o impressionou como um ambiente verdadeiramente fantástico. Ao ver-se rodeado de colonos, ficou nervoso; não sentia temor e sim insegurança e angústia; o mesmo que havia sentido, quando criança, quando representou uma peça escolar em uma reunião de adultos. Lembrava tão vividamente que ainda o fazia sofrer, que havia derrubado a espada no chão e que havia ficado com os pés emaranhados na toga. Desejou que o inevitável ponche tivesse sido preparado com bebidas fortes, mas sabia que era um desejo que não se realizaria.

Entraram. Cynthia recebeu os olhares de admiração masculinos como se fosse uma rainha e devolveu os olhares críticos das damas com gelado desdém. Apertava o braço de Ellery possessivamente. Este momento pareceu muito longo, mas o murmúrio das conversas retornou, por fim, e preencheu o repentino silêncio que havia sido feito à sua entrada.

O interior do Community Hall não negava o que o seu exterior prometia. Primeiramente oferecia um espaço livre com cadeiras ao longo das paredes, ocupadas por damas de certa idade. Duas portas, no fundo do salão, comunicavam-se com a cozinha. A música provinha de um fonógrafo portátil incrustado em um buraco; era manejado pelos rapazes da escola secundária, que olhavam Cynthia descaradamente. Ellery se perguntou o que lhes ensinaria Cynthia na cátedra de economia doméstica.

Os discos do Community Hill eram, em sua maior parte, fora de moda, o que não desgostava o antropólogo. Havia uma boa quantidade de Glenn Miller, um pouco de Harry James e um mínimo de duvidosas novidades. Escutaram: "Em uma ruazinha de Singapura", "Enfim", "Serenata em Azul". Ellery dançou, ou pelo menos, moveu os pés de um lado para outro. Cynthia negou-se cortesmente a dançar com outros homens que a convidavam; estava gentil e harmoniosa em seus braços. Ele tratou de esquecer onde se achava e de desfrutar a noite sem pensar no futuro. Começou a divertir-se. O Community Hall não parecia, depois de tudo, um clube extraplanetário. E a jovem que dançava em seus braços era uma beldade.

Por volta das sete, depois de ingerir vários ponches, com muito suco de frutas e xarope, um dos jovens dançarinos decidiu animar a festa. Era um típico produto jeffersoniano, com grandes grandes mãos que emergiam de um traje azul novo e apertado. Revolveu diligentemente a discoteca do Community Hall até encontrar uma dezena de músicas instrumentais. Correndo o risco de despertar a ira do treinador de futebol – que não estava visível neste momento – acendeu um cigarro com ar distraído e começou a tocar os discos, um a um. Começou com "In the Mood" e a pista de danças foi esvaziada como que por arte de um encantamento.

Paul apressava-se a integrar o êxodo, quanto Cynthia o conteve:

- Vamos querido. - pediu, com o rosto inflamado – Demonstra tuas habilidades.

Ellery fez tudo o que pôde, de má vontade a princípio, mas entusiasmando-se mais e mais à medida que dançava. Não havia sido um grande bailarino, e só praticava esta arte na medida que lhe evitasse inconvenientes. Mas ao se comparar com os escassos competidores que ensaiavam suas piruetas na pista, sentiu-se muito melhor. Sua façanha não era sensacional, mas dançava melhor que os outros. Seguiam o compasso com facilidade, mas não se deixavam levar pelo ritmo. Pareciam levemente incomodados, como um grupo de atletas dançando um minueto. "De forma que pelo menos em uma coisa os supero", pensou.

De "No name Jive", com seu banal mas eficiente solo de saxofone, passaram ao "Two O'Clock Jump" de Harry James. Paul Ellery e Cynthia tinham ficado sozinhos na pista de dança. Ellery começou a brilhar. Fez Cynthia girar como um pião e ela alegrou-se por ter a oportunidade de mostrar suas pernas. Ellery realmente entrou em transe, semicerrando os olhos em êxtase e revolteando. Cynthia o acompanhava fielmente, mas ele era a estrela do espetáculo. Pavoneou-se pelo centro da pista e então o disco terminou. Riu, enquanto seu coração batia alegremente.

Então ouviu os aplausos. Chegavam de todos os lados em ondas. Jefferson Springs estava impressionada. Até Cynthia aplaudia com eles. Paul Ellery deixou de rir. Cessaram os aplausos e fez-se um súbito silêncio. As conversas foram retomadas apressadamente e alguém aproximou-se do fonógrafo e pôs um disco lento. Ellery manteve-se imperturbável.

- Oh, Paul! - exclamou Cynthia, respirando fortemente – Tu és único!

- Cale-se. - repreendeu-a.

- Por que estás irritado? - perguntou ela, sorrindo.

- Cala-te! - Sua voz ressoou mais forte do que tinha querido.

Algumas senhoras o olhavam. Ouviu um sussurro

- ...um selvagem...

Paul Ellery abriu caminho às cegas até a saída e respirou o fresco ar noturno. Ficou só, apoiando-se contra o muro, sentindo como sua respiração esfriava e seus punhos

se crispavam.

“Sou um idiota!”, disse para si mesmo. “Além de fazê-lo, senti-me orgulhoso disto. Uma exibição de dança primitiva. E ela me induziu a isto. Maldita seja, sabia o que queria. Brincou comigo, exibindo-me como um animal elegante”.

Via tudo vermelho. Olhou ao redor; à luz das estrelas viu duas pedrinhas e pegou uma com cada mão, apertando-as com força. Deu uns passos para a entrada, na qual Cynthia havia aparecido em um quadro de claridade. Deu uns passos através de uma névoa vermelha. E deteve-se. O murmúrio ressoou em sua memória, zombando: “um selvagem”. Jogou as pedrinhas longe de si e ouviu o ruído que faziam a bater contra o pavimento. Ficou imóvel durante um longo tempo, pois duvidava da sua serenidade. Ele lhes ensinaria quem eram os selvagens.

Como não levava o cachimbo consigo, procurou um cigarro. Acendeu-o com mão firme e enviou um aro de fumaça por cima da sua cabeça, no ar quieto. Respirou profundamente. Então, com naturalidade, voltou ao Community Hall. Três homens o observavam atentamente, mas ele não devolveu o olhar. Dirigiu-se em linha reta para onde estava Cynthia puxou-a pela mão. Ela tentou resistir, primeiro com temor e logo com surpresa.

Paul Ellery sorria amavelmente.

- Vamos querida; - disse com voz suave – voltemos para casa.

As pupilas azuis da moça aumentaram.

- Já? Tão de repente?

O sorriso de Paul se fez mais amplo.

- Não está com medo de mim, não é Cynthia?

Ela vacilava:

- Como, você então acredita...

- Está bem, Paul. - concordou.

Voltaram para a casinha do caminho em frente à escola secundária. A noite foi longa e Ellery não aproximou-se de Cynthia para nada.

Na manhã seguinte via-se certo respeito nos olhos da moça.

CAPÍTULO 16

Paul Ellery continuou suas investigações. Seu emprego no “O Observador de Jefferson Springs” não lhe tomava muito tempo. Quase todas as manhãs passava no gabinete, redigia uma ou duas notas e se despedia. O senhor Stubbs encarregava-se dos avisos, a seção mais florescente do jornal e o maior mistério para Ellery: nunca conseguiu ver Stubbs fora da sua cadeira inclinada; os olhos do velho cavalheiro permaneciam fixos na parede nua, como se procurasse os rastros das insolentes formigas. Supunha que o jornal havia se tornado tão rotineiro, que, virtualmente, organizava-se automaticamente. As notícias chegavam pelo correio e sempre alguém tinha uma notícia, por mais insignificante que fosse, Stubbs a trazia, como o cão fiel entrega a presa caçada ao seu dono.

Outra coisa que intrigou Ellery durante muito tempo foi a ausência de luzes noturnas em Jefferson Springs. A cidade nunca estava inteiramente às escuras, exceto depois da meia-noite, quando todos dormiam; mas jamais estava completamente iluminada. As casas, especialmente, eram mais escuras que o habitual. A partir das oito ou nove da noite, raramente poder-se-iam ver mais de uma dúzia de luzes fora da rua principal. Era uma localidade de seis mil habitantes, isto era inexplicável.

Tudo era uma questão de ficar averiguando. Quantos problemas, insolúveis à primeira vista, eram esclarecidos quando alguém se empenhava em observar! Propôs-se a seguir um método simples, embora não heroico. Tornou-se um curioso vulgar e, embora se sentisse idiota, obteve uma resposta.

Vagou duas noites pelas ruas escuras de Jefferson Springs. Caminhava primeiro perto das casas para observar se tinham cães de guarda e, se não fosse acolhido por latidos furiosos, aproximava-se mais. As ruas estavam miseravelmente iluminadas e, com exceção dos faróis dos escassos automóveis, não havia luz suficiente para ser surpreendido. Atravessava os patios e jardins e espiava pelas janelas, que em sua grande maioria tinham persianas de modelo antigo, através das quais podia ver alguma coisa. A princípio não descobriu nada, por causa da escuridão que reinava nos interiores; mas perseverou, e ocasionalmente pôde captar alguns detalhes interessantes. Uma olhada aqui, uma corrida mais adiante, conseguia vislumbrar hoje a parte posterior de uma cabeça, amanhã uma mesa ou uma figura entre as sombras.

E observou as luzes azuis.

Muitas casas estavam desocupadas, mas quando encontrava pessoas nelas, surgiam as luzes azuis. Eram lâmpadas simples – assim lhe parecia do lado de fora – colocadas em suportes comuns. Irradiavam uma pálida luz azul, idêntica à que havia visto aquela noite inesquecível na fazenda de Thorne. Ao redor das luzes azuis estavam os habitantes de Jefferson Springs, dez, e às vezes mais, em cada casa. Perma-

neciam imóveis em suas cadeiras ou no chão, e nunca falavam. Tinham os olhos abertos, – via seus apagados reflexos na fraca luz – mas as pupilas estava fixas e não viam.

Ellery tentava escutar, aproximando o máximo que podia, mas não percebia som algum. Se se trava de transmissores de mensagens, trabalhavam em silêncio absoluto. Não pôde descobrir o sistema que usavam para reunirem-se, porque o faziam cedo e ele não podia arriscar-se a uma espionagem à luz do dia.

Uma noite viu como os homens rompiam o clima. Obedecendo a um sinal invisível que afetou a todos por igual, saíram um a um do seu estado de transe. O dono da casa retirou a lampadazinhas azuis e substituiu por lâmpadas comuns. Tomaram café, conversaram durante um tempo e as visitas retornaram aos seus lares.

Ellery continuou investigando em segredo. Enquanto tomasse precauções – e não se afastara de Jefferson Springs – ninguém desconfiaria dele. Os colonos não eram onipotentes. Agora tinha dados suficientes para explicar o que havia observado. Os colonos, evidentemente, faziam reuniões diferentes em distintas casas. As luzes azuis formavam parte do ritual na Fazenda de Thorne, e nessas reuniões menores serviam para o mesmo propósito. Eram cerimônias de um definido caráter religioso.

Como funcionavam? Os participantes não trocavam palavras entre si e tampouco Ellery via algum aparelho. A pessoa simplesmente se sentava, as luzes azuis se acendiam e todos entravam em estado de transe. Que acontecia então? Parecia que os colonos estavam condicionados de tal maneira que podiam entrar em uma espécie de hipnose, provavelmente, mas estava relacionado com ela. Que lhes acontecia? Talvez este procedimento servisse para abrir suas mentes a determinadas formas de sugestões que haviam sido previamente implantadas neles. Sentados ao redor das luzes, parecia que não olhavam e viam... quem poderia dizê-lo? Cenas, acontecimentos e ordens que os ligavam à grande totalidade da qual faziam parte, experiências que Paul Ellery dificilmente poderia adivinhar. Experiências que nunca conheceria, a menos que entrasse no *Centro*. Para isto serviam os *Centros*. E os cidadãos de Jefferson Springs contemplavam cenas que na Terra não poderiam sequer sonhar.

De volta à sua casa, Ellery instalou-se em frente da mesa da cozinha e pensou em Cynthia. Ela, talvez por exceção, perdia uma boa parte dos rituais. Talvez não fosse uma boa cidadã, embora que, em uma cerimônia pelo menos, houvesse posto seu grão de areia.

Ellery havia progredido alguma coisa. Tinha consciência disto e experimentava uma certa satisfação. Mas também sabia que os progressos não eram suficientemente rápidos. E contudo... Estava de posse de uma chave que abria a porta para esta misteriosa cultura. Isto testemunhavam seus blocos de apontamentos e suas longas horas de solidão. Sua vida estava em perigo; ainda poderia fracassar, mas, neste momento, a chave encontrava-se em suas mãos.

Como era possível que membros de uma civilização galáctica vivessem em uma cultura primitiva? Como era possível que sua vida transcorresse de acordo com as normas do que para eles era uma civilização estranha? Como o conseguia o sistema galáctico colonial?

Não era uma farsa, e isso era algo que em momento algum podia esquecer. Essas pessoas, até certo ponto, acreditavam nas vidas que estavam vivendo. Eram suas vidas e esta era sua cultura. Tinha que ser assim. Mas não era sua única cultura. Ali

estava o ponto crucial. A administração galáctica doutrinava seus colonos com um rígido código de crenças e premissas civilizadas. Este era o esqueleto, o mesmo para cada cidadão, estivesse onde estivesse. Sobre este esqueleto lhes enxertavam os hábitos e costumes da área onde o colono seria enviado. E o rosto, os músculos, as impressões digitais que diferiam em cada indivíduo em toda raça humana. Possivelmente não se havia conseguido a realização do plano sem esforço. Deve ter tido numerosos opositores. O esquema não teria sido possível em uma sociedade civilizada. E este era o ponto vital: essa gente era civilizada. Sabiam há muitos anos atrás, que o código cultural chegava a formar o nó do ser; que era o espírito, a fé, o conhecimento profundo, o tom e a essência da vida. Quando um colono sabia isto, o resto era tarefa insignificante: o resto, a superestrutura, eram relativamente semelhantes em todo tipo de sociedade.

Os seres humanos, pelo fato de sê-lo, sentiam fortemente determinados impulsos que deviam ser canalizados. Comiam, dormiam, se reproduziam. Todas as sociedades preocupavam-se com o cumprimento desses imperativos. Se alguém estava condicionado para viver em tal sociedade, cumpria com eles na forma que esta sociedade especificava, e ficava satisfeito, porque esta era sua própria forma. As culturas provinham também de sistemas que facilitavam o agrupamento. A família, por exemplo, podia ser monógama ou polígama, matriarcal ou patriarcal. O indivíduo, em geral, sentia-se atraído por aquela na qual havia sido criado. Quanto à economia, podia basear-se na caça ou na pesca, ou na colheita, ou nos alimentos em lata; preferia-se aquela à qual estava acostumado. As artes? Incluía as batidas em tambores de couro, as danças com o rosto mascarado, a leitura. E aqui o maior prazer se recebia de acordo com o treinamento prévio.

Os colonos tinham o código. A partir deste, poder-se ia ensiná-los a viver em qualquer endereço cultural e podiam aspirar a felicidade em qualquer sociedade na qual os seres humanos pudessem ser felizes. O código de cultura civilizada era reforçado e avivado por rituais comuns que mantinham o contato com a cultura mãe. As técnicas variavam em uma e outra sociedades, mas o propósito era sempre o mesmo, e conseguia-se, dentro dos limites humanos. Consequia-se porque a civilização galáctica sabia o que fazia, porque a civilização implicada havia aprendido o bastante para colaborar no projeto, e também porque os cidadãos verdadeiramente inteligentes e triunfadores ocupavam postos importantes e de responsabilidade em sua cultura natal. Ficavam em sua pátria ou trabalhavam na Frota Galáctica. Aqueles que chegavam às colônias, intitulados de população excedente, eram os fracos, os preguiçosos, os despreocupados, os inadaptados. Não era isto o que se havia planejado, mas assim caminhavam as coisas. Os adultos eram instruídos nos *Centros* antes de serem enviados às Colônias. As crianças nascidas nas colônias recebiam a doutrina colonial ao mesmo tempo em que se iniciavam na cultura; antes da maturidade, visitavam a estratosfera e recebiam um treinamento intensivo que os capacitava para três anos terrestres.

Paul Ellery havia descoberto a chave. Como espectador, havia chegado a entender o processo o melhor possível. Mas que podia fazer com a sua descoberta? Como poderia utilizá-la?

Não sabia. E seguia adiante, fazendo o que podia, enquanto o tempo transcorria angustiosamente. Já se havia convencido de que não encontraria nenhum arma secreta para converter a vitória em derrota. Não renunciava e sim se firmava mais ainda na sua primeira decisão.

Foi bastante absurdo, mas isto ocorreu em uma partida de futebol. Era a última partida da temporada, que se jogava no dia de Ação de Graças. Jefferson Springs desempataava com Paso del Águila. Jogava-se à noite, como sempre, com luz artificial. Os comerciantes estavam muito ocupados nos sábados à tarde e nos dias feriados, quando os rancheiros chegavam à cidade; as reuniões noturnas atraíam um número de público mais numeroso. Ellery chegou com Cynthia, que brilhava, fresca, bonita e quase inocente, com sua blusa, seu suéter e seus mocassins. Tinha conseguido um bom lugar e desfrutou do espetáculo.

O futebol americano que se jogava no Texas, era rude, vigoroso e rápido. Jogava-se para ganhar ou morrer. Os campos costumavam estar inundados ou pedregosos; as medidas não coincidiam exatamente com as do regulamento, e os apitos do árbitro eram mais estridentes que efetivos. Mas as partidas eram boas, eram valentes e renhidas.

Cynthia seguia a partida com indiferença absoluta, embora soltasse as oportunas exclamações nos momentos adequados. Ellery, que havia participado tantas vezes em jogos, permanecia mais tranquilo do que se teria podido esperar, já que havia apostado no time que estava perdendo. Queria que o time de Paso del Águila ganhasse. Havia nele dois irmãos, Dave e Tom Toney, um quarter-back e o outro half-back. Eram exímios desportistas; jogavam com toda alma e mais alguma coisa, e Ellery os animava interiormente.

"Adiante, Dave. Adiante, Tom."

Dave e Tom fizeram uns passes brilhantes. Ellery sentiu um estremecimento de orgulho. Os rapazes de Jefferson Springs jogavam seriamente, mas seu jogo carecia de brilho. Sentiam-se superiores e foi isto que os derrubou. Paso del Águila os surpreendeu na linha divisória e na retaguarda.

"Adiante, Dave. Adiante, Tom."

As luzes das torres iluminavam o campo e ocultavam as estrelas. As arquibancadas rangentes de madeira balançaram quando os partidários de um ou de outro time punham-se de pé e gritavam. O árbitro tocou o apito. As correntes que limitavam o campo ondulavam sob a pressão do público, hipnotizado pela bola.

Ellery permanecia com os dedos entrelaçados. Sentia-se um intruso. Não pertencia a Jefferson Springs. Não pertencia tampouco a Paso del Águila, mas sentia-se mais próximo a eles. Eles pelo menos tinham sido seus compatriotas. Ellery olhava o campo e lidava com seus pensamentos. E decidiu, definitivamente, o que tinha que fazer.

"Adiante! Adiante!"

Não podia prosseguir assim sobrelevando uma vida sem sentido. Não podia voltar para o lado de Anna para viver em um zoológico. Não traria filhos ao mundo para compartilhar com eles uma moradia de selvagens, dedicando-se a descobrir o que outros já haviam esquecido há um milhão de anos. Não afrontaria um espantoso futuro no qual as cidades desapareceriam em um relâmpago fulminante. Já não esperava que uma arma secreta pudesse salvá-lo. A organização galáctica era demasiado prodigiosa para ser destruída por um homem, e menos ainda por um selvagem ignorante. Prosseguiria investigando, claro, porque era seu dever. Mas se ainda não tivesse encontrado uma solução real para o seu problema quando os forasteiros viessem buscá-lo para enviá-lo ao *Centro*, só lhe restaria uma coisa a fazer: ir ao *Centro* e não fazer muito barulho por isto.

Deixaria então de ser Paul Ellery.

“- Avante, Dave! Avante, Tom!”

Agora que o perdia, o mundo lhe parecia muito bonito, com seus risos e seus pesares, sua beleza e sua imundície. Formoso, sempre que se vivesse com um propósito, com um sentido. A vida se tornava muito dura se tudo era para nada. Talvez não se transformasse, necessariamente, em um Hamilton Withrow, provavelmente não havia sido um espécime muito valioso, nem sequer antes do “tratamento completo”. Talvez pudesse ser outro John. John lhe agradava. Uma vida como a dele seria melhor que a que levava neste momento; uma vida tolerável mas no apartamento e no exílio. Qualquer cultura era preferível a não ter nenhuma, sempre que se tivesse fé nela. E depois de haver estado no *Centro*, acreditaria, sem dúvida alguma.

A equipe do Paso del Águila ganhou e saiu gritando jubilosamente do campo. Era o dia de Ação de Graças e, ao seu modo, Ellery agradeceu. Estava orgulhoso dos seus camaradas. Entretanto, se dizia que tinha que haver uma saída. Se pelo menos dispusesse de um pouco mais de tempo!

Alguém bateu no seu ombro no momento em que ia se levantar. Era Samuel Cartwright, o prefeito de Jefferson Springs, arrogante como de costume, com seu rosto rosado resplandecente, e cheirando a espuma de barbear.

- Olá, Cynthia! - saudou, com apenas um sinal de cicio na voz – Muito bom te ver, Paul. - E então, como vais?

- Magnificamente; - mentiu Paul – cada vez melhor.

- Muito me alegro! - disse Cartwright – A propósito, Paul...

- Sim?

- Não poderia passar no meu gabinete amanhã? Já sabe onde é, nos Tribunais. Queria conversar um pouco com você.

- Qual o motivo?

- Oh! Falaremos de um pequeno projeto para o futuro e de outros temas no estilo. É importante, Paul, não deixe de vir..

- Já sei. - respondeu Paul, sentindo um peso no coração – Não faltarei.

- Magnífico. - disse o prefeito – Estou certo de que nossa conversa terá um resultado positivo.

Cynthia sorria.

CAPÍTULO 17

O edifício dos Tribunais esguia-se solitário, com suas asas de ladrilho estendidas para esconder seu aspecto dos cidadãos. Era uma construção de aspecto relativamente moderno, com um ar de surpresa que emanava de toda ela, como se ainda não tivesse se recobrada do choque de ver-se a si mesma em Jefferson Springs. Estava situada em uma rua lateral, em frente à torre de água. Era frequentada por cavalheiros idosos que discutiam incansavelmente sobre o melhor e mais conveniente expectorante que se podia encontrar na localidade.

O prefeito Cartwright planava, com todo seu altivo distanciamento, nos gabinetes do segundo piso. Para demonstrar com o mais esmagador dos argumentos que era um político de primeira linha, seu gabinete tinha um refrigerador e uma caixa de charutos sempre aberta.

Paul Ellery contou até dez, para dar tempo ao ilustre personagem de se posicionar em seu papel e chamou à porta.

- Entre! Entre! - exclamou o prefeito, com seu melhor tom de "nunca estou muito ocupado para os meus partidários".

Ellery entrou. Samuel Cartwright apertou sua mão e lhe ofereceu um havana. Ellery o aceitou por pura cortesia, pois não era aficionado aos charutos.

- Feche a porta, Paul. Fique como se estivesse em casa... Fique à vontade. Lindo dia, poderosamente lindo!

- Estupendamente lindo! - assentiu Paul, para não ficar para trás.

- Assim é, senhor. Vamos, Paul, acenda esse velho charuto; gosto de ver homens à vontade... Nada de etiqueta, meu filho; sou um homem simples.

"Todos me chamam filho", pensou Ellery. "Que tipo de biologia terão por lá?"

O prefeito estendeu para Ellery um acendedor que funcionava; um produto, sem dúvida, da super-ciência avançada.

- Obrigado. - disse Ellery, e exalou uma grande nuvem de fumaça para demonstrar que apreciava o obséquio.

- Magnífico! É um prazer tê-lo por aqui, Paul. E agora, entremos no assunto. Suponho que você sabe para que veio.

- Mais ou menos. Espero não haver cometido nenhuma infração.

- Em absoluto, meu filho, em absoluto. Sua conduta, se me permite expressar-me assim, é exemplar.

- Fico muito contente, prefeito.

- Sei que não tem sido fácil para você, Paul. - continuou lentamente, pronunciando

cada sílaba com cuidado para evitar o cicio – Faz quase seis meses que está conosco e sua posição é muito chata. Não é cômodo jogar pela borda toda uma vida e embarcar em uma nova. Todos nós conhecemos isto, Paul. Todos passamos por isto.

- Imagino.

- Pode estar certo. Nós o temos observado, e tem se portado muito bem. Em geral, não nos parece aconselhável prolongar o teste por mais tempo que o necessário. Um homem não pode prover tudo por si mesmo. Chega uma hora em que deve soltar as amarras, descer para a praia e nadar em águas profundas.

- Tem razão, claro.

Cartwright lançou um sopro de fumaça:

- Para isto existe o *Centro*, Paul, para ajudá-lo. Queremos que entenda claramente. Todos nós passamos pelos *Centros*, e mandamos nosso filhos para lá. Leva uns anos e tem que adaptar-se a uma determinada disciplina, mas, no geral, tudo é para melhor.

- Quando começo?

- De acordo com a rotina, haverá um comboio nesta área em primeiro de janeiro, cerca de uma da madrugada. Será recolhido por uma esfera nos arredores da cidade, na fazenda de Jim Wall. Depois ficará sob a jurisdição do *Centro* até que julguem que se acha em condições de voltar e cumprir suas funções na sociedade. Estou quase certo de que o designarão para a Terra, já que está familiarizado com os costumes e linguagem que praticam aqui; mas, claro, serão eles quem decidirão. Nos deixará no primeiro dia do ano. - concluiu sorrindo enfaticamente – Considere isto como um símbolo, como um sinal propício do destino.

- Não está mal...

- Verá, experimentará e aprenderá coisas que não cabem na sua imaginação, Paul. Será mais que descobrir um novo mundo: um novo universo o espera. E, no seu regresso, será um de nós; um de nós de verdade. Creia-me, sob palavra de honra, que no seu regresso Jefferson Springs lhe parecerá completamente diferente. Só viu a superfície até agora. Quando voltar, começará para você a verdadeira vida.

- Compreendo...

- Estou certo disto. E ademais, Paul...

- Ademais...

- Quando voltar, estará sob nossas leis... ou das leis de alguma outra colônia. Você terá observado, talvez, que em certas circunstâncias podem parecer excessivamente estritas. Isto não é uma ameaça, creia-me, Paul; no *Centro* lhe mostrarão porque devemos ser severos. É uma medida tão necessária para a proteção dos nativos como para nossa própria salvaguarda. Enquanto você estiver aqui, estará classificado legalmente como nativo (desculpe minha franqueza); isto o beneficia, o defende. Temos interesse em informá-lo corretamente sobre sua situação legal; se lhe ocorrer de mudar de ideia sobre as vantagens que lhe oferecemos, este é o momento de fazê-lo. Pode deixar-nos e continuará como antes, dependendo da Administração como um nativo da Terra. Entretanto, uma vez a bordo da nave do *Centro*, será muito tarde; ao regressar você terá... deixado de ser o mesmo.

- Estou resolvido. - disse Ellery.

- Magnífico. Estupendo. Tenho certeza de que não haverá inconvenientes com você. Até a hora de embarcar continue em seu posto como até agora. Espero que passe esse tempo o mais agradavelmente possível.

- Vocês têm sido muito amáveis.
- Procuramos trabalhar da forma mais decente que podemos. Nossa posição cria muitas dificuldades, e frequentemente é difícil comportar-nos como homens e mulheres civilizados.
- Saberei apreciá-lo.
- Obrigado, Paul. É provável que voltemos a nos encontrar antes da sua partida. Desejo-lhe boa sorte.

Apertaram-se as mãos e Ellery saiu dos Tribunais. Quando se afastou suficientemente do edifício e dos cavalheiros que expectoravam, tirou o havana da boca e o esmagou cuidadosamente contra o solo.

Cada vez sabia alguma coisa mais.

Restava-lhe apenas um mês. Durante uns trinta estranhos dias prosseguiria sendo Paul Ellery. Seria mais fácil abandonar-se à corrente. Um homem que havia batido muito tempo a cabeça contra um muro de pedra descobriu, finalmente, que o muro não viria abaixo.

Comeu fiambre e biscoitos no “Jefferson Springs Café”, arriscando-se ao perigo de uma erupção vulcânica em seu estômago, e foi logo para a redação do jornal.

Chegou a uma em ponto. Abner Jeremy Stubbs, em sua posição firme sobre as listras do piso, consultava seu pesado relógio de ouro. Examinou-o com desgosto, guardou-o no bolso e ajustou a viseira verde.

- Eu tinha uma audiência oficial; - explicou Ellery – o prefeito havia me convocado.
- O prefeito o tinha convocado. - repetiu o senhor Stubbs, examinando cada palavra sob seu microscópio mental.
- Já tem a essência do assunto, Abner.
- Meu nome, jovem, é senhor Stubbs.
- Mas seus amigos o chamam de Abner, não é verdade? E eu o que sou? Não sou seu amigo? Bom, vou trabalhar e hoje farei a página principal. Podemos levá-la para imprimir amanhã nas primeiras horas.
- Tinta nas veias, hein? - disse o senhor Stubbs, sorrindo com agrado – Sabia que cedo ou tarde faria de você um jornalista.
- Obrigado, Abner.

Instalou-se no seu escritório e ouviu o chiado da cadeira, que indicava que o senhor Stubbs havia reassumido sua postura característica e concentrado sua atenção na parede vizinha. Ellery se esforçou para abrir a janela, que parecia haver-se fechado sozinha, por arte de magia, na noite anterior. Fazia frio, mas a sala estava pouco ventilada e era impossível trabalhar com as janelas fechadas.

Sentou-se, como de costume, ante sua venerável máquina de escrever, colocou uma folha de papel amarelado e começou o trabalho:

FOI ORGANIZADO UM CONCURSO DE TALENTOS DOMÉSTICOS.

Que faria Cynthia durante sua ausência? O esperaria? Ele desejava que o esperasse?

ELIE FAYE MOSELY CONTRAI NÚPCIAS COM BILLY JOE ADAMS

Quem eram os Outros? Onde estavam, com que se pareciam, que tinham a ver com este assunto? Porque gritou naquela noite, quando os havia pressentido?

UMA FESTA ENCANTADORA EM HONRA DE SUE ROBERTS.

Que papel tinha John nesta trama? Mais de um, com certeza, mas... quais?

Souu a campainha do telefone. Do seu telefone. Era um antigo aparelho instalado na parede e não podia alcançá-lo do seu assento. Nunca tocava. Ellery acreditava, inclusive, que estava desligado.

Levantou-se e foi atender:

- O senhor Paul Ellery?
- Está falando com ele.
- Um chamado de longa distância, de Austin, Texas. Não desligue, por favor.

Ellery procurou uma cadeira e caiu sobre ela. Austin!

- Olá, Paul, És tu?
- Sim, Anna, sou eu.
- Que fazes na redação de um jornal? Pedi informação e me indicaram este número. Que estás fazendo?

A cadeira giratória do senhor Stubbs chiou na sala contígua.

- Não posso explicar-te nada por agora, Annie. Mas estou bem. Não te preocupes.
- Paul, eu te ouço como se estivesse muito distante. Eli, estás falando com Anna!
- Eu sei, querida. Mas não posso falar neste momento.
- Eu quero te ver. Necessito te ver!
- Eu também, Anna. Acredita-me, por favor.
- Não quero ser chata, mas não tens me escrito nem telefonado... Não recebi uma só notícia... Recebeste minhas cartas?
- Sim, sim, eu as recebi...
- Paul, não quero te importunar, mas... o tempo é tão longo! Sabes que sempre tento não te atrapalhar, mas... estávamos tão unidos... e pensei...
- Sim, Annie.

- Eu não posso ir? Só por um momentinho? Sei que estás muito ocupado, mas eu poderia tomar o ônibus aqui, na sexta-feira, e talvez poderias trazer-me de volta no teu carro. Acho que não é pedir muito...

- Não, querida, tu és um anjo.
- Posso ir, então? Sou meio tonta, mas...
- Annie!
- Que é?
- Annie: não podes vir aqui.
- Paul, o que é que anda mal?
- Não posso te explicar. Simplesmente não posso.
- Não deves ser tão misterioso. Falas como se estivesses no castelo de Drácula ou algo do estilo. Por que não posso ir?

- Não, não venha. Se pudesse te dizer a razão, acredite-me, eu o faria.
- Então é por outra que não queres que eu vá. Não é assim?

Ellery sentiu que o chão afundava sob seus pés. Não há mais remédio, disse a si mesmo. Tenho que agir como se não a quisesse; devo fazer-me odiar. É a única coisa que posso fazer por ela, a única coisa decente: devo pensar nos outros antes que em mim mesmo, uma vez na vida.

- É por isto, não é verdade, Paul?
- Sim, Annie; - disse – temo que seja por isto.

Um silêncio esmagador caiu sobre a sala.

- Paul?
- Sim, Annie...
- Eu te amava, Paul. Te amava de verdade.

Ela desligou. O som do receptor ressoou em seu ouvido como uma explosão. Ellery voltou ao seu lugar. Retornou ao seu trabalho e tirou da máquina o papel amarelado. Juntou as notas que havia redigido e entregou-as ao senhor Stubbs que esperava de pé no vão da porta.

- Está indo bem, Paul. - disse o diretor suavemente.
- Obrigado, Abner.

Saiu apressadamente e encontrou-se sob um pálido sol de meio-dia. Caminhou rapidamente fugindo do escritório, sem dirigir-se a nenhum lugar em especial.

Prosseguiu caminhando. Os olhos lhe ardiam no ar gelado e mal podia ver.

CAPÍTULO 18

O tempo voava para Paul Ellery. Os dias que transcorriam entre a Ação de Graças e o Natal sempre lhe tinham parecido curtos. Lembrava que em seus anos escolares as duas festa pareciam tão próximas uma da outra que quase se confundiam. Nunca havia se definido especialmente que o Natal chegava no fim do ano: era somente uma rutura necessária dentro da rotina das aulas, uma época muito agradável dedicada ao descanso e aos amigos. E, antes que alguém se dessem conta, o Ano Novo havia chegado.

O último dia do ano era uma festa noturna: uma noite que ele sempre passava com Anna. Desde quando? Uma noite de champanhe, de risos. Uma noite de velhas canções. Uma noite de diversão. Nunca pensou realmente que um ano havia terminado. Quando escrevia cartas mudava um número na data, e isto era tudo. Sempre havia evitado cuidadosamente os aborrecidos editoriais de circunstâncias e as insípidas comédias radiofônicas que se difundiam para o caso.

Mas agora era um final: o final da sua vida e do Paul Ellery que havia conhecido. Havia corrido o frio e chuvoso mês de dezembro e havia chegado a véspera de Natal. Só restavam sete dias. Trabalhava desanimado em suas investigações e apontamentos, mas não chegava a tirar conclusões. A arma secreta continuava sendo secreta. Ou, mais exatamente, não existia arma alguma.

Eram sete da tarde. Uma hora morta, uma hora que parecia somente um vazio entre uma coisa e outra. Já estava escuro em Jefferson Springs e não acontecia nada para este entardecer se diferenciar de outros entardeceres. Jefferson Springs nem sequer tinha se incomodado em colocar as luzes de cor e as bandeirinhas de papel com que se engalanam outras localidades texanas para consolar-se da ausência de neve.

Ellery esperou o chamado de Cynthia, mas ela devia estar ocupada em algum outro lado. Sentia-se horrivelmente só e não sabia o que fazer para superar essa impressão. Não havia recebido presente algum; sempre os enviavam para a casa paterna. Mas ele nem sequer podia pensar em ir lá. Infantilmente, ansiava pelos presentes. Sentia-se esquecido. Sabia que tudo se devia à sua própria escolha, mas isto não o consolava.

Ligou o rádio e soube que Papai Noel passara nesta véspera de Natal em frente ao El Álamo, em San Antonio, apadrinhado por uma importante firma comercial. Ellery procurou outra estação. Agora cantavam hinos. A música tinha certa beleza melancólica que o deprimiu ainda mais. Fez outra tentativa e comoveu-se com o drama de um miserável ancião que tinha um coração de ouro, mas enterrado no mais profundo do seu ser; seus modos rudes ocultavam uma sentimentalidade decidida e senil para com as crianças, os cães sem lar e alguns gatos selecionados; essa personalidade vi-

nha à tona quando ouvia os sinos e sentia o cheiro do peru.

Às oito e meia chamaram à porta.

Foi abrir, com a esperança de que fosse sua amiga.

Não era Cynthia. Em seu lugar, e como em uma representação, como em uma cena de uma peça de teatro muito antiga, estavam os dois jovens que já o tinham escutado duas vezes à enorme nave que rondava sobre a Terra. A única diferença desta vez era que o perpétuo fumante de cachimbo não estava fumando.

- Boi noite, senhores. - disse Ellery, contente por alguém chegar – Querem entrar? Vacilaram antes de responder.

- Viemos trazer-lhe uma nota. - disse o que não fumava.

- Entrem assim mesmo, se quiserem; - insistiu Ellery – compreendo que lhes dou mais trabalho do que mereço.

Ambos sorriram, quase com vergonha.

- De forma alguma. - disse o fumante de cachimbo.

Entraram com Ellery, sem muita vontade, e sentaram-se no sofá. Ellery abriu o envelope branco que lhe estenderam. Havia somente uma folha de papel escrita a máquina: "Véspera de Natal não é uma data para estar solitário. O Scotch está esperando. Suba e amaldiçoaremos juntos a Withrow. John."

Ellery sentiu-se muito melhor. Disse afavelmente aos jovens:

- Nem sequer sei os seus nomes.

O fumante de cachimbo esclareceu:

- Eu sou Bob; ele é Clark.

Paul pensou que sua especialidade não parecia ser a conversa.

- Não tomariam um trago antes de partir? Bob? Clark?

- Não, obrigado – disse Clark – estamos de serviço.

- Perfeitamente; - disse Ellery – vocês sabem o que devem fazer.

Desligou o rádio sem pesar e apagou a luz do vestíbulo.

O trajeto foi o mesmo de sempre. Subiram no Buick negro – onde guardariam o automóvel? - e saíram da cidade. A esfera de metal os esperava desta vez nos arredores, na fazenda de Walls. A esta hora era quase invisível; mesmo sabendo que se encontrava ali, não a viu até ter chegado ao seu lado.

Entraram pelo painel e o elevador elevou-se no meio da noite.

Ellery obteve um dado interessante de um dos jovens. Bob havia tirado e acendido seu cachimbo, enfim, com um imperceptível suspiro de alívio. Sentindo-se expansivo, comentou:

- Senhor Ellery, você é um homem excepcional.

- Porque diz isto?

- Nunca vi o velho ter tanto interesse por um...

- Nativo? - completou Paul, sorrindo.

- Sim, desculpe-me; não é minha intenção ofendê-lo.

- Não é nada. Os fatos são os fatos.

Bob inclinou a cabeça com admiração.

- É difícil conhecer o velho; - continuou – você deve agradá-lo...

Clark confirmou a opinião do seu companheiro e Bob não continuou.

Ellery se convenciu cada vez mais de que a relação com os nativos se praticava com bastantes dificuldades. Parecia que, por regra geral, era exercida por homens treinados no trato social, como John. Ellery desejou que o convite de John não fizesse parte do seu plano de trabalho. Mas como o saberia? Tinha algo mais que desejava saber: John estava encarregado das relações exteriores, sem dúvida alguma, mas não era a única tarefa que desempenhava.

A esfera chegou ao porto: ouviu-se o golpe surdo que produzia ao encaixar-se. O painel levantou e apareceu a luz amarelada da nave. Os dois jovens se despediram e deixaram que Ellery encontrasse o caminho por seus próprios meios. Atravessou a primeira passagem, o longo corredor impecável, e dirigiu-se para a pesada porta embutida na parede, sem deixar de ouvir a inesquecível vibração característica da nave. A porta abriu-se como sempre e ele encontrou-se no santuário de John.

O homenzinho achava-se sentado atrás da mesa do escritório com os pés apoiados em uma cadeira baixa, lendo uma revista. Levantou os olhos vivamente e jogou a publicação no chão com um gesto de suprema irritação.

- Propaganda e nada mais! - bufou – Pura propaganda! Paul, como me alegro de que tenha podido vir!

- Obrigado. - disse Ellery sentindo-se reanimado ao contacto da explosiva personalidade do homenzinho. Apertou sua mão com firmeza – Agradeço especialmente pelo seu convite.

- Não tem nada que agradecer. Nunca lhe ocorreu pensar que às vezes me sinto muito só aqui?

Ellery sentou-se em frente à mesa.

- Bom... você tem seu trabalho, seus amigos...

- Meus amigos são uns carneiros. - declarou John – Lembrei que você era aficionado ao Scotch e consegui uma nova remessa. É excelente, realmente, para uma bebida primitiva. Me viciei um pouco, talvez por atavismo. Mas o grave é que dia a dia amolecemos, estamos nos tornando refinados. Temos que retornar ao fundamental.

Serviu dois copos, bebeu o conteúdo do seu de um gole e serviu-se de outro. Ellery sentiu-se à vontade e esqueceu suas angústias. Boa terapêutica, pensou. John parece um simpaticíssimo médico rural.

- Vejo que estava lendo ficção científica – disse Ellery, apontando para a revista amassada.

John saltou indignado.

- É incrível. No melhor dos casos, uma fantasia fascinante, mas nem um pinga de realidade.

John bebeu sua segunda dose de Scotch. Ellery, que já conhecia os modos do seu amigo, acendeu o cachimbo e preparou-se para receber o dilúvio. Enquanto isto, se dizia: Me chamou por um motivo determinado. É sua última oportunidade. Hoje ou nunca. Mas John atuava com absoluta naturalidade. Parecia sentir-se muito à vontade em seu papel: de pé, erigido, brandia a revista na extremidade do seu braço estendido e apontava a capa com o indicador da outra mão.

- Olhe, Ellery! Olhe isto!

Ellery olhou sem muito interesse, para satisfazer seu hóspede. A capa da revista

exibia a figura de um cavalheiro calvo com a cabeça inchada. O cavalheiro contemplava ansiosamente uma alavanca que flutuava no ar junto a um raio projetor longo e cilíndrico.

- Você está vendo, não é mesmo?

- Sim. - disse Ellery - Que é isto?

- Um super-homem, maldito seja! Detesto os super-homens!

O homenzinho gordo de rosto rosado tomou outro pantagruélico trago e começou a medir a sala com grandes passos. Havia algo interessante no indivíduo, algo dinâmico que prendia a atenção e obrigava a centrá-la nele. De certo modo, ele dominava a pessoa, mesmo quando se perdia em suas absurdas digressões ou quando o assombro de apoderava do seu interlocutor... A que atribuí-lo?

- Você detesta os super-homens...

Fazia muito tempo que apelava para o recurso de repetir as últimas palavras do outro quando não sabia o que dizer. Tentava falar com o tom adequado, mas, para ser fiel ao seu pensamento, deveria ter dito: "O que você detesta é qualquer indício revelador. E agora conversemos, partindo deste ponto".

- Sim... Onde estávamos? Ah, já sei... Bem. Sou um homem bem intencionado; seria o último a condenar um artesão por sua incapacidade de incorporar em suas obras os dados desconhecidos em sua época. Ninguém reprovaria Shakespeare porque em seus dramas não figura a bomba de hidrogênio, não é verdade?

- Não, verdadeiramente...

Ellery olhou para o homenzinho, vivaz, rosado, barrigão, com uma faixa de cabelos grisalhos que rodeava sua ampla calva... John era uma caixa de paradoxos. Era um homem do futuro, mas ao que mais se parecia era a um antigo monge jovial de outras épocas terrestres. Era incrível e frenético, mas era genuíno. Escapava do alcance humano, espalhava ideias incríveis e contudo chegava a comunicar algo, algo que devia ser dito.

- Olhe, se não é... - insistiu John, estendendo-lhe a revista - Não me incomode quando os escritores tendem a considerar ridículas mutações que se realizam sem benefício algum para as espécies no "plasma genético" cada vez que uma bomba atômica entra em ação. Não me importa que destruam alegremente planetas inteiros de vida inteligente somente para espichar o argumento do seu conto. Não me importam as glórias raciais, e os atlantes, et cétera, et cétera. Não me importa que descrevam o universo interplanetário como um ambiente monstruoso e fantasmal. E pouco me importa que me descrevam como um demônio. O diabo os leve! Me indignam seus malditos e múltiplos super-homens que pegam na mão os cachorrinhos normais e os conduzem à Terra Prometida! Os super-homens fedem!

- Oh.

- Agrada-me sua profunda observação. Vejamos, Paul: supõe-se que você seja um cientista, não é assim?

- De fato, eu o era.

- Você é sim... Agora: se seu cérebro não se atrofiou ainda por falta de uso, qual sua opinião sobre uma teoria que postula que o homem progride porque seu cérebro é cada vez maior e melhor? Você acredita que o próximo grande avanço da humanidade se deverá a certos super-homens que abrem caminho, como Og, o Filho do Fogo?

Ellery guardou silêncio por um momento, fumando antes de responder:

- Creio que é uma teoria equivocada.

John expressou seu cabal desespero.

- Por favor, Paul. - insistiu – Você sabe que é uma teoria falsa. Quer provas?

- Claro.

John voltou a por-se de pé.

- Eu sou uma prova. Diabo de homem! Tenho que bater no seu crânio com ela? Eu represento uma civilização tão superior à sua como a sua o é em relação ao Cro-Magnon. E eis-me aqui, Paul. Sou por acaso um super homem? Nem tanto. Fisicamente, sou superior em algo a você? Em absoluto. Me derrubaria com um empurrão. E lhe asseguro que não posso ler seu pensamento e que não tenho o menor desejo de fazê-lo.

- Magnífico, John. Mas é que...

- Não me apresse.

John voltou a sentar-se e aproximou-se da garrafa.

- Tenho que lhe contar uma história. Você já a conhece, mas contarei assim mesmo. Em um planeta chamado Terra, transcorre uma história muito antiga de que nunca se cansa. O herói da história é um animal chamado homem. Não falaremos aqui dos precursores; falaremos do digníssimo Homo sapiens. Pode chamá-lo de Cro-Magnon quando aparece em cena; é um homem tão bom quanto qualquer outro. E aqui o tem: vivendo em cavernas e convertendo-se em um caçador de primeira classe. Seu cérebro é tão bom como o seu e como o meu.

«Vamos dar uma olhada aqui e ali, com longos intervalos no meio. Nosso herói descobre a agricultura. Converte-se em um produtor de alimentos. Sua reduzida aldeia se expande. Uma técnica mais complexa se desenvolve, aparecem os especialistas e surge novas organizações sociais. O homem realiza uma Revolução Industrial, agora vivem em cidades, fato que temos aproveitado para vantagem nossa. Este é o primeiro capítulo, Paul. O resto continua desenvolvendo-se na Terra, mas em outros lugares da galáxia há homens transformados em animais relativamente civilizados. Seu cérebro continua sendo o mesmo. Não muda mais porque, com tentei assinalar, o homem não muda desta maneira. O que foi que mudou, Paul?

- Sua cultura, claro. - disse Paul, sentindo-se um pouco tonto. Seu sistema de vida.

- Muito bem, Paul. Aplausos. O cérebro do homem continuou sendo o mesmo, mas teve que trabalhar mais à medida que tinha mais coisas para aprender. Agora: o homem herda a cultura?

- Não, está historicamente comprovado que ele aprende. - Ellery sentia-se como um infeliz novato.

- Bravo, muito bem. Vocês costumam deslumbrar-se com os super-homens; é uma característica primitiva muito generalizada. Sirvo-lhe outro copo?

Ellery pegou outro copo. John voltou a refastelar-se em seu assento, colocando os pés na cadeira baixa. Deu uma rápida e intencionada olhada ao seu companheiro:

- Vocês deveriam pensar mais no homem, Paul; no homem simples de todos os dias de sempre. É um animal extraordinário.

Ellery esperava que John continuasse sua exposição, mas John havia se calado e o olhava sorridente.

- John, você me chamou esta noite pra este maldito bate-papo. - disse com firmeza – Ignoro qual é sua participação nisso tudo, mas sei que espera algo de mim. Não

me resta muito tempo.

- Tem razão. - assentiu o homenzinho – Conversei sem parar, não é mesmo? Com dois propósitos: primeiro queria distraí-lo das suas preocupações; em segundo lugar, me dispunha a dar-lhe a solução do seu problema.

Paul Ellery cravou os olhos nele, com o cachimbo esquecido na mão.

CAPÍTULO 19

Há muito que a véspera de Natal havia cedido seu lugar ao Natal. O enorme vulto da aeronave interplanetária flutuava muito alto no céu escuro, acima da Terra adormecida. Era uma sombra invisível e ignorada que deslizava entre as procelosas correntes aéreas, como um poderoso peixe em um mar sombrio. Avançava sem um som, envolta em sua invulnerável couraça, orgulhosa e ativa, sobre as aldeias sem luz que havia ocultado as estrelas.

Sós, em uma pequena guarida do leviatã que podia nadar nas ribeiras da galáxia, os dois homens conversavam. A conversa prosseguia, quase trivial, em um universo mais vasto do que se podia imaginar, assim como a Terra perdia importância dentro de uma galáxia que a ultrapassava. Mas a trivialidade podia ser um material indescritível e indefinível. Costumava ser outra coisa. Toda pessoa sensata sabia que havia guerras, batalhas e outros assuntos realmente importantes; ao lado deles, a arte, a literatura, o amor e a ciência pareciam triviais. E com essa trivialidade se construía uma civilização. Às vezes o processo era muito lento. Para Ellery, parecia que o tempo havia parado.

- John, - disse abruptamente – não me resta muito tempo para entreter-me.

O gordinho sacudiu os ombros.

- Depende do jogo em que se envolva.

Ellery serviu-se de outra dose de Scotch. Havia chegado àquele estado próprio da madrugada em que uns copos a mais ou a menos já não fazem diferença alguma.

- Imaginemos que sou uma criança com pouca educação. - disse. - Me deram um quebra-cabeças para eu resolver em poucos dias e você se põe a me contar porque não gosta dos super-homens. Você tem o dom da conversação, John, e fico encantado em escutá-lo. De repente, e quando menos se espera, me diz que resolveu meu quebra-cabeças. Quer dizer então que meu problema é simples. Você sabe tão bem como eu, John: dentro de seis dias tenho que decidir se vou ou não vou ao *Centro*. Se digo que sim, inicio uma vida nova com novos valores; se me nego, retomo uma vida que perdeu todo sentido para mim. Não se pode viver assim; você mesmo me ensinou como deveria atuar, não faz muito tempo. Me disse: "Se não podes vencê-los, una-se a eles". Se o problema está resolvido, peço que me explique; não tenho tempo a perder com adivinhações.

John franziu o cenho, como se estivesse desiludido.

- Eu espero muito de você, Paul; se não fosse assim, não o havia perturbado tanto. Ainda não perdi as esperanças em você. Permita-me que lhe trace um pequeno paralelo que contribuirá para clarear sua posição. Você também foi um professor, ignoro se bom, ruim ou indiferente: mas suspeito que tenha ensinado com indiferença. Mas falemos do que se entende por um bom professor. Se se encontra com um bom

discípulo e lhe parece que tem algo no cérebro, lhe proporciona alguns fatos para que os rumine a sós. Pode indicar-lhe algumas vias de investigação suscetíveis de darem frutos, mas ele próprio não fará o trabalho. O aluno deverá apropriar-se, por assim dizer, dos fatos que, em caso contrário, nunca significariam nada para ele. A maioria dos estudantes nunca chega a forjar um todo coerente com a informação que lhe foi proporcionada. Às vezes o professor tem a culpa, e outras vezes a culpa é do estudante.

- Muito bem, muito bem. - disse Ellery com impaciência – Então, quais são os fatos?

John suspirou. Achava os aborígenes muito lerdos, talvez.

- Vamos extrair algumas conclusões, então. - disse John, imperturbável – Partamos do fundamental. Eu sou um homem. - Maneou a cabeça - Não estou brincando; vá em frente e irrite-se, se quiser, mas não permita que a fúria o impeça de pensar.

- Desculpe. - disse Ellery.

Voltou a encher e acender o cachimbo. John prosseguiu:

Muito bem. Sou um homem. Como tal, nasci por casualidade na cultura na qual você me encontrou e em uma sociedade com determinados costumes e leis; tenho um posto para desempenhar: estou empregado, se assim o prefere. Como tenho o dom de entender-me com os nativos, o governo me utiliza como agente de contato quando a necessidade assim requer. A primeira vez que nos encontramos, eu estava oficialmente em serviço; me jacto de haver desempenhado relativamente bem. Mas agora não estou em serviço, agora estou lhe falando de homem para homem.

- Estou vendo. - respondeu Ellery – Mas não pode ser mais explícito? Se você superestima minha capacidade, não nos adiantaremos muito...

John sorriu:

- Se eu superestimeei sua capacidade, você não poderá servir para uma coisa nem para outra.

Ellery assimilou o que acabava de ouvir. Estava farto de tanta proteção, mas compreendia que John trabalhava com premeditação. Para estimular a certas pessoas tem-se que recorrer ao melhor delas mesmas.

- Vou dizer-lhe porque não posso ser mais explícito. Para começar convenientemente, lhe direi que sou um cidadão fora da lei. Tenho que sê-lo. Não tenho a mais leve intenção de derrubar meu governo; mas se quisesse fazê-lo tampouco poderia.

Ellery esperava, cada vez com menos esperanças: se ia obter alguma chave tinha que ser logo. Logo mesmo.

John tamborilou sobre a tampa da mesa com os nós dos dedos.

- Não sou precisamente um idealista, meu filho. A vida não me permitiu permanecer acabrunhado e com olhos absortos ante o destino dos vencidos. Tampouco sou um reformador. Gosto de considerar-me um homem prático, assim como você.

- Que entende por ser prático?

John animou-se visivelmente:

- Ah, a semântica! Uma célula cerebral agitou-se no curso tranquilo de uma vida retrógrada!

- Vá para o diabo, John. Desça de uma vez da sua posição! - Ellery sorriu: - Gostaria de testar a força dos meus punhos?

Esta saída deleitou John.

- Não me preocuparia nem um pouco, - assegurou rindo – e não o ajudaria em nada. Mas sua atitude me agrada. É um grande progresso.

De repente, John golpeou ruidosamente na mesa com o punho. Pôs-se de pé e Ellery mudou rapidamente de opinião sobre o tipo de oponente que John poderia ser em uma luta.

- Prático! - vociferou – Vou dizer-lhe o que significa. É isto, e nada mais que isto: ser suficientemente hábil para sobreviver. Não você e eu somente, que nada somos, e sim cada um de nós. Se o homem sobrevive, terá sido prático. Se não, acabou-se a história. Que lhe parece?

- Parece certo. Mas, especificamente, que quer dizer?

- Quer dizer, meu amigo, que a civilização que tenho a honra de representar é tipicamente humana por qualquer ângulo que a olhe. É um amontoado de burricos zurrando e galopando sobre um precipício. Possuímos naves espaciais e planetas que são milhares de anos mais adiantados que os transportes dessa bola de pó que gira sob nossos pés. Mas que importa isso, Paul? Repito: Que importa?

Ellery fumou por um momento, com os dedos entrelaçados. John voltou a sentar-se e juntou as mãos.

- Você já possui todos os conhecimentos que necessita. - disse pacientemente – Você é um erudito. Agora permita-me que lhe faça uma pergunta: que têm em comum as políticas coloniais, em sua longa trajetória?

Paul Ellery respondeu, marcando as palavras:

- Que não funcionam.

- Esplêndido! - John deu outro murro e serviu-se de quase tudo o que restava do Scotch - Você tem ante os olhos uma civilização que enxameia pela galaxia: contempla realizações técnicas triunfais que não consegue compreender. E o que encontra no núcleo de tanta maravilha? Um colônia! Um planeta retrógrado invadido como uma colônia. Que acha de interessante e fantástico nisto?

- Me dou conta de que tenho sido um pouco estúpido - suspirou Ellery; sua mente fervia enquanto tentava assimilar o que havia ingerido.

- Claro que tem sido estúpido! Você é um homem: nenhum outro animal cometeria o mesmo erro um bilhão de vezes e continuaria falando do mesmo.

- Você disse – lembrou-lhe Ellery atentamente – que era um cidadão respeitador da lei.

- Pode estar certo. A maioria dos humanos são. Mas isto não quer dizer que esteja de acordo com todas as leis que me regem. Se todos estivéssemos de acordo em que as ideias mais correntes são as últimas na escala do conhecimento humano, teríamos ido a tropel para as cavernas. Não obstante, como declarei anteriormente, sou apolítico – sorriu – praticamente.

- E agora, que mais me dirá?

- Agora – continuou John – vou mostrar-lhe algo. De acordo com meu modesto alcance, venho tentando inculcar-lhe a pensar como os Outros. Espero que o problema tenha sido interessante para você.

- Claro. Quem são os Outros?

- Isto agora eu vou lhe mostrar.

O incansável homenzinho surgiu de detrás da mesa desarrumada e encaminhou-se para a porta.

Atravessaram o umbral da porta corrediça e John caminhou com passo rápido pela aeronave. Cruzaram com numerosos homens e mulheres que demonstraram pouco interesse por eles. A nave estava normalmente iluminada; parecia que ali não havia diferença entre a noite e o dia. Ou talvez não haviam se preocupado em se ajustarem ao ciclo diário da Terra.

Com passos enérgicos, continuaram através das assépticas passagens entre as portas, painéis, túneis ramificados. Subiram em elevadores e por rampas. Finalmente, quando Ellery achou que deviam estar a uma grande altura na nave flutuante, – até lhe parecia perceber um ar mais leve – fizeram um descanso em frente a uma grande porta fechada.

Havia um guarda na porta, o primeiro que Ellery encontrava na nave. O guarda cumprimentou John com uma inclinação de cabeça e fez uma pergunta sobre Ellery.

- Está comigo. - disse John – Está tudo em ordem.

O guarda acrescentou mais umas palavras – pareceu-lhe que não falava inglês – e abriu a porta, que soou ruidosamente; os dois amigos passaram para dentro. A porta voltou a fechar-se atrás deles.

O local não tinha grandes dimensões e parecia uma sala qualquer de projeção. Ali, ao invés de tela branca que tinha visto na Terra, havia um quadrado de nuvens cinzas. O quadrado não era simplesmente uma superfície, e sim uma área de uma substância bem definida, algo assim como um ar espesso e matizado, que ondulava suavemente.

Os dois homens sentaram-se na primeira fila; John apertou uma combinação de botões que havia no braço do assento.

- Encontro com os Outros. - anunciou.

Todas as luzes se apagaram. O quadro cinza tornou-se de uma cor branco leitosa e pareceu encher o local. Involuntariamente, Ellery entrecerrou os olhos para defender-se dessa espécie de fumaça, mas não teve nenhuma sensação diferente. A cor branco leitosa transformou-se em um tom cinza escuro muito violento. Tomado de surpresa, Ellery ficou sem respirar e teve uma nítida sensação de queda. Aferrou-se com força aos braços do assento, mas o assento caía com ele. Quis respirar mas não havia ar. Só percebia um amplo túnel negro, maior que o mundo. E ele caía dentro dele com a cabeça para baixo, em direção a um bilhão de relâmpagos que iluminavam sua passagem e acabavam de cegá-lo. Cada vez mais rapidamente. Viu três lustrosas aeronaves espaciais nadando acima dele. Seus olhos cravaram-se nelas com desespero. Agora existia uma perspectiva. E pôde respirar. As aeronaves espaciais pareciam peixinhos cinzas perdidos na imensidão. Costeavam as bordas do túnel de azeviche em direção às relampejantes luzes que não eram outra coisa senão uma imensa constelação estelar. O túnel alargou-se e confundiu-se com a profundidade do espaço. As luzes aumentaram, todas de uma vez, e uniram-se em um só fulgor de chama gelada. Perto das margens brilhava um sem fim de estrelas menores.

Esta não era a galáxia na qual se originou o gênero humano.

As três aeronaves deslizaram por esse mar de tinta com minúsculos pontos brancos de fogo atômico aderidos às suas popas. Seus movimentos se perdiam nessas medidas astronômicas, mas o barulho e as gotas de luz se aproximavam.

Havia algo mais. Ellery não podia vê-lo completamente. Mas se encurvava contra o respaldo do seu banco e desejava não poder olhar. Teria gritado. Lembrou aquela noite iluminada por pálidas luzes azuis. Quando? Talvez houvesse transcorrido um milhão de anos.

"Aquilo" estava nu no espaço, sem proteção nenhuma, só. Infiltrava-se e ondulava em um limo viscoso. Se aproximava das três naves e tinha olhos. Ellery não viu o que fazia, mas uma das aeronaves partiu-se pela metade. Algumas chamas arderam no espaço e se espalharam em todas as direções.

Ellery gostaria de estar cego.

As outras aeronaves tentaram retroceder, fazendo uma curva em um longo arco agonizante. Manobravam com trágica lentidão...

Uma pálida força surgiu e cercou a área das duas aeronaves. Cresceu, brilhando intermitentemente. As aeronaves deram a volta...

E só restou uma aeronave. A outra havia desaparecido.

"Aquilo" se sacudu, sempre com os olhos abertos. Oscilava no espaço vazio, vestido de limo. Esperava.

A última aeronave conseguiu escapar. Arrojou-se na escuridão do túnel negro, fugindo dos relâmpagos luminosos. Foi sumindo, mudaram-se as dimensões e...

De novo a brancura leitosa e, depois, o quadrado nebuloso e cinzento. Paul estava de volta, na sala de projeções.

- Engenhoso, não é verdade? - disse John.

Ellery não respondeu.

O homenzinho voltou a dirigir a caminhada pelos túneis, rampas e elevadores, até chegar ao seu gabinete. Abriu outra garrafa de Scotch, e os dois homens, ao mesmo tempo, beberam o copo todo, com um estremecimento. John encheu-os novamente e então se sentaram.

- Essa área é conhecida pelos seus astrônomos como a Nuvem Maior de Magalhães. - disse John, lentamente - É um sistema planetário irregular extragaláctico. Ali vivem os Outros.

- No espaço vazio? No espaço vazio?

- São versáteis. - disse, em tom de comentário.

- Que sabe sobre eles?

- Não muito, mas o suficiente. Há outras galáxias além desta, Paul, e outras formas de vida além da humana. Os Outros são... hostis, e não sei se é esta a palavra adequada. Quem poderia entender seus objetivos, se por acaso os têm? Foram avisados da nossa galáxia e prenunciam problemas. Não acredito que nos ameace um perigo imediato, mas cedo ou tarde acontecerá o contacto. Se o homem tivesse que enfrentá-los hoje, perderia. Não poderia nem chegar a começar uma batalha.

Ellery havia ficado imóvel. Sua mente parecia, agora, alguma coisa insignificante e inútil. Com grande esforço havia ampliado o horizonte e havia incluído uma galáxia no problema da sua vida. E eis que existiam outras galáxias... Era menos que uma formiga perdida na selva.

- Está ficando tarde - disse John - e a nave deve prosseguir sua rota. O tempo corre e talvez não voltemos a nos ver, Paul. Creio haver-lhe dito quase tudo o que devia dizer-lhe e pode ser que o tenha defraudado. - apontou a revista amassada que jazia sobre a mesa - Tenho a vaidade de crer que o entendo com bastante exatidão. Você tentava achar alguma arma secreta, não é verdade? Um bonito milagre embrulhado com uma fita azul.

Ellery refletiu:

- Incessantemente eu me repetia que não devia contar com nenhuma arma secreta.

ta, - admitiu – mas incessantemente a procurava.

John moveu a cabeça com um gesto de convencimento.

- Só há uma arma digna de consideração no longo caminho, Paul, a única que não se pode vencer sonhando com uma arma melhor: chama-se "o homem". Você vê, - continuou, falando sempre lentamente e com clareza e sem seus exageros costumeiros – está começando a conhecer-nos. Não deve pensar em nós como em uma cultura; nós também somos humanos. A cultura é uma abstração construída com as formas de viver dos diferentes povos e reduzidas a um termo médio para extrair o elemento humano. Uma galáxia é uma ampla região e muitas são as opiniões que ali se debatem. Da mesma forma que nos demais povos, nossos sentimentos não são unânimes. Trabalhamos o melhor que podemos. São as circunstâncias que alimentam os distúrbios.

«Meu amigo, todos nós temos um longo caminho pela frente. Nenhum sistema dura eternamente. Algum dia todos os homens se unirão: e se não, serão aniquilados. Você agora viu os *Outros* e não os esquecerá. Mas seu problema não ficou suspenso no espaço: seu problema se chama Paul Ellery. Deveria investigá-lo melhor. Pessoalmente, acho que é um assunto excelente.

O silêncio invadiu o ambiente.

Ellery viu tudo que o rodeava com uma curiosa e repentina clareza. Viu os livros, uma a um, em suas luxuosas encadernações; viu as luzes brilhando suavemente, o escritório, as cadeiras, as reconfortantes paredes. Viu a garrafa e os delicados copos de cristal. Viu John, e as palavras que não acudiam aos seus lábios.

- Não estamos acostumados a receber provas de amizade nesses tempos. - disse emocionado – Estamos em apuros, não sabemos o que fazer.

- Eu sei. - disse John – E ao diabo com isto! Se é assim, já é o bastante.

- Talvez voltemos a nos ver.

- Talvez. - John olhou o relógio que tinha sobre a mesa – já está na hora de ir.

Ellery se pôs de pé, muito comovido. John começou a revolver uns papéis do escritório. Uma vez removido o muro que sua forte personalidade sabia oferecer, parecia tímido e embaraçado.

Apertaram-se as mãos.

- Saudações, jovem! - disse John – Talvez nos vejamos, quem sabe!

- Assim o espero. Talvez subamos juntos ao céu e toquemos na mesma harpa.

- Boa sorte. É melhor que se apresse, antes que tenhamos que desembarcá-lo na Austrália.

- Obrigado. Conheço o caminho. Obrigado por tudo.

Paul dirigiu-se para a porta, que se abriu à sua frente. Ouviu a voz de John às suas costas: Feliz Natal, meu filho!

A porta fechou-se.

Caminhou rapidamente pela longa passagem até encontrar o globo que o conduziria à Terra. Outra vez ia ficar na Terra, em Jefferson Springs.

Olhou seu relógio. Era quase meio-dia. E era Natal.

CAPÍTULO 20

Os dias restantes explodiam velozmente.

Um, dois, três...

Quatro, cinco, seis.

Em um espaço de tempo que pareceu ter a duração de uma batida de coração, chegou a última manhã do último dia de dezembro. À meia-noite nasceria um novo ano para a Terra. À uma da madrugada, a aeronave do *Centro* partiria para o espaço insondável. Nesta aeronave havia uma passagem reservada para êle. Só faltava subir a bordo e despedir-se da Terra.

Olhou para fora, da janela da sua cozinha. Era um dia cinzento e miserável. O sol brilhava palidamente e distante. Um vento frio e irritante golpeava contra o vidro da janela.

Paul Ellery tinha que se despedir da Terra. Seria realmente tão duro? Era sempre penoso sacudir a própria inércia, soltar as amarras e partir. Penoso mas não impossível. Ao menos por agora.

Agora o mortífero e horrendo brotar da flor de hidrogênio podia florescer e explodir em qualquer encosta nas montanhas. E havia também promessas de uma nova flora: folhas cinzentas na árvore de cobalto, e a aprazível cinza de gases.

Ellery conhecia a guerra de perto. Havia nascido em um século guerreiro. A guerra sempre havia se perfilado no seu horizonte. O fedor da guerra permanecia preso ao seu nariz. Hiroshima e Nagasaki haviam introduzido uma nova tecnologia; haviam atrofiado a arte militar, e os impactos das bombas de hidrogênio, no ironicamente chamado Pacífico, sublinhavam a lição. A cultura terrestre devia mudar, e mudaria. Mas mudaria a tempo?

Tantas vezes tinha ouvido dizer: "Temos que bombardear os bastardos agora que a ocasião é propícia. Destruí-los antes que nos destruam. Talvez desapareçamos do mapa, mas eles desaparecerão junto conosco".

A guerra não era prática. A guerra era suicida. Mas as pessoas não se davam conta disto e reagem como haviam feito sempre. Ninguém lhes dizia que os tempos tinham mudado e que as soluções que serviram vinte anos atrás eram, na atualidade, completamente inúteis.

Mas, o que fazer? O que dizer-lhes?

Não confiavam nas Nações Unidas. Havia perdido a fé. Havia aprendido a ser cínicos em uma escola dolorosa. Ignoravam o que era a ciência; não sabiam que a ciência era um método, e não bombas, automóveis e televisão. Porque? Porque os cientistas não haviam se preocupado em ensiná-los. Os cientistas também eram seres humanos. Eram Frank, Sam, Bob e Henry. Não haviam concessões. Podiam discutir pontos de vista valiosos enquanto o mundo estava se destruindo estrepitosamente.

Homens, mulheres e crianças, todos tinham seus problemas, seus sonhos, seus temores. Cada uma acreditava ter razão. E todos se apressavam, tentavam algo, trabalhavam... como formigas em um formigueiro.

E então aparecia o balde de água fervente.

Ellery não temia os Conservadores. Que a Administração Galáctica corresse com eles. No momento não se preocupava demasiadamente com os Outros: estavam muito distantes ainda. Nem sequer temia Jefferson Springs, ao menos em si mesmo. Não temia os americanos, russos, chineses, ingleses ou esquimós. Temia a todo mundo. Temia a Terra.

Apagou o resto do cigarro em um prato que havia sobre a mesa da cozinha e acendeu outro. Escutou o zumbido da geladeira. Ouviu o gotejar da água em um encanamento sobre a pia. Levantou-se e foi em busca de uma garrafa de cerveja. Lá fora, do outro lado da janela, o mundo parecia muito frio.

Tudo isto quanto à Terra.

Que aconteceria se ele partisse na aeronave dos forasteiros?

Antes de tudo, viveria. Isto era importante para ele; não pretendia ser um mártir. O povo civilizado da galáxia havia aprendido a controlar suas bombas. Pelo menos esta calamidade não existia ali.

No *Centro* tudo seria muito diferente. Ele já não seria o mesmo Paul Ellery. Isto significava uma grande perda? Estava tão satisfeito consigo mesmo que não queria sofrer a menor mudança e continuar sendo o maravilhoso, forte e nobre Paul? Talvez o mudassem aperfeiçoando-o. Seria mais feliz. O *Centro* cuidaria dele. Lhe dariam novas noções sobre os valores e as metas e lhe dariam os meios para conseguir o que ansiava. Muitos dos seus interrogadores teriam resposta; pelo menos os cientistas. Possivelmente poderia continuar suas pesquisas antropológicas ou um equivalente da mesma naquela cultura. Por exemplo, poderia estudar o problema da assimilação cultural. As mudanças que se produzem quando duas culturas diferentes põem-se em contato era um tema fascinante. Na Terra, os cientistas começavam agora a ter um indício sobre a natureza real do processo. No *Centro* aprenderia enormemente sobre tudo aquilo.

Mas as respostas a seus interrogadores de homem seriam mais difíceis de obter. Não obstante, sentia-se disposto a edificar uma nova vida, uma vida melhor. Possivelmente não conseguiria abarcar com a imaginação todas as coisas que chegaria a ver e a realizar. Caminharia pelo futuro com um livro de notas na mão. Os forasteiros também eram seres humanos. Poderia começar do zero e encarar confiantemente as novas perspectivas. Viveria em paz e segurança. Desfrutaria da existência. E talvez tivesse a oportunidade de ajudar a Terra na organização galáctica. Muito mais, com certeza, do que poderia fazer por ela ficando ali. Não seria o mesmo, claro, e talvez não tivesse vontade de ajudar; estaria submetido a leis diferentes. Mas ainda poderia beneficiar algo na Terra. Poderia ser um indivíduo como John. E com toda a alma procurava acreditar nisto.

Olhou seu relógio. Eram seis em ponto, véspera do Ano Novo. Às oito iria à casa de Cynthia para esperarem junto o fim do ano. E dentro de sete horas a aeronave zarparia em direção ao *Centro* e ele viajaria no seu interior.

Lá fora já era noite fechada. Perguntou-se onde estaria John nestes momentos. Quase lhe parecia vê-lo ali, na cozinha, apoiado contra a geladeira, segurando um copo na mão. Com olhos brilhantes, com a calva rosada e reluzindo sob a lâmpada que pendia do teto; movendo os braços e conversando, conversando.

John havia lhe presenteado com uma solução. Não a tinha envolto em um elegante pacote, mas a havia posto em suas mãos. Os índios Osage haviam encontrado petróleo em seu território. Este foi um acontecimento importantíssimo para ele, já que lhes havia permitido integrar-se a uma cultura comercial mediante o dinheiro. John acabava de lhe dar um conselho importantíssimo para integrar-se a outra cultura mais avançada que a sua: havia lhe dado informação, e com esta informação poderia cruzar a linha divisória.

"As circunstâncias atraem sempre os conflitos", havia dito John. E esta era a chave. No presente, o problema não tinha solução. E isto queria dizer que Paul Ellery não obteria jamais a resposta.

Os forasteiros não podiam, legalmente, interferir na Terra; eles obedeciam suas leis. Se um homem conseguia subir pela escada, não lhes era permitido empurrá-lo para baixo. Se a terra conseguisse se manter neste trem – se existia realmente um planeta chamado Terra e não um ajuntamento de nações hostis, - a situação seria diferente. A Terra teria encontrado sua voz. O problema dos forasteiros seria compreensíveis e as técnicas tenderiam, com seu desenvolvimento, a se aperfeiçoarem. E mais ainda: a civilização galáctica, para isto, necessitaria de uma Terra unida, necessitava dela desesperadamente. A sorte havia passado para o outro prato.

Ellery recordou outras frases de John: "Se os Outros chegassem agora, o homem perderia".

A civilização galáctica humana não estava sozinha no universo. Já havia avistado outras formas de vida notoriamente hostis, os Outros, que ainda não tinham nome. Os homens haviam descoberto que esses Outros eram destrutivos e que um dia se enfrentariam. Talvez nesse tempo já não estariam inermes frente às suas armas desconhecidas, mas, sobretudo, era necessário que se unissem e se fortificassem se quisessem sobreviver. Sempre havia uma engrenagem dentro da outra, sempre. A Administração Galáctica era incipiente. E além dos Outros, que esperava o homem? Todos seus esforços reunidos poderiam ser poucos.

No momento, Ellery não podia negociar nenhum tratado com a colônia: a Terra não tinha nada para oferecer. Empenhar-se com todas suas forças em um mal momento era pior que não empenha-se absolutamente nada. Mas se unissem todas as forças em um bom momento, poderiam salvar-se, talvez. Com este projeto, era possível seguir adiante. A civilização galáctica também devia ter interesse em se salvar. Aí estava a solução. A alguns séculos de distância, mas aí estava. Em última instância, o futuro da Terra estava além da Terra, mas na Terra mesmo.

Não podia descarregar a responsabilidade em ninguém mais. Podia ascender em lentas etapas até chegar a um nível digno de consideração, ou condenar-se à anulação e ao esquecimento. Porém, no melhor dos casos, a solução chegaria dentro de algumas centenas de anos. Talvez a Terra não alcançasse nunca esta meta. E, enquanto isso, Ellery tinha que viver sua vida.

Olhou o relógio pela milésima vez.

Eram oito horas. Estava atrasado. Ainda tinha que tomar uma decisão e era inútil enganar-se a si mesmo: não lhe seria apresentada uma segunda oportunidade. Quase não restava tempo. O ano quase havia terminado.

Uns passos femininos ressoaram nas escadas da entrada; Cynthia havia se cansado de esperá-lo.

Paul cruzou rapidamente o vestíbulo e abriu a porta.

Não era Cynthia. Era Anna.

CAPÍTULO 21

Tentou falar e não pôde.

- Olá, Eli! Posso entrar, ou os vampiros estão dando uma festa esta noite?

Ana o olhava, esperando. Seus suaves olhos acinzentados estavam tristes e o cabelo escuro havia sido penteado ligeiramente. Usava uma saia azul e uma blusa branca; a saia estava amassada. Havia permanecido muito tempo guardada, esperando.

- Entra, Anna. - disse Ellery – Faz frio aí fora.

Ana entrou e olhou ao seu redor, sorrindo levemente ao ver o quadro que continuava pendurado olhando para a parede. Tirou o casaco azul, soltou um pouco os cabelos e olhou com ar incerto.

- Como chegou até aqui? - perguntou Ellery bobamente.

- Tomei o ônibus. O sistema de transportes públicos funciona como sempre, tenho o prazer de te comunicar. Viajaram poucos passageiros esta noite.

- Fizeste uma boa viagem?

- Com o máximo deleite. Teci um conjunto de esqui para você.

- Anna, me desculpa, estou completamente transtornado esta noite. Queres café?

- Agora não, obrigada.

Ela estava de pé no vestíbulo e ele não se atrevia a se aproximar.

- Por que veio?

- Tive que fazê-lo, Paul; tinha que ver com meus próprios olhos. Sempre começamos o ano juntos, não acreditei que pudesses esquecer disto. E quero conhecê-la, seja quem for. - Sua voz era menos firme agora – Oh! Não vou chorar!

- Não devias ter vindo.

- Eu sei... e, contudo, aqui estou. - tentou sorrir – Que pretende fazer comigo?

- Vou te pedir um favor, querida. - disse Paul com suavidade – Serias capaz de me fazer ainda mais um favor?

- Tentarei, Eli. Que queres de mim? Que a espere em uma encruzilhada de caminhos e lhe crave uma adaga no coração?

- É algo mais penoso, querida. Tenho que sair. Te peço que não me sigas, que esperes aqui. Te deixarei o Ford, para qualquer coisa que precisares.

Ela o olhou com profundo desconsolo:

- Que está acontecendo, Paul? Estás correndo algum perigo?

- Tens que aceitar as coisas como elas são. Não posso responder a tuas perguntas.

Tens que confiar em mim. Espera-me aqui. Me obedecerás, querida?

Ela inclinou a cabeça afirmativamente, sem compreender.

- Quanto tempo devo esperar?

- Até uma hora da madrugada. - disse ele – Estou te exigindo demais; queria ter te evitado isto. Tentei fazê-lo. Se a uma eu não tiver voltado, pega meu carro, volta para Austin e me esqueça. É preciso que partas.

Ana se jogou em seus braços. Ele a estreitou com força e desespero. Afastou-a com delicadeza, jogou um paletó por cima e partiu.

A noite era áspera e fria. Um gelado vento do norte suspirava pelas ruas desmanteladas e assobiava entre os ramos desnudos das árvores. Restavam menos de quatro horas. Caminhou pelas escuras ruas da cidade. As fileiras de casinhas, semelhantes a caixas fechadas, agachavam-se ao longo das veredas. Pela brecha de uma janela vislumbrou o reflexo de uma pálida luz azul. Os sapatos soavam à sua passagem com um ruído seco e solitário. Jefferson Springs parecia inteiramente deserta ao seu redor.

Subiu as escadas da casa de Cynthia e chamou à porta. Entrou sem esperar que a abrissem.

- Bem, - disse Cynthia levantando-se do sofá – já imaginava que virias aqui.

- Desculpe-me, é tarde.

- Você bebeu?

- Não.

- Esta é sua grande noite, meu amor. Sirvo-lhe uma dose?

- Claro

Cynthia preparou um dos seus inspirados Martínis, que ele bebeu de um só gole, incapaz de saboreá-lo. Ela lhe preparou outro e lhe deu um beijo.

- Descansa, rapaz. - disse – Não queres te civilizar?

Ele sentou no sofá. A beleza de Cynthia dava medo. Sempre dava medo: seu cabelo loiro era suave como a seda e seus olhos azuis tão frios como o gelo. Seu vestido era perverso; tinha um gênio especial para se vestir.

- Tenho me sentido sozinha. Sentirei tua falta, Paul.

- Com certeza.

- De quem tens medo, meu amor?

- Dos canibais.

Ela riu irrazoavelmente.

- Estás nervoso. Outro coquetel, queres?

O Martíni o fez ficar com calor. Não podia pensar. Rechaçava os pensamentos, as ideias que pretendiam impor-se, e lutava para ater-se aos motivos que o haviam levado ali.

Logo soaram onze horas. O tempo urgia.

- Cyn!

- Sim?

- Vim para dizer-te algo.

- Diz então, querido.

O local parecia encolher e aproximá-los: era um lugar quente e seguro que fazia esquecer o frio invernal. Ele se pôs de pé.

- Vim te dizer muitas coisas, Cynthia Queria dizer-te que és uma cadela e tudo o que penso de ti. Querias deitar com um homem das cavernas, certo? Experimentar um autêntico nativo. Compreendi-o na noite do baile, talvez um pouco antes. Tinha interesse em que soubesse que eu não ignorava isto; que ficava comigo porque não conseguia algo melhor. Antes de ir, devia quebrar-te os dentes e ver como ficavas. É infernalmente divertido, Cyn. Acaricie este projeto muito tempo, mas agora já perdeu todo seu valor. Onde poderíamos ir agora?

Cynthia sorveu seu Martíni sem perder a calma.

- Eu sabia que tu sabias, Paul. - disse.

Ele voltou a sentar-se. Sentia-se vazio, ausente. Ela acendeu um cigarro.

- Somos o que somos, rapaz. Parece que descobriu agora. Sou uma inadaptada como você. E também estava muito sozinha, se te interessa. Estava entediada. Este foi meu crime. As pessoas do meu clã são os supremos chatos da criação. É minha opinião sincera. Eles estão aqui porque não tinham cabeça suficiente para ficar onde estavam. Eu estou aqui porque não me encaixo em parte alguma. Não sou uma cidadã exemplar, meu amor. Me sentia sozinha e tu eras algo novo. Também estavas sozinho, e então me entreguei a você. Foi um tempo bom, não é verdade? Acaso me machuquei? Por isto me converti em uma cadela?

- Um ponto a seu favor. - Disse Ellery.

Ela encolheu os ombros.

- Eu continuarei, Paul, como sempre. Quando tudo terminar não terei remorsos nem lamentarei nada. Quando regressares do *Centro*, se te enviarem para cá, passa aqui pra cumprimentar-me.

- Terei deixado de ser interessante. Já não serei um homem das cavernas.

Ela sorriu.

- Isso nós veremos.

- Tenho que ir, Cyn. Obrigado por tudo.

- Boa sorte, meu amor.

Ela o beijou. Em um minuto encontrou-se novamente do lado de fora. Pôs o paletó, tiritando de frio, e olhou o relógio. Era meia-noite; a hora marcada. Um globo metálico o esperava na fazenda de Walls para conduzi-lo à aeronave, ao *Centro*. Tinha que sair dos limites da cidade e passar pela mansão de Garvin Berry. Jim Walls vivia na casa seguinte. Não era muito distante para ir a pé. Levaria menos de meia hora de caminhada.

Deteve-se no meio do vento frio, com os punhos apertados e os olhos fechados. Havia esperado até o último minuto. Agora estava preso na armadilha. À força. Não podia escolher: tinha que dirigir-se para um ou para outro lado. Considerou mais uma vez o que podia fazer. A meia hora de caminhada, uma nave o esperava. A paz, talvez, achava-se a poucos passos, atrás do caminho; uma nova vida o esperava em uma esfera de metal.

Sorriu e se pôs em marcha. Seus passos ressoavam sobre o cimento frio. Jefferson Springs estava escura e gelada ao seu redor. Caminhou através de uma cidade que parecia morta. Mas não caminhava sozinho: as recordações da Terra caminhavam

com ele.

Estava em Austin. Era outono. O lago que rodeava a canoa de alumínio estava tranquilo e cristalino. O sol queimava sobre seus ombros nus. Hank e Chuck bebiam cerveja quente e comiam sanduíches duplos. Os peixes não beliscavam. A água era de uma frescura deliciosa quando soltaram as varas de bambu e mergulharam no verde lago...

Em casa. Um vestíbulo com lâmpadas, livros, quadros e cadeirões que haviam sido seu mundo. A mãe atarefada na cozinha. O pai rindo com um livro na mão: "Papai, me dá dinheiro pra comprar sorvete? Todos os outros meninos vão". A rua, e as árvores na sombra do crepúsculo.

Los Angeles. À meia-noite uma animada reunião. O ambiente denso de fumo. George e Lewis Sage do outro lado da mesa. Todos falando do que tinha que ser feito ante a ameaça de um bombardeio aéreo. Todos aterrorizados pela bomba de hidrogênio. Lewis dizia, sorrindo: "Eu, quando soar o alarme, vou pegar o ônibus. Prefiro ser volatilizado repentinamente e evitar queimaduras horríveis".

Colorado. Uma cidadezinha amparada ao pé do caminho, entre montanhas com neve no topo. Um velho de longa barba com as abas da camisa fora das calças: "Eu me lembro, filhinho, quando o caminho estava minado e trouxeram cem prostitutas de Denver..."

Nova Iorque. Luzes resplandecentes. Um pequeno clube e uma pequena banda de música. O trompetista, quase completamente paralisado, tocava seu instrumentos em uma cadeira de rodas. Seu rosto pálido transpirava sob as luzes brancas. "Aunt Hagar's Blues". Em seu rosto excitado e envergonhado se estereotipava um sorriso. Alguém cantava: "Conseguiste, John, conseguiste".

Meu Deus, e de que coisas recordamos! Coisas que não sabemos que eram tão impressionantes.

Caminhou mais depressa, desceu por uma rua, cruzou outra. Já não sentia frio.

"Apressa-te, não chegues tarde ao teu novo mundo!" Dizia-se. "Não chegues tarde à tua nova vida!"

Havia encontrado seu lugar, seus camaradas. Os obstáculos que se lhe haviam apresentado na única existência que conhecia, haviam sido tremendos. Era um idiota... Não devia se importar... Tinha que apressar-se. A Terra tinha uma chance: tinha que acreditar nisto. Só um pouco de fé, um pouco de esperança...

Tratava-se da sua Terra. Tinha uma tarefa nitidamente traçada. A missão da ciência não consistia em mandar nos outros. Conduzir as pessoas não era tarefa da ciência. Sua única missão era fazer com que os fatos fossem proveitosos para todos, com honestidade e sem temor. A ciência devia começar a ter fé no homem. Nenhum homem podia estabelecer onde acabava o caos e começava a civilização.

O princípio podia ser uma palavra ou uma classe. Ou um homem mais que se apresentava para anotar. Ou um estudo equivocado sobre as comunidades que podia

fazer os homens pensar um pouco. Ou simplesmente a escola superior, gelada sob as estrelas.

Começou a correr. Cruzou a rua, pela frente do seu Ford estacionado, subiu as escadas da sua casa e precipitou-se para dentro. E se deteve. Anna não estava ali, mas... Viu-a na cozinha, tomando café.

Ela o olhou, surpresa.

- Paul!

Beijou-a apaixonadamente; beijou seu pescoço, seus olhos e seu cabelo. Derrubou a cafeteira.

- Feliz Ano Novo, Annie! - conseguiu dizer – Feliz Ano Novo!

- Paul!

- E agora, apressemo-nos, por favor. Junta todas as minhas coisas que puderes carregar e joga no Ford. Rápido!

- Mas...

- És tão orgulhosa que não queres casar comigo?

Sua boca desenhou em um grande e redondo "O". Olhou-o sem dizer uma palavra e logo começou a mexer-se com a energia de um demônio. Reviraram a casa toda como por arte de magia. Apagaram todas as luzes e empilharam roupas e objetos no carro.

Cruzaram os formosos campos solitários rodeados de estrelas.

Lá longe, pelas bandas do leste, onde as baixas e escuras colinas tocavam o céu, Ellery divisou os tênues raios do alvorecer. Sua cidade natal esperava sob o sol nascente.

- Paul, é maravilhoso te ter de volta!

- É maravilhoso estar de volta! - disse ele – Não saberás nunca, Annie, como é maravilhoso voltar...